

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ALESSANDRA CARLA PEIXOTO MONTEIRO

**CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE E ESTRATÉGIAS DE
COPING E SUA RELAÇÃO COM O DESEMPENHO ESPORTIVO DE
ÁRBITROS BRASILEIROS DE FUTEBOL**

BELO HORIZONTE - MG

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ALESSANDRA CARLA PEIXOTO MONTEIRO

**CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE E ESTRATÉGIAS DE *COPING* E SUA
RELAÇÃO COM O DESEMPENHO ESPORTIVO DE ÁRBITROS BRASILEIROS DE
FUTEBOL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Desenvolvimento Humano.

Linha de pesquisa: Diferenças Individuais

Orientadora: Prof. Dra. Marcela Mansur-Alves

BELO HORIZONTE - MG

2017

150 M775c 2017	<p>Monteiro, Alessandra Carla Peixoto</p> <p>Características de personalidade e estratégias de coping e sua relação com o desempenho esportivo de árbitros brasileiro [manuscrito] / Alessandra Carla Peixoto Monteiro. - 2017.</p> <p>100 f.</p> <p>Orientadora: Marcela Mansur-Alves.</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia</p> <p>1. Psicologia – Teses. 2. Esportes – Psicologia – Teses. 3. Árbitros de futebol - Teses. 4. Personalidade - Teses. I. Mansur-Alves, Marcela. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
----------------------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

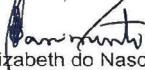
CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE E ESTRATÉGIAS DE COPING COMO PREDITORES DO DESEMPENHO ESPORTIVO DE ÁRBITROS DE FUTEBOL PROFISSIONAL


ALESSANDRA CARLA PEIXOTO MONTEIRO

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, área de concentração DESENVOLVIMENTO HUMANO, linha de pesquisa Desenvolvimento e Diferenças Individuais.

Aprovada em 23 de fevereiro de 2017, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Marcela Mansur Alves - Orientador
UFMG


Prof(a). Elizabeth do Nascimento
Universidade Federal de Minas Gerais


Prof(a). Maria Regina Ferreira Brandao
Universidade São Judas Tadeu

Belo Horizonte, 23 de fevereiro de 2017.

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos os árbitros e assistentes mineiros que sempre acreditaram e apoiaram meus estudos, e ao presidente da CEAf-MG, meu amigo e incentivador Giulliano Bozzano, assim como aos membros da Comissão de Arbitragem mineira Rogério Pereira e Gilson Ornelas.

Agradecimentos

À minha família (Murilo, Raissa, Bernardo, Murilinho e Davi) por estarem ao meu lado. Ao meu pai, minha mãe e minha avó Turca, meus exemplos de vida, por terem me ensinado a não desistir da luta.

Ao meu amigo Alberto Mesaque, que insistiu para que eu entrasse no processo.

Aos árbitros do Distrito Federal, Ceará, Maranhão, Pernambuco e Piauí que participaram da pesquisa.

Aos psicólogos da arbitragem brasileira Marta Magalhães, Yghor Gomes, Tássia Ramos, Bárbara Guimarães, Diana Carvalho e Joyce Sales, que avaliaram os árbitros em seus estados.

Ao Sr. Sérgio Corrêa, que autorizou a pesquisa na CBF.

À Federação Mineira de Futebol, na pessoa do Sr. Castellar Modesto, pelo apoio.

Aos alunos da UFMG que auxiliaram a avaliar e tabular os dados Pedro Couto, Alberto Timóteo, João Aversa e Ricardo Venturelli.

À Vetor Editora, na pessoa do Sr. Cristiano Esteves, que gentilmente emprestou o material.

Aos membros suplentes da banca, Antônio Jaeger e Liza Fensterseifer, pela pronta disposição em participar.

À querida professora Elizabeth Nascimento, esta meiguice de pessoa, que me acolheu com respeito e fez possível a logística da pesquisa com suas sugestões.

À professora Regina Brandão, profissional extremamente competente, que eu admiro e me introduziu ao mundo da Psicologia do Esporte (que hoje se tornou uma das minhas razões de viver).

Agradecimento Especial

À minha orientadora Marcela Mansur, tão jovem e tão capaz, que me fez descobrir, mesmo sem saber, que posso ser uma profissional melhor.

À minha grande amiga Mariana Verdolin, meu braço direito, pois sem ela nada disso seria possível.

*“En este mundo traidor / nada es verdad ni mentira / todo es según el color / del
cristal con que se mira”*

Ramón de Campoamor

Resumo

Sabe-se que traços de personalidade são preditores do uso de estratégias de *coping* e desempenho exitoso no trabalho. No contexto esportivo, os estudos ainda são incipientes quanto à predição do desempenho, e pouco se sabe sobre o padrão de associação entre personalidade e *coping* em árbitros de futebol. O presente estudo verificou o padrão de associação entre traços de personalidade e estratégias de *coping* em árbitros brasileiros de futebol e sua relação com o desempenho esportivo. Foram avaliados 310 árbitros de seis estados, sendo 278 do gênero masculino, 154 árbitros centrais e 150 árbitros assistentes, com média de idade de 31,41 anos (DP=6,44) e tempo de arbitragem médio de 6,8 anos (DP=5,79). A análise dos traços de personalidade apontou para diferenças estatisticamente significativas entre árbitros e população geral nos escores de Conscienciosidade e Extroversão, com os árbitros apresentando médias mais elevadas, e Neuroticismo, com os árbitros apresentando escores mais baixos. Foram encontradas correlações estatisticamente significativas entre todos os traços de personalidade e estratégias de *coping*, com destaque às associações positivas entre estratégias focadas na emoção e Neuroticismo, e focadas no apoio social com Extroversão. Quanto ao desempenho esportivo, nenhuma das dimensões de personalidade ou estratégias de *coping* foram preditoras significativas, talvez em decorrência da maneira como o desempenho foi mensurado neste estudo. Uma melhor categorização do desempenho esportivo em árbitros de futebol torna-se imprescindível, a fim de encontrar critérios físicos, técnicos e psicológicos consistentes que avaliem de forma significativa os árbitros brasileiros quanto ao seu desempenho esportivo.

Palavras-chave: árbitros; futebol; traços de personalidade; *coping*; desempenho esportivo.

Abstract

It is known that personality traits are predictors of the use of coping strategies and successful performance at work. In sports context, studies are still incipient regarding performance prediction, and little is known about pattern association between personality and coping in soccer referees. The present study verified the pattern of association between personality traits and coping strategies in a sample of Brazilian soccer referees and their relation to sports performance. Were evaluated 310 referees from six states, which 278 males, 154 central referees and 150 assistant referees, with a mean age of 31.41 years (SD=6.44) and average arbitration time of 6.8 years (SD=5.79). The personality traits analysis pointed to statistically significant between referees and general population in the Conscientiousness and Extroversion scores, with the referees presenting higher averages, and Neuroticism, for which the referees presented lower scores. Regarding personality traits and coping strategies, statistically significant results were found for all five personality dimensions and problem-focused coping, highlighting the associations between emotion-focused strategies and Neuroticism and between social support and Extroversion. Regarding sports performance, none of the personality dimensions or coping strategies were noteworthy predictors, perhaps due to the way performance was measured in this study. A better categorization of sports performance in soccer referees becomes essential in order to find consistent physical, technical and psychological criteria that significantly evaluate the work performance of Brazilian referees.

Keywords: referees; soccer; personality traits; *coping*; sports performance.

Lista de Figuras

Estudo II

Figura 1. Gráfico de sedimentação do Inventário de Estratégias de *Coping*.....93

Lista de Tabelas

Estudo I

Tabela 1. Distribuição da amostra segundo classe socioeconômica, estado e nível de escolaridade.....	36
Tabela 2. Comparação entre árbitros e população geral nas dimensões do NEO-FFI-R.....	39

Estudo II

Tabela 1. Estatísticas descritivas da amostra.....	63
Tabela 2. Frequência e percentual de uso de cada estratégia de <i>coping</i>	67
Tabela 3. Correlações entre as cinco dimensões de personalidade e as quatro estratégias de <i>coping</i>	68
Tabela 4. Regressão linear entre as cinco dimensões de personalidade na predição das estratégias de <i>coping</i> em árbitros.....	70
Tabela 5. Distribuição dos árbitros nas categorias de desempenho.....	71
Tabela 6. Cargas fatoriais dos itens do Inventário de Estratégias de <i>Coping</i>	94
Tabela 7. Consistência interna (Alfas de <i>Cronbach</i>) das quatro subescalas do Inventário de Estratégias de <i>Coping</i>	98

Lista de Abreviaturas e Siglas

- FIFA – *Fédération Internationale de Football Association*
- ONU – Organização das Nações Unidas
- COMEMBOL – Confederação Sul Americana de Futebol
- CBF – Confederação Brasileira de Futebol
- CBO – Classificação Brasileira de Ocupações
- FMF – Federação Mineira de Futebol
- CIUO – Classificação Internacional Uniforme de Ocupações
- NEO-FFI-R – Inventário de Personalidade NEO Revisado (Versão Curta)
- NEO PPI – Inventário de Personalidade NEO
- NEO PPI R – Inventário de Personalidade NEO Revisado
- CGF – Cinco Grandes Fatores
- N – Neuroticismo
- E – Extroversão
- Ab – Abertura a Experiências
- Am – Amabilidade
- C – Conscienciosidade
- ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa
- TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- SPSS – Pacote Estatístico para as Ciências Sociais/ *Statistical Package for Social Sciences*
- WCC – Inventário de Estratégias de *Coping/ Ways of Coping Checklist*
- AFE – Análise Fatorial Exploratória
- EFP – Estratégia Focada no Problema
- EFE – Estratégia Focada na Emoção
- EFD – Estratégia Focada no Distanciamento
- EFAS – Estratégia Focada no Apoio Social
- VI – Variável Independente
- VD – Variável Dependente
- ANOVA – Análise de Variância/ *Analysis of Variance*
- MANOVA – Análise de Covariância Multivariada/ *Multivariate Analysis of Covariance*

Sumário

1 Introdução Geral	13
1.1 Estrutura da Dissertação	19
1.2 Referências	20
2 Objetivos	26
2.1 Objetivo Geral	26
2.2 Objetivos Específicos	26
3 Estudo I - Características de personalidade de árbitros de futebol de diferentes Estados Brasileiros	27
Resumo	28
Abstract	28
3.1 Introdução	29
3.2 Método	35
<i>3.2.1 Participantes</i>	35
<i>3.2.2 Instrumentos</i>	36
<i>3.2.3 Procedimentos</i>	37
<i>3.2.4 Análise dos Dados</i>	37
3.3 Resultados	38
3.4 Discussão	40
3.5 Conclusão	45
3.6 Referências	46
Apêndice A – Questionário Sociodemográfico.....	53
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	55
4 Estudo II - Estratégias de Coping, traços de personalidade e sua relação com o desempenho esportivo de árbitros de futebol	56
Resumo	57
Abstract	57
4.1 Introdução	58
4.2 Método	62
<i>4.2.1 Participantes</i>	62
<i>4.2.2 Instrumentos</i>	63
<i>4.2.3 Procedimentos</i>	65

4.2.4 <i>Análise dos Dados</i>	66
4.3 Resultados	67
4.3.1 <i>Análise de frequência e comparação entre grupos de árbitros quanto às estratégias mais utilizadas</i>	67
4.3.2 <i>Análises de correlação de Pearson e regressão entre coping e personalidade</i>	68
4.3.3 <i>Diferenças entre categorias de desempenho nos traços de personalidade e estratégias de coping</i>	70
4.4 Discussão	71
4.5 Conclusão	79
4.6 Referências	81
5 Conclusão Geral	90
Apêndice C - <i>Análise psicométrica do Inventário de Estratégias de Coping (Ways of Coping Checklist – WCC)</i>	91

1 Introdução Geral

O futebol apresenta-se, no mundo moderno, como um esporte de grande poder e influência, o que pode ser percebido pelos dados atuais da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA)¹. A FIFA possui 211 países afiliados, enquanto a Organização das Nações Unidas (ONU)² integra 193 países. Em 2002, Yallop afirmou que mais de um quinto da população do planeta estava envolvida com este esporte. O Brasil compartilha desta paixão, sendo reconhecido internacionalmente como “o país do futebol”, além de ser o único a possuir cinco títulos de Campeão Mundial de Futebol, o que demonstra o valor deste esporte para os brasileiros.

A estrutura do futebol profissional mundial se equipara à de uma sociedade capitalista que valoriza a competição e a mensuração dos resultados (Giglio & Rubio, 2013). Segundo Ferreira e Brandão (2012), essa estrutura é comandada pela FIFA e, no Brasil, se vincula à Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol)³ e à Confederação Brasileira de Futebol (CBF)⁴. A CBF representa as 27 Federações Estaduais afiliadas, sendo que estas últimas são responsáveis pelos clubes de Futebol Profissional de seu estado pertencentes as séries A, B, C e D do Campeonato Brasileiro.

Segundo Bueno (2008), o esporte de alto rendimento, mais especificamente o futebol, é caracterizado por atividades que se fundamentam em competições sob regras pré-definidas, participando deste contexto atletas e árbitros, comissão técnica e toda a estrutura do entorno do evento esportivo. Neste contexto, González-Oya e Dosil (2004) afirmam que de todos os envolvidos, o árbitro é o único que não pode faltar na competição, pois sem ele não se pode realizar a partida. Ele apresenta papel de destaque, pois em sua figura reside a autoridade e a responsabilidade de perceber, coordenar, intermediar e, até mesmo, ajustar comportamentos inadequados à prática de uma competição esportiva (Carvalho, 2010). Seu desempenho implica em consequências diretas na performance dos atletas, no placar do jogo ou até mesmo no resultado de uma competição (Guillén & Jiménez, 2001). Um equívoco de sua parte pode trazer prejuízos aos clubes de futebol, que abrangem o tempo, energia e recursos financeiros investidos por patrocinadores (V. Costa, Ferreira, Penna, I. Costa, Noce, & Simim, 2010). Um erro que interfira no placar pode trazer, também, penalizações e sanções a curto e longo prazo

¹Dados retirados do site: <http://www.fifa.com/2015>

²Dados retirados do site: <http://nacoesunidas.org/2015>

³Dados retirados do site: <http://www.conmebol.com/2015>

⁴Dados retirados do site: <http://www.cbf.com.br/2015>

para a equipe de arbitragem, dentre as quais podem ser citadas a exclusão de seus nomes nos sorteios para os jogos seguintes de um campeonato, ou mesmo a estagnação e atraso em sua carreira.

Nas competições oficiais, o árbitro trabalha em equipe composta, geralmente, por quatro integrantes: um árbitro central, dois árbitros assistentes e um quarto árbitro, que embora atuem juntos, possuem funções diferentes (Castagna, Abt, & D'Ottavio, 2007). O árbitro central terá autoridade total para fazer cumprir as Regras do Jogo⁵ (Castagna et al., 2007; González-Oya & Dosil, 2004, 2006; Patiños & Cañadas, 2015; Velho & Fialho, 2015). Os árbitros assistentes auxiliam o árbitro central na direção da partida, sempre submetidos à decisão do segundo, sendo de sua competência marcar tiros de canto ou de meta em sua área de atuação, faltas próximas, laterais e impedimentos. Por fim, o quarto árbitro (que podem ser até dois, em casos de jogos de maior relevância) atua como suporte para a equipe, podendo inclusive, substituir qualquer um dos outros escalados, se impossibilitados de atuar.

Segundo a Lei nº 12.867, de 10 de Outubro de 2013⁶, o árbitro de futebol é um profissional estando inserido na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)⁷ sob o Código 3772 - Árbitro Desportivo, mais especificamente 3772-20 - Árbitro de Futebol, tendo sua função descrita como: “Zelar pela observância do regulamento nas competições esportivas, controlando o andamento das mesmas, registrando as infrações, aplicando as penalidades e fazendo as marcações necessárias para assegurar o processamento desses eventos dentro das normas estabelecidas pelos órgãos desportivos”. Entretanto, poderia estar inserido também no código 3771- Atleta Profissional, que descreve a função como: “Tomam parte como profissionais em competições e provas esportivas. Participam, individualmente ou coletivamente, de competições esportivas, em caráter profissional”, já que na Classificação Internacional Uniforme de Ocupações (CIUO)⁸, ele está incluído na classificação número 3475- Atletas, Desportistas e Afins.

No contexto esportivo, todo árbitro profissional de futebol pode ser considerado um atleta de alto rendimento, na medida em que necessita passar por todo um processo de treinamento físico, técnico e mental para estar apto a atuar no esporte, ademais sua permanência nesta atividade depende de seu desempenho esportivo (Balaguer, 2002; Gimeno,

⁵Dados retirados do site: <http://www.cbf.com.br/arbitragem/regras-futebol-e-livros/livro-de-regras-2015-2016portugues>

⁶Dados retirados do site: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/Lei/L12867.htm/2016

⁷Dados retirados do site: <http://www.mtecbo.gov.br/2016>

⁸Dados retirados do site: <http://www.ilo.org/public/spanish/bureau/stat/isco/2016>

Buceta, Lahoz, & Sanz, 1998; González-Oya & Dosil, 1999, 2003, 2004; Patiño & Cañadas, 2015; Quinteiro & Reseña, 2007; Realley & Warren, 2006; Velho & Fialho, 2015). O desempenho esportivo é composto por, no mínimo, quatro pilares, a saber: o Físico, o Técnico, o Tático e o Psicológico, sendo assim representado na arbitragem (Quinteiro & Reseña, 2007; Patiño & Cañadas, 2015; Velho & Fialho, 2015).

O desempenho físico diz da capacidade para se movimentar em campo acompanhando as jogadas, incorporando alternância na direção e velocidade dos deslocamentos, com agilidade, resistência e explosão. Durante uma partida de futebol, o árbitro percorre, em média, de 12 a 14 quilômetros (Silva & Frausino, 2005). Num período que varia de quatro a seis segundos, o árbitro muda sua ação motora, portanto durante os 90 minutos de jogo ele realiza, em média, 1.268 atividades motoras diferentes (Costa et al., 2010).

O desempenho técnico configura-se como a capacidade para compreender, dominar e aplicar as regras do jogo, além do correto posicionamento e deslocamento em campo. Em um campeonato de relevância, como o Campeonato Brasileiro, o árbitro central adota cerca de 137 decisões observáveis por jogo. Além dessas decisões, ele também faz uso de decisões não observáveis, aquelas que ocorrem quando o árbitro decide não interferir no jogo, totalizando cerca de 180 a 200 decisões. Considerando o número médio de decisões tomadas pelo árbitro e a duração mínima de uma partida de futebol (noventa minutos), tem-se de três a quatro decisões por minuto. Dependendo da partida, serão várias grandes decisões a serem tomadas (Velho & Fialho, 2015).

O plano de trabalho de uma equipe de arbitragem é elaborado antes de cada partida e tem como base os integrantes da mesma (se já trabalharam juntos anteriormente, se conhecem o trabalho do companheiro de equipe e a conduta de cada um), os dois times participantes (tipo de jogo, estratégias mais adotadas, as características dos jogadores), a história do jogo (confronto anteriores entre as duas equipes) e do campeonato (o que vale a partida para cada equipe no campeonato). Ele contém os parâmetros principais a serem adotados ao longo do jogo, e é definido a cada partida, sendo executado pela equipe de árbitros designada para atuar na partida específica. A este plano de trabalho dá-se o nome de desempenho tático. De todas as decisões realizadas em campo, 64% são baseadas no trabalho em equipe entre os árbitros (González-Oya & Dosil, 2003, 2004; Helsen & Bultynk, 2004).

Por fim, o desempenho psicológico envolve os aspectos mentais indispensáveis para auxiliar o árbitro a atuar de forma isenta e com equidade de critérios, pode-se ressaltar estabilidade emocional, uma leitura de jogo clara e imparcial, velocidade na tomada de

decisão, disciplina, segurança em suas decisões, e controle eficaz do estresse (Castagna et al., 2007; Velho & Fialho, 2015).

Em relação à exigência quanto aos desempenhos físico, técnico, tático e mental, evidenciam-se diferenças quando comparados dois grupos de árbitros: aqueles que atuam no futebol profissional do seu estado, e/ou no Brasil, e/ou internacionalmente, e os amadores. O segundo grupo trabalha em campeonatos sem estrutura profissional, logo apresentam menor rigor, além de instituírem suas próprias regras. O Brasil apresenta um grande número desta modalidade superando em quantidade os campeonatos profissionais⁹. É possível que o árbitro amador atue por *hobby* e prazer, ou também por não ser absorvido no mercado profissional, quer por seu desempenho aquém do necessário ou mesmo por falta de espaço para tantos interessados. Apesar das características desta modalidade, eles recebem um apoio financeiro por sua atuação, de menor vulto em comparação ao que recebem os profissionais.

Arbitrar é uma tarefa altamente complexa, não somente pelo fato de o árbitro ter que tomar decisões em um curto período de tempo, mas também por ficar exposto a críticas e pressões dos torcedores, atletas, técnicos e meios de comunicação (Baleh & Scott, 2007; González-Oya, 2006), além de sofrer abusos verbais, ameaças e, até mesmo agressões físicas, ao mesmo tempo os reforçadores positivos são praticamente inexistentes (Ferreira, 2012; Ferreira & Brandão, 2012). Os aspectos elencados contribuem para que esta experiência seja exaustiva tanto emocional, quanto física e intelectualmente o que a torna, de certa forma, excludente para alguns indivíduos que teriam características de personalidade e cognitivas que aumentariam suas reações desadaptativas aos estressores vivenciados diariamente (Baleh & Scott, 2007; Brandão, Serpa, Krebs, Araújo, & Machado, 2011; Ferreira & Brandão, 2012).

Segundo González-Oya (2006), arbitrar é mais do que fazer cumprir regras e regulamentos, pois tem a ver, antes de tudo, com a própria experiência pessoal, conhecimento de si e da arbitragem. Muitas tarefas do árbitro levam em conta sua percepção subjetiva da ação, estando sujeitas ao seu julgamento de valor e à sua interpretação. Considerando tais aspectos psicológicos, verifica-se a necessidade de estudar de forma mais profunda as características pessoais e as potencialidades que fazem o árbitro ter um desempenho bem sucedido dentro de campo (González-Oya & Dosil, 2004).

No esporte, desempenhos excepcionais são alvos recorrentes de pesquisas, as quais objetivam entender quais as características ou competências que tornam estes atletas diferenciados, ou mesmo o que distingue esses atletas dos outros com desempenhos dentro da

⁹Dados retirados do site: <http://fmf.com.br/2016>

expectativa (Matos, Cruz & Almeida, 2011). Segundo Williams e Hodges (2005), há menos de uma década, pesquisadores têm buscado pelas competências psicológicas indispensáveis a um atleta de elite. Segundo Masala, Sunje, Rado e Bonacin (2009) e Min, Kim, Choe, Eom e McKay (2008), isto nos remete a uma busca cada vez mais acentuada pelo melhor modelo preditivo da performance de um atleta.

Evidências empíricas indicam que os fatores psicológicos são preditores consistentes de desempenho esportivo (Aidman, 2007; Allen & Laborde, 2014; Allen, Greenlees, & Jones, 2011, Garcia-Naveira & Ruiz, 2013; Orlick & Partington, 1988; Smith & Christensen, 1995). Aliados à capacidade física e técnica, outros fatores também são primordiais para a evolução de um desempenho de excelência, como, por exemplo, o tempo de prática, o conhecimento do jogo, além de aspectos psicológicos como o desejo de excelência e de êxito, a auto eficácia elevada, a capacidade de detectar informações relevantes do ambiente para se antecipar às situações e o autocontrole. Santos (2011) afirma que a paixão pelo esporte que pratica também é fator essencial nesta construção.

Segundo Baker e Horton (2004), o desempenho esportivo é um processo resultante da interação de dois tipos de influências: primária, constituída pela genética (por exemplo, habilidades motoras para treinamento e características psicológicas) e, influências secundárias, compostas por aspectos socioculturais e ambientais. Quanto aos aspectos psicológicos, os autores afirmam que as pesquisas têm demonstrado que para a aquisição da proficiência, uma disposição motivacional adequada para persistir nos treinamentos é necessária (Baker & Horton, 2004). Já para a manifestação da alta performance, destacam-se a capacidade de concentração, controle da ansiedade, autoconfiança e resiliência (Cox, 1990; Gould, Petlichkoff, Simons, & Vevera, 1987; Gould, Dieffenbach & Moffett, 2002; Williams & Krane, 2001). Morgan (1980) destaca a tendência a apresentarem “*Perfillceberg*”(alto vigor, e baixas tensão, depressão, raiva, fadiga e confusão). Anshel (1997) relatou que atletas de elite estão predispostos a tomadas de decisão de alto risco e a uma maior busca por sensações e competitividade. Ademais, Singer e Janelle (1999) destacam a importância de saber manejar bem as obrigações e as distrações.

Dentre os fatores psicológicos, a personalidade tem sido alvo de estudos nos Estados Unidos, Austrália, Reino Unido, Canadá, especialmente com o advento do modelo dos cinco grandes fatores (Baker & Horton, 2004; Piemonte, Hill, & Blanco, 1999; Rhodes & Smith, 2006; Tolea, Terracciano, Simonsick, Metter, Costa Jr. & Ferrucci, 2012). Em revisão feita por Garcia-Naveira e Ruiz (2013) de 35 artigos publicados entre 1976 e 2013, maior Extroversão (ativo, otimista, impulsivo e facilidade em estabelecer contato social), baixo a

moderado Neuroticismo (estabilidade emocional) e alta Conscienciosidade (tendência a ser organizado e orientado para a realização) parecem constituir as características de personalidade de atletas quando comparados à população geral. Ademais, estes autores perceberam também que atletas mais velhos possuíam níveis mais altos de Abertura e mais baixos de Neuroticismo, ou seja, eram mais flexíveis quanto a aceitação de novidades e mais estáveis emocionalmente, que atletas mais jovens.

Outro aspecto que tem merecido destaque em estudos recentes é o *Coping*. Gomes, Coimbra, Bara-Filho e Miranda (2007) entendem o *coping* como enfrentamento, gerenciamento, uma forma de lidar com o estresse e esclarecem que ainda é pouco estudada pelos psicólogos do esporte do Brasil. A teoria de *coping* mais popular, e que será utilizada neste estudo, é a de Folkman e Lazarus (1985). Tem um caráter cognitivista e de avaliação individual, na qual o indivíduo percebe, interpreta e representa mentalmente a situação de estresse para, em seguida, adotar uma estratégia de comportamento com o objetivo de reduzir o mal-estar provocado por demandas internas e externas de uma situação. Os autores ainda dividem as estratégias de enfrentamento em dois grandes tipos: focado no problema, busca pela modificação da situação estressora e focado na emoção, busca pela regulação do estado emocional decorrente do estresse.

Nicholls, Remco e Polman (2006) afirmam que as competições apresentam estressores diversos para os atletas, como, por exemplo, a dor, o medo, a falta de confiança, lesões, relação com o treinador, além das exigências da prática desportiva e, que não lidar bem com elas, é um fator significativo de fracasso para os atletas. Estudos apresentam resultados semelhantes quanto ao tipo de estratégia de *coping* utilizados por atletas durante as competições. Nicholls et al. (2006) e Holt e Dunn (2004) avaliaram estratégias de *coping* de atletas femininas de Rúgbi e Futebol, respectivamente, por meio de registros em um diário (criado com uma listagem de estressores e estratégias possíveis avaliados por meio de uma escala tipo *Likert*) em um período de competições. Em ambos os estudos, verificou-se maior utilização de estratégias classificadas como focadas no problema, sendo o uso de estratégias focadas na Emoção e Evitativas (em que o atleta procura afastar-se do evento estressor, física ou internamente), restrito a situações nas quais as atletas identificavam já ter havido algum tipo de dano, o que vai ao encontro da teoria de Folkman e Lazarus (1985). Estes resultados são consistentes com pesquisas anteriores (Crocker & Isaak, 1997; Gaudreau, Lapierre & Blondin, 2001; Gaudreau, Blondin, & Lapierre, 2002; Nicholls, Holt, Polman, & James, 2005).

As características distintivas do atleta brasileiro quando comparado à população geral, bem como sua relação com o desempenho ainda são pouco investigadas, especialmente em se tratando de árbitros de futebol (Bara-Filho, Ribeiro, & García, 2005). No Brasil, há poucos estudos sobre o pilar psicológico da arbitragem. Porém, vários estudos internacionais (Philippe, Vallerand, Andrianarisoa, & Brunel, 2009; Garcia-Tardón, Millán, & Martín, 2011; González-Oya & Dosil, 2003, 2004) têm demonstrado a importância de conhecer características psicológicas preditoras de sucesso e desempenho profissional, também em contextos como o da arbitragem. Investigar aspectos que podem interferir no desempenho do árbitro de futebol é contribuir para o avanço da área, na medida em que possibilita atuar de forma mais contundente sobre essas questões.

Atualmente, os atletas são monitorados e comparados por tecnologia específica quanto ao seu desempenho físico, técnico e tático, o que possibilita o nivelamento da performance dos atletas em tais quesitos. Assim, diferenças em seu rendimento ocorrem, possivelmente, por conta de características psicológicas individuais (Rabelo, 2013). Considerando o árbitro de futebol um atleta de alto rendimento, torna-se imprescindível avaliar e buscar compreender de que forma a personalidade e as estratégias de *coping* diferenciam esse profissional e predizem seu desempenho. Considerando o anteriormente exposto, elaboram-se os seguintes problemas para o presente estudo: quais as características de personalidade e as estratégias de *coping* mais utilizadas pelo árbitro de futebol brasileiro? As características de personalidade e as estratégias de *coping* estão relacionadas ao desempenho esportivo desses árbitros?

1.1 Estrutura da dissertação

A presente dissertação está composta por uma Introdução Geral, apresentada na seção anterior, que pretendeu contextualizar a temática a ser abordada pelo presente trabalho e formular o problema de pesquisa. A seguir serão apresentados os objetivos gerais e específicos do trabalho. Ademais, dividiu-se esta dissertação em dois artigos a fim de facilitar a apresentação dos métodos e resultados encontrados. O primeiro artigo, **Características de personalidade de árbitros de futebol de diferentes Estados Brasileiros**, foca na apresentação de literatura pertinente ao estudo das diferenças individuais em personalidade no contexto esportivo, bem como no objetivo de se caracterizar a personalidade dos árbitros de diferentes Estados brasileiros. O segundo artigo, **Características de Personalidade e Estratégias de *Coping* e sua relação com o desempenho esportivo de árbitros de futebol**, apresenta e discute a literatura e os resultados da caracterização das estratégias de *coping*

utilizadas por árbitros brasileiros de futebol e apresenta a relação encontrada entre traços de personalidade e as estratégias de *coping* com o desempenho esportivo. Por fim, será apresentada uma conclusão final geral, em que pese as contribuições e limitações do presente trabalho, além de sugestões para futuros estudos nesta área.

1.2 Referências

- Aidman, E. V. (2007). Attribute-based selection for success: The role of personality attributes in long-term predictions of achievement in sport. *The Journal of the American Board of Sport Psychology*, *1*, 1-18. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/284098744_Attribute-based_selection_for_success_The_role_of_personality_attributes_in_long_term_predictions_of_achievement_in_sport
- Allen, M. S., & Laborde, S. (2014). The role of personality in sport and physical activity. *Current Directions in Psychological Science*, *23*(6), 460–465. doi: 10.1177/0963721414550705cdps.sagepub.com
- Allen, M. S., Greenlees, I., & Jones, M. (2011). An investigation of the five-factor model of personality and coping behaviour in sport. *Journal of Sports Sciences*, *29*(8), 841–850. doi: 10.1080/02640414.2011.565064.
- Anshel, M. H. (1997) *Sport psychology: From theory to practice* (3rd Edition). San Francisco, CA: Pearson Education.
- Baker, J., & Horton, S. (2004). A review of primary and secondary influences on sport expertise. *High Ability Studies*, *15*(2), 211-228. doi: 10.1080/1359813042000314781
- Balaguer, I. (2002). La preparación psicológica en el tenis. En J. Dosil (Ed.). *El psicólogo del deporte* (pp. 239-276). Madrid, España: Síntesis.
- Baleh, M. J., & Scott, D. (2007). Contrary to popular belief, refs are people too! Personality and perceptions of officials. *Journal of Sport Behavior*, *30*(1), 3-20. Recuperado de <http://www.matildasfootball.com/refereebias/Contrary%20to%20Popular%20Belief,%20Refs%20are%20People%20Too!.pdf>
- Bara-Filho, M., Ribeiro, L., & García, F. (2005). Personalidade de atletas brasileiros de alto-rendimento: Comparações entre os gêneros masculino e feminino e correlação com nível competitivo e tempo de treinamento. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, *5*(1), 31-39. Recuperado de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpcd/v5n1/v5n1a04.pdf>
- Brandão, R., Serpa, S., Krebs, R., Araújo, D., & Machado, A. A. (2011). El significado de arbitrar: percepción de jueces de fútbol profesional. *Revista de Psicología del Deporte*, *20*(2), 275-286. Recuperado de <http://www.redalyc.org/pdf/2351/235122167003.pdf>

- Bueno, L. (2008) *Políticas públicas do esporte no Brasil: razões para o predomínio do alto rendimento* (Tese de Doutorado, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo). Recuperado de <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2493/72040100444.pdf>
- Carvalho, E. (2010). *Psicologia Aplicada à Arbitragem* (Manual). Rio de Janeiro, RJ.
- Castagna, C., Abt, G., & D'Ottavio, S. (2007). Physiological aspects of soccer refereeing performance and training. *Sports Medicine*, 37(7), 625-646. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17595157>
- Costa, V. T., Ferreira, R. M., Penna, E. M., Costa, I. T., Noce, F., & Simim, M. A. M. (2010). Análise do estresse psíquico em árbitros de futebol. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 3(2), 2-16. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbpe/v3n2/v3n2a02.pdf>
- Cox, R. H. (1990) *Sport psychology: concepts and applications*. New York, NY: Mc Graw-Hill College.
- Crocker, P. R. E., & Isaak, K. (1997). Coping during competitions and training sessions: Are youth swimmers consistent? *International Journal of Sport Psychology*, 28(4), 355-369. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/292558320_Coping_during_competitions_and_training_sessions_Are_youth_swimmers_consistent
- Ferreira, R. D. (2012). *Árbitro de futebol profissional: motivos para início, permanência e disposição para o abandono da carreira* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo). Recuperado de https://www.usjt.br/biblioteca/mono_disser/mono_diss/2012/197.php
- Ferreira, R. D., & Brandão, M R. (2012). Árbitro brasileiro de futebol profissional: Percepção do significado do arbitrar. *Revista da Educação Física da Universidade Estadual de Maringá*, 23(2), 229-238. doi: 10.4025/reveducfis.v23i2.15235
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1985). If it changes it must be a process: A study of emotion and coping during three stages of a college examination. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48, 150-170. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/2980281>
- García-Naveira, A., & Ruiz, R. (2013). The personality of the athlete: A theoretical review from the perspective of traits. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y del Deporte* 13(51), 627-645. Recuperado de <https://revistas.uam.es/rimcafd/article/view/3970/4217>
- García-Tardón, B., Millán, C. G., & Martín, J. J. S. (2011). Características psicológicas de los árbitros de *waterpolo* en España. *AGON International Journal of Sport Sciences*, 1(2), 63-72. Recuperado de http://agonjournal.com/wp-content/uploads/2012/08/2_Garc%C3%ADa_Tard%C3%B3n_63_72_DEFINITIVO.pdf

- Gaudreau, P., Blondin, J. P., & Lapierre, A. M. (2002). Athletes' coping during a competition: Relationship of coping strategies with positive affect, negative affect, and performance goal discrepancy. *Psychology of Sport and Exercise*, 3, 125–150. doi: 10.1016/S14690292(01)00015-2
- Gaudreau, P., Lapierre, A. M., & Blondin, J. P. (2001). Coping at three phases of competition: Comparison between pre-competitive, competitive, and post-competitive utilization of the same strategy. *International Journal of Sport Psychology*, 32, 369–385. Recuperado de <https://www.cabdirect.org/cabdirect/abstract/20023156468>
- Giglio, S.S., & Rubio, K. (2013). Futebol profissional: O mercado e as práticas de liberdade. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 27, 387-400. doi: 10.1590/S180755092013000300006.
- Gimeno, F., Buceta, J. M., Lahoz, D., & Sanz, G. (1998). Evaluación del proceso de toma de decisiones en el contexto del arbitraje deportivo: Propiedades psicométricas de la adaptación española del cuestionario DMQ II en árbitros de balonmano. *Revista de Psicología del Deporte*, 7(2), 249-258. Recuperado de <https://ddd.uab.cat/pub/revpsidep/19885636v7n1/19885636v7n1p249.pdf>
- Gomes, S., Coimbra, D., Guillén, F., Miranda, R., & Bara-Filho, M. (2007). Análise da produção científica em Psicologia do Esporte no Brasil e no exterior. *Revista Iberoamericana de Psicología Del Ejercicio y El Deporte*, 2(1), 25-40. Recuperado de <http://www.redalyc.org/pdf/3111/311126252003.pdf>
- González, A. M. (1999). Magnitud y fuentes de estrés en árbitros de baloncesto y voleibol de élite. En G. Nieto y E. Garcés (coord.). *Psicología de la actividad física y el deporte: Áreas de investigación y aplicación* (pp. 52-59). Murcia: Sociedad Murciana de Psicología de la Actividad Física y el Deporte.
- González-Oya, J. L. (2006). *Psicología Aplicada al Árbitro de Fútbol: Características Psicológicas y su Entrenamiento*. Sevilla, España: Wanceulen Editorial Deportiva.
- González-Oya, J., & Dosil, J. (2003). Comparación de las habilidades psicológicas de árbitros de fútbol y baloncesto. En Actas del IX Congreso Nacional de Psicología de la Actividad Física y el Deporte (pp. 258-264), León, España.
- González-Oya, J.L., & Dosil, J. (2004). Características Psicológicas de los Árbitros de Fútbol de la Comunidad Autónoma Gallega. *Cuadernos de Psicología del Deporte Dirección General de Deportes*, 4. Recuperado de <https://digitum.um.es/xmlui/handle/10201/27475>
- González-Oya, J. L., & Dosil, J. (2006). *La psicología del árbitro de fútbol*. Noia, España: Editorial Toxosoutos.
- Gould, D., Dieffenbach, K. & Moffett, A. (2002). Psychological characteristics and their development in Olympic champions. *Journal of Applied Sport Psychology*, 14, 172–204. doi: 10.1080/10413200290103482

- Gould, D., Petlichkoff, L., Simons, J., & Vevera, M. (1987). Relationship between competitive state anxiety inventory-2 scores and pistol shooting performance. *Journal of Sport Psychology, 9*, 33–42. doi: 10.1123/jsp.9.1.33
- Guillén, F.G., & Jiménez, H. B. (2001). Características deseables en el arbitraje y el juicio deportivo. *Revista de Psicología del Deporte, 10*(1). Recuperado de <http://www.redalyc.org/pdf/3111/311126248002.pdf>
- Helsen, W., & Bultynck, J. (2004). Physical and perceptual-cognitive demands of top-class refereeing in association football. *Journal of Sports Sciences, 22*(2), 179-189. doi: 10.1080/02640410310001641502
- Holt, N. L., & Dunn, J. G. H. (2004). Toward a grounded theory of the psychosocial competencies and environmental conditions associated with soccer success. *Journal of Applied Sport Psychology, 16*, 199–219. doi: 10.1080/10413200490437949
- Masala, A., Sunje, A., Rado, I., & Bonacin, D. (2009). Analysis of innovative model of functional roles and levels of sports management organization. *Sport Science, 2*, 55-61. Recuperado de https://www.researchgate.net/profile/Izet_Radjo2/publication/267807778_Analysis_of_innovative_model_of_functional_roles_and_levels_of_sports_management_organization/links/546084300cf2c1a63bfd4cd.pdf
- Matos, D. S., Cruz, J. F. A., & Almeida, L. S. (2011). Excelência no desporto: Para uma compreensão da “arquitectura” psicológica dos atletas de elite. *Revista Motricidade, 7*(4), 27-41. Recuperado de http://www.revistamotricidade.com/arquivo/2011_vol7_n4/v7n4a04.pdf
- Min, B., Kim, J., Choe, C., Eom, H., & McKay, R. I. (2008). A compound framework for sports results prediction: A football case study. *Knowledge-Based Systems, 21*(7), 551-562. Recuperado de <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.144.244&rep=rep1&type=pdf>
- Morgan, W. P. (1980). The trait psychology controversy. *Research Quarterly for Exercise and Sport, 51*, 50–76. doi:10.1080/02701367.1980.10609275
- Nicholls, A. R., Holt, N., & James, W. G. (2005). Stress and coping among international adolescent golfers. *Journal of Applied Sport Psychology, 17*(4), 333–340. doi: 10.1080/10413200500313644
- Nicholls, A. R., Holt, N. L., Polman, R. C., & Bloomfield, J. (2006). Stressors, coping, and coping effectiveness among professional rugby union player. *The Sport Psychologist, 20*(3), 314-329. Recuperado de <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.465.2464&rep=rep1&type=pdf>
- Orlick, T., & Partington, J. (1988). Mental links to excellence. *The Sport Psychologist, 2*(2), 105-130. doi: 10.1123/tsp.2.2.105

- Patiño, O., & Cañadas, M. (2015). Análisis de la figura del árbitro deportivo y su intervención en el proceso de formación deportiva. *Revista Pedagógica Adal*, 18(30), 25-32. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/282294806_ANALYSIS_OF_THE_FIGURE_OF_SPORTS_REFEREE_AND_HIS_INTERVENTION_IN_THE_PROCESS_OF_SPORTS_TRAINING
- Philippe, F. L., Vallerand, R. J., Andrianarisoa, J., & Brunel, P. (2009). Passion in referees: Examining their affective and cognitive experiences in sport situations. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 31(1), 77-96. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19325189>
- Piedmont, R. L., Hill, D. C., & Blanco, S. (1999). Predicting athletic performance using the five-factor model of personality. *Personality and Individual Differences*, 27(4), 769–777. Recuperado de <http://ereserve.library.utah.edu/Annual/ESS/3340/Podlog/predicting.pdf>
- Quintero, E. G. (2007). Reseña de "Psicología aplicada al árbitro de fútbol. Características psicológicas y su entrenamiento" de Jacinto González Oya [Resenha de *Psicología aplicada al árbitro de fútbol: Características psicológicas y su entrenamiento*, de J. G. Oya]. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*. 2(1),127-130. Recuperado de <https://www.google.com.br/url?sa=t&ret=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjsi9zPuYfYAhVB6SYKHDFDgMOFgg0MAE&url=http%3A%2F%2Fwww.redalyc.org%2Fpdf%2F3111%2F311126252010.pdf&usg=AOvVaw1sXHXoBfgjivPshUTqRqdc>
- Rabelo, I. S.(2013). *Investigação de traços de personalidade em atletas brasileiros: análise da adequação de uma ferramenta de avaliação psicológica* (Tese de Doutorado, Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo). Recuperado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39133/tde-12022014-133441/pt-br.php>
- Reilly, T., & Warren, G. (2006). Special populations: The referee and assistant referee. *Journal of Sports Sciences*, 24(7), 795–801. doi: 10.1080/02640410500483089
- Rhodes, R. E. & Smith, N. E. I. (2006). Personality correlates of physical activity: A review and meta-analysis. *British Journal of Sports Medicine*, 40, 958–965. doi: 10.1136/bjism.2006.028860
- Santos, P. B. (2011). *Estresse psicofisiológico em atletas de futebol de campo da categoria Sub-17* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba). Recuperado de http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/25888/dissertacao_pdf.pdf?sequencia=1&isAllowed=y
- Silva, A. I., & Frausino, N. M. S. (2005). Análise dos comentários da imprensa em relação ao árbitro de futebol. *EFDeportes.com, Revista Digital*, 10(84). Recuperado de <http://www.efdeportes.com/efd84/arbitro.htm>

- Singer, R. N. & Janelle, C. M. (1999). Determining sport expertise: From genes to supremes. *International Journal of Sport Psychology*, 30, 117–150. Recuperado de <http://psycnet.apa.org/record/1999-11726-001>
- Smith, R. E., & Christensen, D. S. (1995). Psychological skills as predictors of performance and survival in professional baseball. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 17(4), 399-415. doi: 10.1123/jsep.17.4.399
- Tolea, M. I., Terracciano, A., Simonsick, E. M., Metter, E. J., Costa Jr., P. T., & Ferrucci, L. (2012). Associations between personality traits, physical activity level, and muscle strength. *Journal of Research in Personality*, 46(3), 264–270. doi: 10.1080/02640410400021328
- Velho, N. M., & Fialho, A. F. P. (2015). Competências básicas na formação de árbitros de futebol. *EFDeportes.com, Revista Digital*, 20(208). Recuperado de <http://www.efdeportes.com/efd208/competencias-basicas-de-arbitros-de-futebol.htm>
- Williams, A. M., & Hodges, N. J. (2005). Practice, instruction and skill acquisition in soccer: Challenging tradition. *Journal of sports Sciences*, 23(6), 637-650. doi: 10.1080/02640410400021328
- Williams, J. M., & Krane, V. (2001) Psychological characteristics of peak performance. In: J. M. Williams (Ed.), *Applied sport psychology: personal growth to peak performance* (pp. 162–178). Mayfield, CA: Mountain View.
- Yallop, D. A.(2002) *Como eles roubaram o jogo: segredos dos subterrâneos da FIFA*. Rio de Janeiro, RJ: Record.

2 Objetivos

2.1 Objetivo Geral

Verificar se características de personalidade e estratégias de *coping* estão associadas ao desempenho de árbitros brasileiros de futebol.

2.2 Objetivos Específicos

- a) Verificar a existência de diferenças nas características de personalidade, por meio do modelo dos Cinco Grandes fatores, entre árbitros quando comparados à população geral;
- b) Levantar as estratégias de *coping* mais utilizadas pelos árbitros;
- c) Verificar o padrão de associação entre traços de personalidade e estratégias de *coping* em árbitros de futebol;
- d) Identificar se há relação entre os traços da personalidade e as estratégias de *coping*, com base no modelo dos Cinco Grandes Fatores, e o desempenho dos árbitros.
- e) Identificar diferenças relativas à idade, gênero e tempo de experiência profissional, nas características de personalidade e nas estratégias de *coping* dos árbitros.

3 Estudo I

Características de personalidade de árbitros de futebol de diferentes Estados Brasileiros

Alessandra Carla Peixoto Monteiro¹

Marcela Mansur-Alves²

¹Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

²Professora Adjunta do Departamento de Psicologia, Laboratório de Estudos do Comportamento, Cognição e Aprendizagem (LECCA) – Universidade Federal de Minas Gerais.

Resumo

O objetivo deste estudo foi verificar a existência de diferenças nas características de personalidade de árbitros de futebol comparados à população geral. Outro objetivo foi identificar diferenças nos traços de personalidade relativos às variáveis sociodemográficas. A amostra contou com 285 árbitros de futebol dos Estados do Ceará, Distrito Federal, Maranhão, Minas Gerais, Pernambuco e Piauí, sendo 144 árbitros assistentes e 141 árbitros centrais, com idades variando de 18 a 46 anos ($M = 31,3$ anos; $DP = 6,1$), 254 do sexo masculino e 137 apresentando curso superior completo. O tempo médio de experiência na arbitragem é de 6,9 anos ($DP = 5,5$). Para avaliação da personalidade foi utilizado o Inventário NEO-FFI-R. Os resultados encontrados apontaram para uma diferença estatisticamente significativa entre árbitros e a população geral em todos os cinco fatores, sendo, maior em Neuroticismo ($d = 0,83$) e em Conscienciosidade ($d = -0,90$). Para a Extroversão, os árbitros apresentaram escores mais altos do que a população geral ($d = -0,58$), o que se assemelha ao que é observado para atletas de alto rendimento. Quanto à relação com variáveis de gênero, idade e tempo de experiência, os resultados demonstraram que os árbitros do sexo masculino são mais velhos do que as árbitras ($d = 0,4$) e apresentam mais tempo de arbitragem ($d = 0,7$), além de escores mais altos em Amabilidade ($t = 2,5$; $p < 0,05$; $d = 0,3$) que as árbitras. Os resultados apresentados parecem indicar que os árbitros apresentam níveis nos traços características de personalidade mais semelhantes àqueles observados em atletas de alto rendimento do que à população em geral, ou seja, escores mais altos em Conscienciosidade e Extroversão e mais baixos em Neuroticismo.

Palavras-chave: Traços de personalidade; árbitros; futebol; atletas de alto rendimento.

Abstract

The aim of this study was to verify the existence of differences in referees' personality profile compared to general population, in order to identify differences related to sociodemographic variables and to verify the similarity between referees and other high performance athletes. The sample consisted of 285 soccer referees from the states of Ceará, Federal District, Maranhão, Minas Gerais, Pernambuco and Piauí. 144 were assistant referees and 141 central referees, ranging in age from 18 to 46 years ($M = 31.3$ years; $SD = 6.1$). 254 were males and 137 were graduated, with an average time of experience in refereeing of 6.9 years ($SD = 5.5$). The NEO FFI Inventory was used to evaluate the personality. The results indicated a statistically significant difference between referees and the general population in all five factors, being higher in Neuroticism ($d = 0.83$) and in Conscientiousness ($d = -0.90$). The referees also showed higher scores in Extraversion ($d = -0.58$), which is similar to the profile of high performance athletes presented in international literature. Regarding the relationship between gender, age and refereeing time variables, the results showed that male referees are older ($d = 0.4$) and present more experience in refereeing ($d = 0.7$), as well as a higher score in Agreeableness ($T = -2.5$, $p < 0.05$, $d = 0.3$) than female referees. The refereeing time did not show a significant correlation with any personality dimensions, which can be explained by the "Selection Hypothesis" that defends that the psychological abilities are responsible for introducing and keeping the athletes in the high-performance sports context. The results showed that the referee sample investigated has a personality profile (high Conscientiousness and Extraversion and low Neuroticism), that is similar to the high-performance athletes and which distinguishes the referees from the general population.

Keywords: Personality traits; referees; soccer; high performance athletes.

3.1 Introdução

O estudo da personalidade humana sempre despertou o interesse de pesquisadores também na área do Esporte. Cox (2009) relata que entre 1960 e 1970 existiam 572 fontes de investigações que buscavam uma relação entre personalidade e desempenho esportivo, mas caíram em desuso, muito provavelmente, como resultado da existência de diferentes modelos e teorias explicativas para a personalidade e, como consequência da excessiva diversidade metodológica entre os estudos feitos por autores ou grupos de pesquisa distintos. Ucha (2008) indica que o estudo da personalidade no esporte, data do término da segunda guerra mundial, especialmente na antiga União Soviética. Porém, apesar de apresentarem estudos acerca da importância das teorias da personalidade, os psicólogos do esporte soviéticos não conseguiram demonstrar como ela poderia auxiliar na prática desportiva (Cruz & Viana, 1996), e por isso, não se sustentou. Ele credita esta situação ao fato de que na antiga União Soviética, a imensa maioria dos especialistas em Psicologia do Esporte não eram psicólogos, e sim professores de Educação Física ou treinadores, que adquiriam o grau de mestre ou de doutores em Ciências Psicológicas, nos Institutos de Cultura Física e Esporte. Assim, não havia uma compreensão exata do construto personalidade, tampouco teoria consistente para seu estudo.

Desde então, o estudo da personalidade no esporte passou por etapas distintas, e sua evidência oscilou em cada fase, ou seja, ora foi valorizada e ora descartada. Esta oscilação deve-se (Eysenck, 1982; Garcia-Naveira & Ruiz, 2013; Vealey, 2002) a alguns fatores como, por exemplo, às diferentes abordagens que embasam as teorias de personalidade e que na prática pouco contribuem para o esporte, aos muitos instrumentos utilizados na aferição, ao foco da investigação (características, valores, motivação, emoção, etc.), falta de rigor metodológico e conceitual, diferenças na amostra dos atletas, requisitos psicológicos diferentes para cada modalidade esportiva (Baker & Horton, 2004), abordagens e testes específicos para a área da psicologia clínica. Todos estes fatores contribuíram para a grande variedade de resultados inconclusivos e contraditórios que minaram o interesse pelo estudo da personalidade e sua relação com o esporte (Raglin, 2001). Sendo assim, dois grupos se formaram desde então e foram denominados, “os crédulos e os céticos” quanto à necessidade de levar em consideração a personalidade para o entendimento das diferenças de performance entre os atletas.

Integrando o grupo dos “crédulos”, Laborde, Breuer-Weißborn e Dosseville (2013) apostam nas diferenças individuais da personalidade, para permitir, por exemplo, a

compreensão de como os atletas diferem das pessoas em geral e uns dos outros. Eles relatam a importância de se alcançar uma melhor compreensão do seu objeto de estudo, o atleta, entendendo as particularidades de cada um a fim de ajudá-los, de forma mais eficaz, a alcançar um ótimo desempenho. Outros autores, tais como Allen, Greenlees e Jones (2013), vêm estudando a relação entre características de personalidade e desempenho em atletas. Esses autores concluem que a personalidade é um determinante importante do sucesso a longo prazo no esporte, e identifica diferenças de personalidade claras entre os indivíduos que participam do esporte de competição, e os indivíduos que não participam.

Um dos fatores que possibilitou a retomada do interesse pelas investigações do papel da personalidade no desempenho esportivo e das características diferenciais de atletas quanto comparados à população geral foi a consagração do Modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade (CGF) como melhor modelo estrutural para descrição da personalidade, que se deu a partir da década de 1980, com os trabalhos de Goldberg, e de Robert McCrae e Paul Costa (Garcia, 2007; Pervin & John, 2004). A personalidade, pela perspectiva do modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF), é o sistema em que as características inatas da pessoa interagem com o meio ambiente e se transformam em comportamentos e experiências peculiares a cada ser (McCrae & Oliver, 2006). O modelo destaca que o indivíduo traz consigo tendências básicas, material bruto e universal da personalidade (McCrae & Costa, 2004), capacidades e disposições mais fundamentais, que constituem o potencial e a orientação do indivíduo, podendo ser hereditárias ou terem origem nas primeiras experiências. Estas tendências básicas seriam cinco: Neuroticismo, Extroversão, Abertura a Experiências, Amabilidade e Conscienciosidade.

Neuroticismo (N) refere-se à instabilidade/estabilidade emocional, às tendências para preocupação, à susceptibilidade ao humor negativo e à propensão à psicopatologia (Claridge & Davis, 2001). A Extroversão (E) corresponde ao nível de sociabilidade, sendo definida por traços como afiliação, dominância, energia e emoções positivas. A dimensão Abertura a Experiências (Ab) diz do interesse intrínseco na experiência em várias áreas, a curiosidade intelectual e o interesse estético são elementos centrais, como também a sensibilidade aos sentimentos, a disposição para experimentar novas atividades e o liberalismo em termos de valores políticos e sociais. Esta dimensão tem uma leve associação com a inteligência. Amabilidade (Am) representa atitudes e comportamentos pró sociais, as pessoas com alta amabilidade são agradáveis, corteses, crédulos e simpáticos. A quinta dimensão, aqui representada pela Conscienciosidade (C), é caracterizada por senso de contenção e sentido prático. Indivíduos com alto escore em C são zelosos e disciplinados, e se relaciona a

desempenhos profissionais superiores em várias ocupações, o que confere uma vantagem social (Barrick & Mount, 1991). O Modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF) é o que possui, na atualidade, maior replicabilidade e capacidade preditiva, sendo predominante nas investigações científicas em várias áreas da Psicologia e campos afins, inclusive no Esporte (Silva & Nakano, 2011)

O esporte de alto rendimento traz como característica períodos intensos de treinamento exaustivos, de incertezas quanto a posterior participação nas competições, de disputa por poucas vagas, da possibilidade de lesões. Estes fatores elencados exigem do atleta muita persistência, estabelecimento de rotinas e metas, busca por realização e competência pessoal, alta energia e motivação, gosto por desafios, além de, no momento da competição, aliado aos fatores mencionados, é imprescindível possuir estabilidade emocional. Nesse sentido, um conjunto de investigações realizadas em países diversos tem apresentado evidências de que características de personalidade são fatores distintivos dos atletas quando comparados à população geral, sendo esta relação moderada, por exemplo, por outras variáveis, tais como tipo esporte, gênero e idade (Allen et al., 2013; Baker & Horton, 2004; Garcia-Naveira & Ruiz, 2013; Nia & Besharata, 2010).

Allen, Greenlees e Jones (2011) realizaram pesquisa em que participaram 253 atletas (187 homens e 66 mulheres) do Reino Unido. O primeiro resultado obtido com os atletas de elite demonstrou níveis mais elevados de Extroversão e mais baixo de Neuroticismo que as amostras normativas da população geral, mesmo resultado encontrado por Garcia-Naveira, Barquín e Pujals (2011). Quanto ao nível de atuação, a análise apresentou uma relação significativa em que atletas de elite regionais (N=89), nacionais (N=27) e internacionais (N=13) obtiveram níveis mais elevados de Conscienciosidade e Amabilidade e mais baixos em Neuroticismo, do que atletas de recreação das Universidades (N=21) e Clubes (N=90). Naveira et al. (2011) encontraram em atletas de elite o mesmo resultado, porém em lugar da Amabilidade a dimensão que apresentou altos escores foi Abertura a Experiências. A idade dos atletas apresentou uma correlação positiva com Conscienciosidade e negativa com Neuroticismo, indicando que também entre atletas indivíduos mais velhos são mais conscienciosos e possuem maior estabilidade emocional.

Vários estudos, transversais e longitudinais, em amostras de diferentes contextos, replicam estes resultados, indicando uma associação positiva entre a idade e a Conscienciosidade e negativa com Neuroticismo (Allen et. al., 2013; Baleh & Scott, 2007; Caspi, Roberts, & Shiner, 2005; Krueger & Johnson, 2008; Mc Adams & Olson, 2010; Roberts & Del Vecchio, 2000). Estes achados são tão consistentes que se tem considerado

este padrão como universal e parte do desenvolvimento da personalidade humana, sendo chamado de “Princípio da Maturidade” (Terracciano, McCrae, & Costa, 2010; Roberts, Walton, & Viechtbauer, 2006). Em síntese, este princípio diz de que o avançar da idade propicia o aumento gradual nos níveis de Conscienciosidade, ao passo que a Amabilidade aumenta gradualmente até 50 anos de idade e mais rapidamente entre os 50 e 60 anos, se estabilizando após os 60 anos e o Neuroticismo diminui gradualmente até os 40 anos.

Malinauskas (2014) também realizou um estudo com atletas e não atletas de várias modalidades para verificar a relação entre traços de personalidade e capacidade para se exercitar. Avaliou três grupos de 170 pessoas sendo, um grupo de esporte coletivo, outro de atletas de força e alta energia e outro de atletas e não atletas. Para a capacidade de se exercitar, montou baterias de exercícios físicos específicos para cada grupo, para a personalidade usou o NEO PI. Os resultados encontrados demonstram que atletas têm maior Conscienciosidade que não atletas e menor Neuroticismo. Neuroticismo e Conscienciosidade apresentam correlação positiva com capacidade de exercitar, porém Abertura, Amabilidade e Extroversão apresentaram fraca correlação. Dobersek e Bartling (2008) avaliaram atletas e não atletas percebendo como resultado que não atletas apresentaram menos organização e disciplina do que os atletas.

Vários autores estudaram a relação entre gênero e personalidade em atletas de elite (Allen et al., 2011; Colley, Roberts, & Chipps, 1985; Kirkcaldy, 1982; Newcombe & Boyle, 1995), e como resultado apresentaram atletas mulheres com escores mais altos nas dimensões Neuroticismo, Amabilidade e Conscienciosidade em relação aos atletas homens. Allen et al. (2013) e Williams (1980), discutem que valores mais altos em N e Am vão ao encontro do padrão apresentado pelas mulheres na amostra normativa, ou seja as mulheres atletas tendem a apresentar características de personalidade mais próximas da amostra geral de mulheres. Já Rhodes e Smith (2006) em sua metanálise, encontraram resultados significativos para a diferença de gêneros, somente em Extroversão e Neuroticismo, apresentando uma relação positiva e negativa, respectivamente, com a prática da atividade física. Diferença somente no fator Neuroticismo, em que mulheres atletas apresentam maior escore que os atletas homens também foi encontrado (Dobersek & Bartling, 2008; Man & Blais, 2004), porém quando as mesmas estão inseridas em esporte coletivo este resultado se inverte.

Merritt e Tharp (2013) avaliaram 277 praticantes de *Parkour* e corrida livre (considerados esportes de alto risco) e constataram que comportamentos de risco e imprudentes foram associados a um alto Neuroticismo e baixa Conscienciosidade. Neste caso, a extroversão não se mostrou significativa para prever a prática de esportes arriscados. Rheel

e Martin (2010) pesquisaram traços de personalidade de atletas praticantes de esporte tradicional (tênis e voleibol) e esportes alternativos (Motocross e *Wakeboard*). Os resultados indicam que atletas de esportes alternativos tendem a ser mais reservados, autossuficientes e possuem níveis mais elevados de busca de sensações do que atletas de esportes tradicionais, características possivelmente compatíveis a baixa Extroversão e Amabilidade e alta Abertura a experiências.

Quanto à posição que os atletas ocupam, Brito-Costa, Piovesan, Castro, Sales, Fernández e Almeida (2016) desenvolveram um estudo com 170 jogadores de futebol portugueses e encontraram diferenças estatisticamente significativas no fator Abertura para os jogadores do meio de campo, que armam as jogadas e são considerados o “cérebro do time”, ou seja, são jogadores que necessitam apresentar maior criatividade, ótima leitura de jogo e se arriscarem mais, precisam estar sempre buscando novas jogadas, elementos estes que podem estar relacionados a uma alta abertura a experiências. Schaubhut, Donnay e Thompson (2012) avaliaram 812 atletas de futebol americano da América do Norte, durante três anos, com o objetivo de pesquisar também as diferenças nas características de personalidade dos atletas, que ocupam diferentes posições (trabalhou com dois grupos: ofensivos e defensivos), como também dos que alcançaram maior sucesso. Encontrou valores significativamente maiores para atletas ofensivos em Extroversão e em relação aos que alcançaram mais sucesso que apresentaram Neuroticismo menor.

Com o objetivo de explorar a relação treinador /atleta, Jackson, Dimmock, Gucciardi e Grove (2011) investigaram os traços de personalidade predominantes para compromisso, relacionamento e confiança entre as díades. Os autores perceberam que a dupla que apresenta maior diferença entre Extroversão e Abertura demonstra menor compromisso e confiança. Bom nível de compromisso correspondeu a maior Amabilidade, Extroversão e Conscienciosidade, e relacionamentos positivos associam-se a alto nível de Amabilidade e Extroversão, mesmo que somente em um dos parceiros. Por outro lado, Neuroticismo e Extroversão foram preditores significativos da dimensão apoio a relação. A análise indicou que Conscienciosidade foi o mais forte preditor de conflito. Em conclusão, características de personalidade dos atletas podem ser importantes na medida em que estão associadas à qualidade da relação treinador-atleta. Outro estudo neste sentido foi o de Hulya Ascı, Kelecek e Altıntaş (2015) que investigaram 84 atletas mulheres e 129 homens, todos com seus respectivos treinadores, encontrando resultados semelhantes ao de Jackson et al. (2011).

Quanto a atletas que competem individualmente e atletas de esporte coletivos, o montante de pesquisas é maior. Allen et al. (2011) demonstraram que atletas que competem

em esportes individuais, apresentam maior nível de Conscienciosidade e Abertura e menores valores de Extroversão e Neuroticismo do que os atletas que competem em equipe. Aidman (2007) revelou uma pontuação significativamente maior para o atleta de esporte individual no fator Conscienciosidade e os atletas de equipe o resultado significativo se deu em Amabilidade e Extroversão. Resultados semelhantes foram encontrados por Dhesi e Bal (2012) que avaliaram 250 esportistas do sexo masculino, com idade média de 21,8 anos (DP=2,14), integrantes de esportes individuais e coletivos. Nia e Besharata (2010) avaliaram 92 atletas de equipe e 42 individuais, e apresentou como resultado alta Conscienciosidade em atletas individuais e alta Amabilidade em atletas de esporte coletivo, porém não encontrou nenhuma diferença para Neuroticismo, Abertura e Extroversão.

Por fim, Allen e Laborde (2014) afirmam que estudos contemporâneos comprovam a relação entre traços de personalidade, segundo o Modelo dos Cinco Grandes Fatores, e o esporte, tanto no contexto do alto rendimento, como na aderência a atividade física em busca de saúde e bem-estar. No contexto do desempenho esportivo, novos estudos têm demonstrado que os traços de personalidade se relacionam com sucesso atlético a longo prazo, com as relações interpessoais, e estados psicológicos dos atletas antes, durante e depois das competições.

Especificamente acerca das diferenças de personalidade entre árbitros e população geral e das características de personalidade mais marcantes entre os primeiros, a literatura é escassa. O árbitro de futebol é um atleta na medida em que somente um desempenho exitoso se faz requisito tanto para sua permanência nos quadros profissionais quanto para sua inserção nos sorteios dos campeonatos, para que possa atuar. Este desempenho esportivo é composto por, no mínimo quatro pilares: físico (capacidade de deslocamento dentro de campo com o objetivo de acompanhar as jogadas), técnico (domínio das regras do jogo, posicionamento e tipos de deslocamentos em campo), tático (plano de trabalho para uma boa evolução e entrosamento da equipe em campo) e psicológico (habilidades que possibilitam equilíbrio emocional e enfrentamento eficaz do estresse, o que isentam as tomadas de decisão e leitura de jogo de cunho pessoal) (Castagna, Abt, & D'Ottavio, 2007; Gonzalez-Oya & Dosil, 2003, 2004; Patino & Cañadas, 2015; Velho & Fialho, 2015). O papel do árbitro em campo envolve a aplicação das regras do jogo permitindo assim que o mesmo transcorra de forma organizada, disciplinada e isenta (Castagna et al., 2007). Em síntese, conforme descrito acima, a literatura internacional tem apontado que os atletas possuem características de personalidade aparentemente distintas de não atletas que pode ser mediado pela idade, tempo de experiência, tipo de esporte praticado e gênero. Os árbitros de futebol são atletas de alto rendimento,

apesar de apresentarem função distinta dentro de campo, portanto, parece plausível supor que as mesmas diferenças encontradas entre atletas e população geral no que se refere aos traços de personalidade, possam ser replicadas em árbitros. Ainda não foram encontrados estudos que visem identificar se as características de personalidade mais presentes em atletas são as mesmas daquelas observadas em árbitros e também diferentes da população geral.

Nesse sentido, tem-se como objetivo avaliar os traços de personalidade dos árbitros de futebol de diferentes estados brasileiros e comparar os dados com a amostra da normatização do NEO-FFI-R para população geral. Além disso, pretende-se verificar diferenças de personalidade relativas ao gênero, ao tempo de experiência na arbitragem, função e à idade dos árbitros. O presente estudo trabalha com as seguintes hipóteses: a) os árbitros de futebol possuem características de personalidade semelhantes às aquelas descritas na literatura internacional para atletas de alto rendimento; b) os árbitros de futebol apresentam maiores níveis de Extroversão e Conscienciosidade; c) árbitros de futebol apresentam baixos níveis de Neuroticismo; d) as mulheres apresentam maiores níveis de E, N e Am do que os árbitros do sexo masculino; e) serão observadas diferenças etárias em Conscienciosidade, Neuroticismo e Amabilidade, conforme princípio da maturidade.

3.2 Método

3.2.1 Participantes

Participaram do estudo 285 árbitros de futebol (144 árbitros assistentes e 141 árbitros centrais) com idades variando de 18 a 46 anos ($M= 31,3$ anos; $DP=6,1$), sendo 254 do sexo masculino (89,1% da amostra). A Tabela 1 apresenta a descrição da amostra segundo a classificação econômica, nível de escolaridade e divisão por Estados. A classificação socioeconômica foi calculada com base nos parâmetros do Critério Brasil de 2015 (poder de consumo, nível de escolaridade, acesso a água potável e ruas asfaltadas na vizinhança), e está representada na tabela abaixo. A média de tempo de experiência na arbitragem é 6,9 anos ($DP=5,5$ anos), com mínimo de seis meses e máximo 22 anos.

Tabela 1

Distribuição da amostra segundo classe socioeconômica, estado e nível de escolaridade

Classe Sócio Econômica	Estados Afiliados		Nível Escolar					
	N	%	N	%				
Classe A	28	9,8	MG	120	42,1	Fundamental	07	2,5
Classe B	164	57,5	CE	69	24,2	Ensino Médio	92	32,3
Classe C	89	31,3	DF	27	9,5	Graduação	137	48,1
			MA	14	4,9	Pós-Graduação	49	17,2
			PE	32	11,2			
			PI	23	8,1			
Total	285	100%		285	100%		285	100%

3.2.2 Instrumentos

Inventário de Cinco Fatores NEO Revisado: NEO-FFI-R (Versão Curta) (Costa & McCrae, 1985; adaptação brasileira por Flores-Mendoza et al. (2010): o NEO-FFI-R é a versão curta da forma S do NEO PI-R, que é instrumento considerado padrão-ouro na avaliação da personalidade. Contém 60 itens com informações sobre os cinco traços de personalidade (Neuroticismo, Extroversão, Amabilidade, Conscienciosidade e Abertura a Experiências), porém não contempla as facetas. Os itens são respondidos com base em uma escala do tipo *Likert* de cinco pontos, sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente. Seu uso deve se restringir a situações nas quais o tempo de aplicação é limitado e se pretende levantar apenas um panorama geral das dimensões.

Flores-Mendoza et al. (2010) submeteram o instrumento a análise exploratória, com rotação *Varimax*, na qual os cinco fatores extraídos explicaram 34,49% da variância total. Quanto à consistência interna, as cinco dimensões apresentaram Alfas de *Cronbach* entre aceitáveis e bons ($0,7 < \alpha < 0,83$). A amostra utilizada na versão curta foi a mesma da versão completa, o NEO PI-R, e evidências de validade de critério foram obtidas por meio da correlação do instrumento e informações obtidas em questionário Sociodemográfico (idade, escolaridade, nível socioeconômico, religiosidade, entre outras).

Questionário Sociodemográfico: foi elaborado especificamente para o presente estudo e tem como objetivo caracterizar o participante, no que se refere a aspectos sociais, econômicos e profissionais. Composto por 16 questões que se dividem em identificação, estado civil, escolaridade e profissão, classificação econômica baseada no Critério Brasil 2015 (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP) e aspectos relativos à arbitragem,

como: anos de experiência, testes físicos realizados, aprovações/reprovações, frequência de treinamento físico semanal, local de treinamento físico, principais competições que participou e razões para ter ingressado na arbitragem (Apêndice A).

3.2.3 Procedimentos

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais (CAAE 53351216.4.0000.5149). Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, Apêndice B). A escolha pelos Estados participantes se deu por conveniência, pelo critério de disponibilidade de uma psicóloga habilitada em cada uma destas Federações, as quais se dispuseram a aplicar os instrumentos. O contato com a Federação Mineira de Futebol foi estabelecido por meio da primeira autora desse artigo. O contato com as demais Federações (dos Estados do Ceará, Distrito Federal, Maranhão, Pernambuco e Piauí) foi feito também por meio das psicólogas do esporte atuantes em cada instituição, que possibilitaram o acesso e anuência da presidência da comissão de arbitragem local.

Em seguida, via Sedex 10, foram enviados às psicólogas os instrumentos, juntamente a um documento com informações sobre a pesquisa e instruções de aplicação. Reuniões entre a pesquisadora e as profissionais, via *Skype* (programa de chat com voz e vídeo), possibilitaram o esclarecimento das dúvidas e reforço das instruções. No estado de Minas Gerais, as aplicações foram conduzidas em Belo Horizonte, na sede da Federação Mineira de Futebol e no Centro de Treinamento Esportivo da UFMG, por equipe de graduandos em psicologia orientados pela pesquisadora responsável. Nos demais Estados, as aplicações ocorreram nas sedes das federações locais, também supervisionadas pelas psicólogas responsáveis por cada Federação.

As aplicações dos instrumentos foram realizadas coletivamente e duraram cerca de 1 hora e 30 minutos, em todos os Estados. Logo após as aplicações, todo o material foi devolvido, via Sedex 10, pelas psicólogas responsáveis pela coleta em cada Estado. Ao final do estudo, os árbitros receberão uma devolutiva, por meio de carta, com os principais resultados obtidos de sua avaliação de personalidade.

3.2.4 Análise dos Dados

Após a correção dos instrumentos e tabulação dos dados, os mesmos foram submetidos à análise de valores extremos e submetidos à avaliação da normalidade. Foi

verificada a assimetria e curtose de cada dimensão, assim como análise de histogramas, tendo os dados apresentado distribuição normal (Dancey & Reidy, 2011).

Na sequência, foram empreendidas análises descritivas a fim de caracterizar a amostra e estabelecer as características de personalidade dos participantes, com o intuito de relacionar as mesmas com as variáveis sociodemográficas investigadas, foram conduzidas análises de correlação (r de Pearson) e de comparação entre grupos (teste t de única amostra e para amostras independentes e *One Way* ANOVA), acompanhados da análise do tamanho do efeito via d de Cohen. O teste t para amostra única é o mais recomendado quando se pretende comparar a média da amostra em questão com a média populacional, a fim de verificar se a média da referida amostra difere significativamente da média populacional (Dancey & Reidy, 2011). No presente estudo, optou-se por esta técnica de análise estatística, uma vez que se assumiu que a média populacional para cada uma das cinco dimensões de personalidade é conhecida e está disponível no manual do teste NEO-FFI-R. Estas médias foram utilizadas para normatização do teste para população brasileira adulta e são consideradas atualizadas, dentro dos critérios definidos pelo Conselho Federal de Psicologia¹⁰. O índice d de Cohen constitui nas diferenças entre os grupos expressas em unidades de desvios-padrões. Este índice permite, por exemplo, fazer comparações entre resultados vindos da aplicação de diferentes instrumentos de medida psicológica. Para estimá-lo, se identifica a diferença das médias dos grupos e logo se divide o valor obtido pela média dos desvios-padrões (Espírito-Santo & Daniel, 2015). Todas as análises foram realizadas utilizando o *software* SPSS (versão 22), com exceção do cálculo do d de Cohen que foi feito com base em um macro disponibilizado no site da Universidade do Colorado¹¹.

3.3 Resultados

A partir da verificação das médias, medianas e modas dos fatores do NEO-FFI-R, juntamente aos valores de assimetria e curtose, concluiu-se que os dados apresentam distribuição normal (Dancey & Reidy, 2011), possibilitando a utilização de estatísticas paramétricas.

A Tabela 2 apresenta os resultados das comparações entre os escores médios dos árbitros e da população geral nas cinco dimensões do NEO-FFI-R (Flores-Mendoza, 2010). Verificou-se, por meio do teste t para única amostra, que os árbitros apresentam maiores níveis de Extroversão, Amabilidade e Conscienciosidade, e menores níveis de Neuroticismo e

¹⁰Dados retirados do site: <http://satepsi.cfp.org.br/2016>

¹¹Dados retirados do site: <http://www.uccs.edu/~lbecker/2016>

Abertura, sendo todas estas diferenças estatisticamente significativas. Foram verificados tamanhos de efeito grandes para Neuroticismo e Conscienciosidade, médios em Extroversão e Abertura e pequeno para Amabilidade (Espírito-Santo & Daniel, 2015).

Tabela 2.

Resultados da comparação entre árbitros e população geral nas dimensões do NEO-FFI-R

Dimensões	Árbitros M (DP)	População Geral M (DP)	T	<i>d</i> de Cohen**
Neuroticismo	20,05 (6,06)	25,4 (6,9)	-14,9*	0,83
Extroversão	33,13 (5,2)	30 (5,6)	10,2*	-0,58
Amabilidade	34,5 (4,8)	32,4 (5,2)	7,5*	-0,43
Conscienciosidade	37,5 (5,1)	32,3 (6,5)	17,4*	-0,90
Abertura	29,1 (4,7)	32,4 (5,7)	-11,6*	0,62

* $p < 0,001$; ** valor *d* negativo indicará resultado mais alto para os árbitros, uma vez que as médias deste grupo ingressaram em segundo lugar na fórmula.

Análises de correlação entre os escores no NEO-FFI-R e variáveis sociodemográficas e ocupacionais dos árbitros evidenciaram relação positiva e estatisticamente significativa entre idade e tempo de experiência na arbitragem ($r=0,72$; $p < 0,01$). Idade também apresentou correlações baixas, mas significativas com Neuroticismo ($r=-0,15$; $p < 0,05$), e Conscienciosidade ($r=0,135$; $p < 0,05$), indicando que quanto maior a idade menor a instabilidade emocional e maior a realização. Em relação às dimensões entre si, foram verificadas correlações positivas entre as dimensões Extroversão, Abertura, Amabilidade e Conscienciosidade ($0,24 < r > 0,3$; $p < 0,01$) e negativos entre Neuroticismo e Amabilidade ($r=-0,39$; $p < 0,01$) e Neuroticismo e Conscienciosidade ($r=-0,38$; $p < 0,01$). Contudo, apesar da significância estatística, a magnitude das correlações é baixa (Evans, 1996).

A fim de verificar diferenças entre os árbitros em relação ao sexo, identificou-se por meio do teste t para amostras independentes, que os homens são mais velhos ($t=-3,1$; $p < 0,05$; $d=0,4$), apresentam maior tempo de arbitragem ($t=-5,6$; $p < 0,001$; $d=0,7$) e maiores escores em Amabilidade ($t=-2,5$; $p < 0,05$; $d=0,3$). Em contrapartida, as mulheres apresentam maiores níveis de Neuroticismo ($t=4,01$; $p < 0,001$; $d=0,5$). Ainda utilizando o teste t para amostras independentes, foram feitas comparações entre os árbitros assistentes e os centrais, nas quais

constatou-se que a única diferença estatisticamente significativa entre eles foi em Neuroticismo. Na amostra estudada, os árbitros assistentes apresentaram um nível mais elevado na referida dimensão ($t=-2,5$; $p<0,05$; $d=0,3$).

Análise de variância (*One Way ANOVA*) apontou a inexistência de diferenças estatisticamente significativas para idade dos árbitros de acordo com o Estado no qual atuam [$F(5,300) = 1,98$; $p=0,08$]. Em relação aos escores no NEO FFI-R, verificou-se diferença estatisticamente significativa no fator Conscienciosidade [$F(5,279) = 3,64$; $p=0,003$]. O teste *post-hoc* de Tukey confirmou que os árbitros mineiros apresentaram maiores escores em C do que aqueles que atuam no Distrito Federal ($d=0,66$) e no Piauí ($d=0,64$). É importante observar que ambas as diferenças apresentam tamanho de efeito médio (Espírito-Santo, & Daniel, 2015).

3.4 Discussão

Este estudo teve por objetivo descrever os traços de personalidade de árbitros de futebol brasileiros, compará-los àqueles observados na população geral e correlacioná-los com variáveis sociodemográficas. De forma geral, as hipóteses levantadas foram corroboradas.

No que se refere à caracterização da personalidade de árbitros e comparação com amostras da população geral, hipotizou-se que níveis mais altos de Conscienciosidade e mais baixos de Neuroticismo seriam encontrados em árbitros. As principais diferenças encontradas nas características de personalidade dos árbitros em relação à população geral apontam para menores escores em Neuroticismo (N) e maiores em Conscienciosidade (C) para os árbitros, o que permite afirmar que a hipótese foi corroborada.

Analisando este resultado sob a perspectiva da Hipótese de Seleção, na qual as características de personalidade orientam os atletas em sua escolha e permanência na modalidade esportiva (Cox, 2009; Elman, & McKelvie, 2003; McKelvie, Lemieux, & Stout, 2003; Wann, 1997; Weinberg & Gould, 2008), pode-se inferir que os árbitros com menor Neuroticismo têm maiores chances de entrar e permanecer na arbitragem. Uma maior estabilidade é necessária para que eles mantenham o controle de suas próprias emoções e comportamentos diante de situações estressantes, proporcionando também maior controle das reações externas a ele (jogadores, torcedores, comissão técnica, jornalistas, etc.). Maiores níveis de instabilidade poderiam contaminar as decisões da equipe de arbitragem, supostamente isentas de juízos e reações pessoais. Situações em que se deixa a emoção predominar, seja ela positiva ou negativa, provavelmente irão apresentar-se carregadas de

interpretações subjetivas, ou seja, não permitiriam uma leitura de jogo real e uma tomada de decisão justa. Pessoas com alto Neuroticismo tendem a enxergar a vida de modo negativo, são vulneráveis e inseguras, além de se culparem muito, o que seria incompatível com a atuação dos mesmos. É possível que o baixo Neuroticismo possibilite que os árbitros vivenciem de forma mais funcional o alto nível de pressão ao qual são submetidos antes, durante e depois da partida. Assim, pois, os resultados encontrados aqui são os mesmos descritos na literatura para atletas de alto rendimento (Allen & Laborde, 2014; Allen et al., 2011, 2013; D. Bartholomeu, Machado, Spigato, L. Bartholomeu, Cozza, & Montiel, 2010; Conner, 2001; Dineen, 2003; Malinauskas, 2014; Garcia-Naveira et al., 2011; Garcia-Naveira & Morales, 2010; Garcia-Naveira & Ruiz, 2013; Piemonte, Hill, & Blanco, 1999; Rhodes, Courneya, & Bobick, 2001; Rhodes, Courneya, & Jones, 2003, 2005; Rhodes & Smith, 2006; Ruiz, 2012; Tolea, Terracciano, Simonsick, Metter, Costa Jr., & Ferrucci, 2012; Vealey, 2002; Wilson, Krueger, & Gu, 2005).

Altos níveis de Conscienciosidade também são característicos dos árbitros avaliados, estando presente em outros estudos com árbitros e atletas de alto rendimento. Destaca-se ainda, que associado a baixo Neuroticismo, alta Conscienciosidade prediz sucesso atlético a longo prazo (Allen & Laborde, 2014; Piedmont, Hill, & Blanco, 1997). Segundo Baleh e Scott (2007), maiores escores em C já haviam sido identificados por Sinclair, em 1975, quando avaliou a personalidade de árbitros de vôlei canadenses. Pode-se pensar que atletas com alta pontuação neste traço buscam ir além do seu limite, apresentando motivação para realizações, características de responsabilidade, tendência para a ordem, persistência e autodisciplina como também uma visão de si mesmo mais positiva, possivelmente relacionado a maior auto eficácia (Allen et al., 2013; Rhodes & Pfaeffli, 2012; Rhodes & Smith, 2006; Hoyt, Rhodes, Hausenblas, & Giacobbi, 2009).

Baker e Horton (2004) discorrem sobre desempenho esportivo e preconizam que embora atletas competitivos lutem por excelência, sob a pressão da concorrência, eles passam a maior parte de seu tempo treinando para a competição ao invés de competirem. Baker e Horton (2004) citam que atletas competitivos gastam até 99% do seu tempo em treinamento. Neste sentido, indivíduos com alta Conscienciosidade dispõem de um importante traço para o comportamento de adesão, além da qualidade da preparação (García-Naveira et al., 2011; Rhodes & Smith, 2006). As rotinas de preparação e trabalho exigentes, duras e até mesmo maçantes se tornariam extremamente difíceis e aversivas para indivíduos pouco focados para metas e realização, o que reforça a associação entre responsabilidade e prática desportiva (Allen et al., 2013; Hoyt et al., 2009; Rhodes & Pfaeffli, 2012; Rhodes & Smith, 2006).

Ademais, a área de atuação da arbitragem envolve muitos estressores e pouca valorização, tanto financeira quanto cultural. Logo, aqueles que não têm características adequadas podem acabar desistindo antes de chegar ao nível profissional.

Alta Extroversão (E) foi identificada como traço característico de atletas de alto rendimento desde a década de 1960. Garcia-Naveira e Ruiz (2013) colocam que um alto E indica uma predisposição para manter comportamento de atividade física, pois prevê emoções positivas, como felicidade, animação, otimismo, elevado nível de energia e atividade, além de sociabilidade. Allen et al. (2013), Hoyt et al. (2009), Rhodes e Pfaeffli (2012), Rhodes e Smith (2006), e Tolea et al. (2012) apresentaram estudos nos quais ficou demonstrado a associação entre alta extroversão, a prática da atividade física e a capacidade para exercitar-se em busca do aprimoramento do desempenho esportivo.

Ademais, um árbitro não deve ser tímido, por conta da exposição pública a qual está submetido, tanto durante os jogos quanto fora deles. Pesquisas com atletas, segundo o modelo *Big Five*, mostram os mesmos como pessoas com escores mais altos de Extroversão (Dineen, 2003; Garcia Naveira et al., 2011; Hausenblas & Giacobbi, 2004; Rhodes et al., 2003; Rhodes et al., 2001). Baleh e Scott (2007) avaliaram árbitros esportivos de vôlei, hóquei e luta livre, e os resultados apresentaram o fator Extroversão significativamente mais elevado que o grupo de comparação. Este achado foi encontrado em outros estudos com árbitros (Baleh & Scott, 2007; Fratzke, 1975; Ittenbach & Eller, 1988).

Amabilidade apresentou um nível elevado entre os árbitros quando comparados à população geral, porém com menor tamanho de efeito. Pode-se pensar que tal característica propiciaria que o árbitro se colocasse no lugar do outro, jogador ou membro da equipe, flexibilizando a disciplina rígida e severa, dentro e fora de campo. Pode também facilitar o trabalho em equipe, principalmente em situações nas quais ocorrer erro grave (que comprometa o resultado da partida) cometido por um dos membros da equipe. No entanto, Amabilidade não é um traço característico de atletas de alto rendimento, estando presente em poucos estudos com atletas, como nos desenvolvidos por Allen et al. (2011), Purdy e Snyder (1985), Ittenbach e Eller (1988) e Germone e Furst (1991), o que poderia significar que uma alta Amabilidade seria característica de modalidades esportivas específicas, indicando assim uma especificidade da arbitragem, o que certamente merece investigação mais detalhada que incluía árbitros de outros Estados brasileiros e também de outros países.

Purdy e Snyder (1985) avaliaram árbitros de basquete do sexo masculino com idade entre 30 e 40 anos que apresentaram altos escores em Amabilidade, porém como o objetivo dos autores era avaliar o interesse dos árbitros pela arbitragem, eles associaram este resultado

a uma participação na arbitragem motivada por valores mais altruístas e interpessoais. Baleh e Scott (2007) encontraram como resultado alta Amabilidade em árbitros de vôlei e luta livre, quando comparados com atletas, o que pode favorecer sua permanência na carreira já que são desvalorizados e pouco aceitos socialmente, esta característica faz com que se aceite e entenda melhor o outro, o que provavelmente justificaria a aceitação de tal comportamento por parte da sociedade. Koslowsky e Maoz (1988) compararam árbitros de futebol e de atletismo israelenses, sendo que os primeiros apresentaram alta Conscienciosidade, alta Amabilidade e baixo Neuroticismo, diferentemente dos árbitros de atletismo. Um maior nível de comprometimento com o trabalho e maiores investimentos pessoais e psicológicos parecem ser mais característicos do árbitro de futebol do que do árbitro de atletismo. Os autores colocam que apesar de apresentarem o mesmo título e, provavelmente, exercerem a mesma função, são modalidades totalmente diversas que requerem características pessoais diferentes. O atletismo não compartilha o interesse social do futebol, o árbitro não necessita de desempenho físico, não se distancia da família, pois trabalha muito menos e no meio da semana, ou seja, seu investimento físico e mental é muito menor do que os de árbitros de futebol, o que justificaria a existência de distintas características de personalidade entre eles.

Por fim, os árbitros de futebol avaliados apresentaram, de uma forma geral, níveis mais baixos de Abertura a experiências. Tal característica pode estar relacionado ao seguimento de regras, papel de cumprimento das regras, menor permissividade, a fim de manter a ordem e a disciplina em campo. O meio da arbitragem brasileira é permeado por indivíduos que também pertencem a meios institucionais hierarquizados, como, por exemplo, o Exército, a Marinha, Aeronáutica e a Polícia Militar, Civil e Federal. O próprio sistema arbitral é hierarquizado como nestas instituições e, muito provavelmente, isto poderia estar associado aos baixos escores em Abertura a experiências encontrados no presente estudo, já que há uma tendência a buscarmos ambientes que reforcem nossos traços. Contudo, para se testar esta hipótese explicativa levantada seria necessário que em novos estudos o tipo de formação e local de treinamento dos árbitros fossem controlados.

Malinauskas (2014) também encontrou baixa Abertura em atletas, porém seu estudo verificou baixos níveis de Amabilidade e Extroversão, resultados que vão de encontro ao presente estudo. Garcia - Naveira e Ruiz (2013) concluíram que os atletas não são caracterizados por abertura à experiência e amabilidade, de acordo com o modelo de Costa e McCrae, e que esses traços não estão relacionados com a atividade física.

Baleh e Scott (2007) aplicaram o NEO-FFI em 33 árbitros esportivos de vôlei, hóquei e luta livre e em 89 estudantes. Comparando os dois grupos os pesquisadores não encontraram

diferenças estatisticamente significativas em nenhuma das dimensões. Contudo, quando comparados entre si, os árbitros mais velhos apresentaram níveis mais altos em C e menores em N. Tais associações também são encontradas na amostra normativa da versão brasileira da escala, indicando que as mesmas também são encontradas na população geral (Flores et al., 2010). Segundo o “Princípio da Maturidade” (Roberts et al., 2006; Terracciano, McCrae, & Costa, 2010), existe uma relação gradual e positiva com a Conscienciosidade até os 50 anos e gradual, porém negativa com o Neuroticismo até os 40 anos.

As árbitras avaliadas assim como as mulheres da população geral, também apresentam maior N do que os homens. Entretanto, a maior Amabilidade (Am) nos árbitros homens vai contra o esperado na população (Flores et al., 2010). Esse resultado também vai contra ao encontrado por Allen et al. (2011), no qual atletas do sexo feminino mostraram escores mais altos em Am do que atletas homens. Contudo, é importante destacar que o tamanho do efeito da diferença é baixo, indicando a necessidade de não supervalorizar o resultado. Nesse caso, pode-se pensar que provavelmente as mulheres que procuram a arbitragem possuem perfis de personalidade diferente de outras mulheres, inclusive atletas, pois adentram um mundo majoritariamente masculino, com características de sistemas hierárquicos e hostilizados socialmente. Pode ser que tenham preferência por desafios e de se posicionarem contra preceitos e normas pré-estabelecidas, além de possuírem características de independência e autossuficiência.

Em relação às comparações entre funções, evidenciou-se que árbitros assistentes apresentaram escores mais elevados em N do que os centrais, mas ainda assim menores do que a população geral. Tal resultado pode ser interpretado tendo em vista que o árbitro central tem o controle da partida, podendo haver uma espécie de “seleção natural” entre os próprios árbitros, sendo que aqueles com menor instabilidade apresentariam maior chance de assumir a arbitragem central. Quando o árbitro faz o curso de arbitragem, na maioria das vezes não tem prática e não sabe qual das duas funções irá seguir. No futebol amador, o árbitro inicia exercendo as duas funções a fim de adquirir prática, sendo que nesse período dá-se a escolha por uma delas. É importante destacar que não foi verificada diferença estatisticamente significativa em relação à idade dos árbitros centrais e assistentes, logo, tal diferença em Neuroticismo não pode ser atribuída à faixa etária.

Por fim, os resultados apontaram para maior Conscienciosidade em árbitros residentes no estado de Minas Gerais em relação aos demais estados. Estes resultados poderiam ser, em parte, explicados pelo processo de seleção da amostra de Minas Gerais, na medida em que todos os árbitros do quadro mineiro foram convidados a participar e os que se prontificaram,

aqueles que se deslocaram até a sede da Federação, vindos até de cidades da Grande Belo Horizonte para participarem da pesquisa, já se dispuseram justamente por possuírem maior nível de Conscienciosidade, ou seja, têm maior compromisso e senso de cumprimento do dever.

3.5 Conclusão

Este estudo apresentou evidências de que as características de personalidade de árbitros do futebol brasileiro diferem das características encontradas na população geral, embora o padrão de mudanças relativas à idade de cada um dos traços de personalidade siga o que é frequentemente reportado na literatura de diferenças individuais em personalidade. Ademais, pode-se afirmar que os resultados encontrados trazem mais subsídios para classificar, do ponto de vista de características psicológicas, os árbitros de futebol como atletas de alto rendimento, uma vez que o padrão de personalidade encontrado se assemelha aos perfis apregoados na literatura internacional como característicos de atletas de alto rendimento. Outro resultado interessante, que não corroborou a hipótese inicialmente levantada, diz respeito às diferenças de gênero entre árbitros, que não seguiram o padrão da amostra normativa, em que as mulheres apresentaram maiores escores em E, N, e Am do que os homens. Não obstante, este resultado seja interessante é importante ressaltar que a amostra feminina foi bastante reduzida o que pode explicar parcialmente os resultados encontrados.

O presente estudo trouxe, portanto, contribuições para a Psicologia do Esporte, uma vez que aponta para a importância de se considerar as características de personalidade dos árbitros não apenas na seleção e promoção de profissionais, mas também na condução de um trabalho psicológico futuro com os árbitros, no sentido de se adaptar melhor os treinamentos e técnicas de intervenções, objetivando maior eficácia dos mesmos. Ademais, acredita-se que esta investigação abra caminho para que outros pesquisadores possam se interessar por conduzir pesquisas semelhantes em um grupo historicamente negligenciado em estudos na área do Esporte. Não obstante as suas contribuições, o estudo também apresenta limitações. Não foi possível incluir árbitros representativos de outras unidades da federação, o que limita um pouco a generalização dos achados. Ainda, seria interessante para se obter características mais completas dos árbitros em comparação à população geral, que outro instrumento de avaliação da personalidade, que incluísse a avaliação das facetas, fosse utilizado. Alguns autores (Allen et al., 2013; Nia & Besharat, 2010; Tolea et al., 2012) defendem que a avaliação das facetas componentes de cada traço forneceria uma avaliação mais precisa e profunda da personalidade, sendo possível identificar diferenças mais tênues intergrupos. No

Brasil, poder-se-ia utilizar, por exemplo, o Inventário de Personalidade NEO PI-R em sua versão completa.

3.6 Referências

- Aidman, E. V. (2007). Attribute-based selection for success: The role of personality attributes in long-term predictions of achievement in sport. *The Journal of the American Board of Sport Psychology*, *1*, 1-18. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/284098744_Attribute-based_selection_for_success_The_role_of_personality_attributes_in_long_term_predictions_of_achievement_in_sport
- Allen, M. S., Greenlees, I., & Jones, M. (2011). An investigation of the five-factor model of personality and coping behaviour in sport. *Journal of Sports Sciences*, *29*(8), 841–850. doi: 10.1080/02640414.2011.565064.
- Allen, M. S., Greenlees, I., & Jones, M. V. (2013). Personality in sport: A comprehensive review. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, *6*(1), 184-208. doi:10.1080/1750984X.2013.769614
- Allen, M. S., & Laborde, S. (2014). The role of personality in sport and physical activity. *Current Directions in Psychological Science*, *23*(6), 460–465. doi: 10.1177/0963721414550705cdps.sagepub.com
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP (2015). *Critério de Classificação Econômica Brasil 2014*. Recuperado de <http://www.abep.org> em 25 de outubro de 2015.
- Baker, J., & Horton, S. (2004). A review of primary and secondary influences on sport expertise. *High Ability Studies*, *15*(2), 211-228. doi: 10.1080/1359813042000314781
- Baleh, M. J., & Scott, D. (2007). Contrary to popular belief, refs are people too! Personality and perceptions of officials. *Journal of Sport Behavior*, *30*(1), 3-20. Recuperado de <http://www.matildasfootball.com/refereebias/Contrary%20to%20Popular%20Belief,%20Refs%20are%20People%20Too!.pdf>
- Barrick, M. R., & Mount, M. K. (1991). The big five personality dimensions and jobperformance: a meta-analysis. *Personnel psychology*, *44*(1), 1-26. doi: 10.1111/j.17446570.1991.tb00688.x
- Bartholomeu, D., Machado, A. A., Spigato, F., Bartholomeu, L. L., Cozza, H. F. P., & Montiel, J. M. (2010). Traços de personalidade, ansiedade e depressão em jogadores de futebol. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, *3*(4), 98-114. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbpe/v3n1/v3n1a07.pdf>
- Brito-Costa, S., Piovesan, A., Castro, F. V., Sales, T., Fernández, M. I. R., & Almeida, H. (2016). Análise de perfis de personalidade em atletas de futebol. *Revista INFAD de Psicología*, *1*(2), 385-396. Recuperado de <http://www.infad.eu/RevistaINFAD/OJS/index.php/IJODAEP/article/view/304/245>

- Caspi, A., Roberts, B. W., & Shiner, R. L. (2005). Personality development: Stability and change. *Annual Review of Psychology*, 56, 453-484. doi: 10.1146/annurev.psych.55.090902.141913
- Castagna, C., Abt, G., & D'Ottavio, S. (2007). Physiological aspects of soccer refereeing performance and training. *Sports Medicine*, 37(7), 625-646. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17595157>
- Colley, A., Roberts, N., & Chipps, A. (1985). Sex-role identity, personality and participation in team and individual sports by males and females. *International Journal of Sport Psychology*, 16(2), 103-112. Recuperado de <http://psycnet.apa.org/record/1986-21879-001>
- Conner, M., & Abraham, C. (2001). Conscientiousness and the theory of planned behavior: toward a more complete model of the antecedents of intentions and behavior. *Personality Social Psychology Bulletin*, 27(11), 1542-1561. Recuperado de <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/01461672012711014?journalCode=pspc>
- Costa, P. T., & Mc Crae, R. R. (2007). *Neo PI-R / Neo FFI-R Livro de Instruções (Manual)*. São Paulo: Vetor.
- Cox, R. H. (2009). *Psicologia del deporte: Conceptos y sus aplicaciones*. Madrid: Panamericana.
- Claridge, G., & Davis, C. (2001). What's the use of neuroticism? *Personality and individual differences*, 31(3), 383-400. doi: 10.1016/S0191-8869(00)00144-6
- Cruz, J. F., & Viana, M. F. (1996). Autoconfiança e rendimento na competição desportiva. In J. F. A. Cruz (Org.), *Manual de Psicologia do Desporto* (pp. 265-286). Braga, Portugal: Sistemas Humanos e Organizacionais.
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2011). *Statistics without maths for Psychology* (5th ed.). Harlow, England: Pearson Education.
- Dhesi, S. S., & Bal, B. S. (2012). Analysis of the personality traits of athletes in individual and team sports. *International Journal of Education and Applied Research*, 2(2), 9-11. Recuperado de <http://ijear.org/vol2issue2/1/sucha.pdf>
- Dineen, R. (2003). Personality characteristic differences of university student-athletes and nonathletes (Unpublished doctoral dissertation). University of Oregon, USA.
- Dobersek, U., & Bartling, C. (2008). Connection between personality type and sports. *American Journal of Psychological Research*, 4(1), 21-28. Recuperado de https://www.mcneese.edu/f/c/c9b21236/ajpr_08_02.pdf
- Elman, W. F., & McKelvie, S. J. (2003). Narcissism in football players? Stereotype or reality? *Athletic Insight*, 5(1), 38-46. Recuperado de <http://www.athleticinsight.com/Vol5Iss1/NarcissismPDF.pdf>
- Espírito-Santo, H., & Daniel, F. (2015) Calcular e apresentar tamanhos do efeito em trabalhos científicos (1): A limitações do $p < 0,05$ na análise de diferenças de médias de dois grupos. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, 1 (1), 3-16. Recuperado de

https://www.researchgate.net/profile/Helena_Espirito_Santo/publication/273143169_Calculando_e_apresentar_tamanhos_do_efeito_em_trabalhos_cientificos_1_As_limitacoes_do_p_005_na_analise_de_diferencas_de_medias_de_dois_grupos_Calculating_and_reporting_effect_sizes_on_scientific_papers/links/54fa10290cf2040df21b1b1c/Calculando-e-apresentar-tamanhos-do-efeito-em-trabalhos-cientificos-1-As-limitacoes-do-p-0-05-na-analise-de-diferencas-de-medias-de-dois-grupos-Calculating-and-reporting-effect-sizes-on-scientific-pap.pdf

- Evans, J. D. (1996). *Straightforward statistics for the behavioral sciences*. Pacific Grove, CA: Brooks/Cole Publishing.
- Eysenck, H. J. (1982). The biological basis of cross-cultural differences in personality: Blood group antigens. *Psychological Reports*, 51(2), 531-540. doi:10.2466/pr0.1982.51.2.531
- Field, A. (2009). *Descobriendo a estatística usando o SPSS (2a Ed.)*. Porto Alegre: Artmed.
- Fratzke, M. R. (1975). Personality and biographical traits of superior and average college basketball officials. *Research Quarterly*, 6(4), 484-488. doi: 10.1080/10671315.1975.10616707
- Garcia, R. (2007). *Antropologia do Esporte*. Rio de Janeiro: Shape.
- García-Naveira, A., Barquín, R., & Pujals, C. (2011). Diferencias en personalidad en función de la práctica o no deportiva, nivel de competición y categoría por edad en jugadores de fútbol desde el modelo de Costa y McCrae. *Revista de Psicología del Deporte* 20(1), 29-44. Recuperado de <http://www.rpd-online.com/article/viewFile/848/705>
- García-Naveira, A., & Morales, J. F. D. (2010). Relación entre optimismo/pesimismo disposicional, rendimiento y edad en jugadores de fútbol de competición. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*, 5(1), 45-60. Recuperado de <http://www.webs.ulpgc.es/riped/docs/20100103.pdf>
- García-Naveira, A., & Ruiz, R. (2013). The personality of the athlete: A theoretical review from the perspective of traits. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y del Deporte*, 13(51), 627-645. Recuperado de <https://revistas.uam.es/rimcafd/article/view/3970/4217>
- Germone, K. E., & Furst, D. M. (1991). Social acceptability of sport for young women. *Perceptual and Motor Skills*, 73(1), 323-326. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/1945713>
- González-Oya, J. L. (2006). *Psicología Aplicada al Árbitro de Fútbol: Características Psicológicas y su Entrenamiento*. Sevilla, España: Wanceulen Editorial Deportiva.
- González-Oya, J. L. (2006). *La psicología del árbitro de fútbol*. Noia, España: Editorial Toxosoutos.
- González-Oya, J. L., & Dosil, J. (2003). Comparación de las habilidades psicológicas de árbitros de fútbol y baloncesto. En *Actas del IX Congreso Nacional de Psicología de la Actividad Física y el Deporte* (pp. 258-264), León, España.

- González-Oya, J. L., & Dosil, J. (2004). Características Psicológicas de los Árbitros de Fútbol de la Comunidad Autónoma Gallega. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 4(1 y 2), 53-66. Recuperado de <http://revistas.um.es/cpd/article/view/112451/106691>
- Hausenblas, H. A., & Giacobbi, P. R. (2004). Relationship between exercise dependence symptoms and personality. *Personality Individual Differences*, 36(6), 1265-1273. doi: 10.1016/S0191-8869(03)00214-9
- Hoyt, A., Rhodes, R., Hausenblas, H. y Giacobbi, P. (2009). Integrating five factor model facetlevel traits with the theory of planned behavior and exercise. *Psychology of Sport and Exercise*, 10(5), 565-572. doi: 10.1016/j.psychsport.2009.02.008
- Hülya Aşçı F., Kelecek, S., & Altinta Ş, A. (2015). The role of personality characteristics of athletes in coach-athlete relationships. *Perceptual & Motor Skills*, 121(2), 399-411. doi: 10.2466/30.PMS.121c17x9
- Ittenbach, R. F., & Eller, B. F. (1988). A personality profile of southeastern conference football officials. *Journal of Sport Behavior*, 11, 115-125. Recuperado de <http://psycnet.apa.org/record/1989-20981-001>
- Jackson, B., Dimmock, J. A., Gucciardi, D. F., & Grove, J. R. (2011). Personality traits and relationship perceptions in coach-athlete dyads: Do opposites really attract? *Psychology of Sport and Exercise*, 12(3), 222-230. doi: 10.1016/j.psychsport.2010.11.005
- Kirkcaldy, B. D. (1982a). Personality profiles at various levels of athletic participation. *Personality and Individual Differences*, 3, 321-326. doi: 10.1016/0191-8869(82)90052-6
- Kirkcaldy, B. D. (1982b). Personality and sex differences related to positions in team sports. *International Journal of Sport Psychology*, 13(3), 141-153. Recuperado de <http://psycnet.apa.org/record/1983-28025-001>
- Koslowsky, M., & Maoz, O. (1988). Commitment and personality variables as discriminators among sports referees. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 10(3), 262-269. doi:10.1123/jsep.10.3.262
- Krueger, R. F., & Johnson, W. (2008). Behavioral genetics and personality: A new look at the integration of nature and nurture. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (3rd ed., pp. 287-310). New York, NY: Guilford Press.
- Laborde, S., Breuer-Weiborn, J., & Dosseville, F. (2013). Personality-traitlike individual differences in athletes. In C. Mohiyeddini (Ed.), *Advances in the Psychology of Sports and Exercise* (pp.25-60). Hauppauge, USA: Nova Science Publishers.
- Malinauskas, R., Dumciene, A., Mamkus, G., & Venckunas, T. (2014). Personality traits and exercise capacity in male athletes and non-athletes. *Perceptual & Motor Skills*, 118(1), 145-161. doi: 10.2466/29.25.PMS.118k13w1

- Man, A. F., & Blais, G. (1982). Relationship between preference for a type of sport and two aspects of personality: Social alienation and self-esteem. *Perceptual and Motor Skills*, 54(1), 11-14. doi: 10.2466/pms.1982.54.1.11
- McAdams, D. P., & Olson, B. D. (2010). Personality development: Continuity and change over the life course. *Annual Review of Psychology*, 61, 517-542. doi: 10.1146/annurev.psych.093008.100507
- Mc Crae, R. R., & Oliver, P. J. (2006). An introduction to the five-factor model and its applications. *Journal of Personality*, 60(2), 175-215. doi: 10.1111/j.14676494.1992.tb00970.x
- McCrae R. R., & Costa P. T. (2004). A contemplated revision of the NEO five-factor inventory. *Personality and Individual Differences*, 36(3), 587-596. doi: 10.1016/S0191-8869(03)00118-1
- McCrae, R. R., Zonderman, A. B., Costa Jr., P. T., Bond, M. H., & Paunonen, S. V. (1996). Evaluating replicability of factors in the Revised NEO Personality Inventory: Confirmatory factor analysis versus procrustes rotation. *Personality Processes and Individual Differences*, 70(3), 552-566. Recuperado de <http://www.unc.edu/~rcm/psy236/mccrae.pdf>
- McKelvie, S. J., Lemieux, P., & Stout, D. (2003). Extraversion and neuroticism in contact athletes, no contact athletes and non-athletes: A research note. *Athletic Insight*, 5(3), 19-27. Recuperado de <http://www.athleticinsight.com/Vol5Iss3/ExtraPDF.pdf>
- Merritt, C. J., & Tharp, I. J. (2013). Personality, self-efficacy and risk-taking in Parkour (free-running). *Psychology of Sport and Exercise*, 14(5), 608-611. doi: 10.1016/j.psychsport.2013.03.001
- Newcombe, P. A., & Boyle, G. (1995). High school students' sports personalities: Variations across participation level, gender, type of sport, and success. *International Journal of Sport Psychology*, 26, 277-294. Recuperado de http://epublications.bond.edu.au/hss_pubs/802/
- Nia, N. E., & Besharata, M. A. (2010). Comparison of athletes' personality characteristics in individual and team sports. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 5, 808-812. doi: 10.1016/j.sbspro.2010.07.189
- Patiño, O., & Cañadas, M. (2015). Análisis de la figura del árbitro deportivo y su intervención en el proceso de formación deportiva. *Revista Pedagógica Adal*, 18(30), 25-32. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/282294806_ANALYSIS_OF_THE_FIGURE_OF_SPORTS_REFEREE_AND_HIS_INTERVENTION_IN_THE_PROCESS_OF_SPORTS_TRAINING
- Pervin, L. A., & John, O. P. (2004). *Personalidade: teoria e pesquisa* (8 ed.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Piedmont, R. L., Hill, D. C., & Blanco, S. (1999). Predicting athletic performance using the five-factor model of personality. *Personality and Individual Differences*, 27, 769-777.

Recuperado

de

<http://ereserve.library.utah.edu/Annual/ESS/3340/Podlog/predicting.pdf>

- Purdy, D. A., & Snyder, E. E. (1985). A social profile of high school basketball officials. *Journal of Sport Behavior*, 8(1), 54-65. Recuperado de <https://www.cabdirect.org/cabdirect/abstract/19851821767>
- Raglin, J. S. (2001). Psychological factors in sport performance: The mental health model revisited. *Sports Medicine*, 31(12), 875-890. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11665914>
- Rhea, D. J., & Martin, S. (2010). Personality trait differences of traditional sport athletes, bullriders, and other alternative sport athletes. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 5(1), 75-85. Recuperado de <https://pdfs.semanticscholar.org/46ba/7b4e032dcf3caadec030980f07d4715a66a8.pdf>
- Rhodes, R. E., Courneya, K. S., & Bobick, T. M. (2001) Personality and exercise participation across the breast cancer experience. *Psychooncology*, 10(5), 380-388. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11536416>
- Rhodes, R. E, Courneya, K. S., & Jones, L. W. (2003) Translating exercise intentions into behavior: Personality and social cognitive correlates. *Journal Health Psychology*, 8(4), 447-458. doi: 10.1177/13591053030084004
- Rhodes, R. E., Courneya, K. S., & Jones, L. W. (2005). The theory planned behavior and lower order personality traits: interaction effects in the exercise domain. *Personality and Individual Differences*, 38(2), 251-265. doi: 10.1016/j.paid.2004.04.005
- Rhodes, R., & Pfaeffli, L. (2012). Personality. In E.O. Acevedo (Ed), *The Oxford handbook of exercise psychology*. New York, NY: Oxford University Press.
- Rhodes, R. E., & Smith, N. E. I. (2006). Personality correlates of physical activity: A review and meta-analysis. *British Journal of Sports Medicine*, 40, 958-965. doi: 10.1136/bjism.2006.028860
- Roberts, B. W. & DelVecchio, W. F. (2000). The rank-order consistency of personality traits from childhood to old age: A quantitative review of longitudinal studies. *Psychological Bulletin*, 126, 3-25. Recuperado de <http://www.rc.usf.edu/~jdorio/Personality/The%20Rank-Order%20Consistency%20of%20Personality%20Traits%20From%20Childhood%20to%20Old%20Age%20A%20Quantitative%20Review%20of%20Longitudinal%20Studies.pdf>
- Roberts, B. W., Walton, K. E., & Viechtbauer, W. (2006). Patterns of mean-level change in personality traits across the life course: A meta-analysis of longitudinal studies. *Psychological Bulletin*, 132, 1-25. doi:10.1037/0033-2909.132.1.1
- Ruiz., R. (2012). Relaciones entre características de personalidad y estados de ánimo: un estudio con deportistas de combate universitarios. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*, 7(1), 89-112. Recuperado de <http://www.webs.ulpgc.es/riped/docs/20120105.pdf>

- Schaubhut, N. A., Donnay, D. A. C., & Thompson, R. C. (2012). *Personality Profiles of North American Professional Football Players*. Poster session presented at The 27th Annual Convention of the Society for Industrial and Organizational Psychology, San Diego, CA.
- Silva, I. B., & Nakano, T. C. (2011). Modelo dos cinco grandes fatores da personalidade: análise de pesquisas. *Avaliação Psicológica*, 10(1), 51-62. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712011000100006
- Terracciano, A., McCrae, R. R., & Costa, P. T. (2010). Intra-individual change in personality stability and age. *Journal of Research in Personality*, 44(1), 31-37. doi:10.1016/j.jrp.2009.09.006
- Tolea, M. I., Terracciano, A., Simonsick, E. M., Metter, E. J., Costa Jr., P. T., & Ferrucci, L. (2012). Associations between personality traits, physical activity level, and muscle strength. *Journal of Research in Personality*, 46(3), 264–270. doi: 10.1080/02640410400021328
- Ucha, F. G. (2008). A psicologia do esporte no esporte de alto rendimento: aspectos psicológicos do rendimento esportivo In: M. R. F. Brandão, & A. A. Machado (Eds.). *Aspectos psicológicos do rendimento esportivo* (Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício, Vol. 2, Cap. 1, pp 1-25). São Paulo: Atheneu.
- Velho, N. M., & Fialho, A. F. P. (2015). Competências básicas na formação de árbitros de futebol. *EFDeportes.com, Revista Digital*, 20(208). Recuperado de <http://www.efdeportes.com/efd208/competencias-basicas-de-arbitros-de-futebol.htm>
- Vealey, R. S. (2002). Personality and sport behavior. In T. Horn (Ed.), *Advances in sport psychology* (2nd ed., pp. 43-82). Champaign, IL: Human Kinetics.
- Wann, D. L. (1997). *Sport psychology*. Pearson College Division.
- Weinberg, R. S., & Gould, D. (2001). *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Williams, J. M. (1980). Personality characteristics of the successful female athlete. In W. F. Straub (Ed.), *Sport psychology: An analysis of athlete behavior* (2nd ed., pp. 353-359). Ithaca, NY: Movement.
- Wilson, R.S., Krueger, K.R. y Gu, L. (2005). Neuroticism, extraversion, and mortality in a defined population. *Psychosomatic Medicine*, 67(6), 841-845. doi: 10.1097/01.psy.0000190615.20656.83

APÊNDICE A: Questionário Sociodemográfico

Nome: _____

Data de Nascimento: ____/____/____ Idade: _____

Sexo: Feminino Masculino

Local de Nascimento:

Estado em que reside:

Cidade:

Informações Gerais

1. Estado Civil: Solteiro Casado Viúvo Divorciado/Separado Outro:

2. Escolaridade: Analfabeto/Fundamental I Incompleto Fundamental I completo/
Fundamental II incompleto Fundamental II completo / Médio Incompleto Médio
completo / Superior incompleto: Superior completo –Curso: _____
 Pós graduação completa – Curso:

3. Profissão

4. A água utilizada em seu domicílio é proveniente de?

(1) Rede geral de distribuição (2) Poço ou nascente (3) Outro meio

5. Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que ela é:

(1) Asfaltada/pavimentada (2) Terra/cascalho

6. Qual quantidade destes itens você possui em casa? (Considerar os que estão funcionando)

Itens	0	1	2	3	4 ou +
Banheiros	0	1	2	3	4 ou +
Empregados domésticos (carteira assinada)	0	1	2	3	4 ou +
Automóveis	0	1	2	3	4 ou +
Microcomputador	0	1	2	3	4 ou +
Lava louca	0	1	2	3	4 ou +
Geladeira	0	1	2	3	4 ou +
Freezer	0	1	2	3	4 ou +
Lava roupa	0	1	2	3	4 ou +
DVD	0	1	2	3	4 ou +
Micro-ondas	0	1	2	3	4 ou +
Motocicleta	0	1	2	3	4 ou +
Secadora roupa	0	1	2	3	4 ou +

Informações Profissionais

6. Função: Árbitro Assistente

7. Categoria: FIFA Especial 1 Especial 2 Aspirante FIFA CBF1 CBF2 CBF3 Ouro Prata Bronze Amador Outros:

8. Tempo de arbitragem estadual: _____ anos

9. Tempo de arbitragem nacional: _____ anos, internacional: _____ anos.

10. Número de Testes Físicos Realizados _____ 11. Número de Reprovações

12. Frequência Semanal de treinamento:

13. Local de treinamento:

14. Você já foi convidado pela CBF/ FIFA para fazer algum curso ou treinamento fora do seu estado? Sim Não Quantas vezes: _____ Anos: Local: _____
Nome do evento:

15. Principais competições que participou: _

16. Abaixo estão enumeradas algumas razões que podem ter influenciado em seu ingresso na arbitragem. Marque em todas as afirmativas, conforme a escala abaixo, o quanto elas contribuíram em sua decisão.

1 - Nada 2 - Um pouco 3 - Medianamente 4 - Bastante 5 - Extremamente

Afirmativas	1	2	3	4	5
Amor pelo futebol					
Permanecer no meio do futebol (tentei ser jogador...)					
Contribuir de alguma forma para o futebol					
Gostar de desafios					
Busca de sensações					
Desejo de poder e controle					
Renda extra					
Influência de familiares e amigos					
Praticar esporte					
Fazer amigos					
Viajar					
Seguir a tradição familiar (tenho parentes que foram árbitros)					
Sempre gostei de apitar desde novo					

APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Sr. (a),

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “*Características de personalidade e estratégias de coping como preditoras do desempenho esportivo de árbitros de futebol profissional*”, que está sendo desenvolvida por mim, sob orientação da Profa. Dra. Marcela Mansur Alves do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). No Brasil, há poucos estudos sobre o pilar psicológico da arbitragem, porém vários estudos internacionais têm demonstrado a importância de conhecer características psicológicas preditoras de sucesso e desempenho profissional, a fim de desenvolver um trabalho mais individualizado com os envolvidos com maior efetividade. Esse projeto visa identificar quais são estas características de personalidade e estratégias de enfrentamento que poderiam prever o desempenho profissional.

No caso do (a) senhor (a), a participação implica no preenchimento de questionários de caracterização social, escalas de personalidade e de estratégias de enfrentamento de estressores, em um único momento.

Para participar deste estudo, o (a) senhor (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Você poderá interromper a participação a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. O (a) senhor (a) não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma delas será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações junto ao pesquisador responsável listado abaixo, telefone 3191113978. Tenho ciência que posso modificar a decisão de participar do estudo, se assim o desejar. Recebi uma via deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas¹

Assinatura do participante:

Telefone.....E-mail.....Data...../...../.....

Deseja receber os seus resultados na pesquisa, por meio de uma carta enviado ao seu email? () Sim () Não

Alessandra Carla Monteiro (Psicóloga e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG)

Profa. Dra. Marcela Mansur Alves
Orientadora – Depto. de Psicologia UFMG

¹ Em casos de dúvidas de ordem ética, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, Rua Av. Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II - 2º andar (Sala 2005), Campus Pampulha, 31270-901- Belo Horizonte MG, Fone:(31) 3409-4592.

4 Estudo II

Estratégias de *Coping*, traços de personalidade e sua relação com desempenho esportivo de árbitros de futebol

Alessandra Carla Peixoto Monteiro¹

Marcela Mansur-Alves²

¹Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais,

²Professora Adjunta do Departamento de Psicologia. Laboratório de Estudos do Comportamento, Cognição e Aprendizagem (LECCA), Universidade Federal de Minas Gerais.

Resumo

Estratégias de *coping* são mecanismos de enfrentamento que o indivíduo utiliza em situações estressantes, nas quais se sinta ameaçado física ou emocionalmente. A literatura internacional tem demonstrado que traços de personalidade são preditores dessas estratégias, como também de desempenho esportivo. O objetivo deste estudo foi levantar as estratégias de *coping* mais utilizadas pelos árbitros de diferentes estados brasileiros, assim como avaliar sua relação com a personalidade e o desempenho esportivo. 225 árbitros de futebol (113 árbitros centrais e 110 árbitros assistentes) com idades variando de 18 a 45 anos ($M = 31,1$ anos; $DP = 6,0$), sendo 203 do sexo masculino (90,2% da amostra) preencheram o Inventário de Estratégias de *Coping*, o Inventário de Personalidade NEO-FFI-R e um questionário sociodemográfico. Para avaliar o desempenho esportivo, os árbitros foram classificados em quatro níveis de acordo com o campeonato em que atuam e do tempo de ingresso na Federação. Análises de frequência revelaram a utilização homogênea das quatro estratégias de *coping*. A correlação entre os traços de personalidade apresentou-se significativa nas cinco dimensões para Estratégias Focadas no Problema, com Estratégias Focadas na Emoção, somente N e C apresentaram correlações significativas e Estratégias Focadas no Apoio Social apresentou correlação significativa, porém baixa com E. Estratégias Focadas no Distanciamento não se correlacionaram com nenhuma dimensão. No que se refere ao desempenho dos árbitros, idade e tempo de arbitragem correlacionaram-se positivamente com o primeiro, que também foi predito por Neuroticismo e Abertura a Experiências. Em suma, este estudo aponta para as relações entre *coping* e personalidade também para árbitros de futebol. Porém, novos estudos são necessários não apenas para elaboração de critérios mais objetivos de desempenho, como também para inclusão de um número maior de árbitros, do uso de instrumentos de *coping* mais adequados ao contexto do Esporte e da inclusão de medidas de personalidade que possam fornecer avaliações mais amplas a nível de facetas.

Palavras-chave: Estratégias de *Coping*; traços de personalidade; desempenho esportivo; arbitragem.

Abstract

Coping strategies are mechanisms used by individuals in stressful situations in which they feel threatened physically or emotionally. The international literature has shown that personality traits are predictors of these strategies, as well as of sports performance. The objective of this study was to identify the coping strategies most used by referees from different Brazilian states, as well as to evaluate their relationship with personality and sports performance. The sample consisted of 225 soccer referees (113 central and 110 assistant referees), ranging in age from 18 to 45 years ($M = 31.1$ years, $SD = 6.0$), being 203 males (90.2% Sample). The instruments used were the Coping Strategies Inventory, the NEO-FFI-R Personality Inventory and a sociodemographic questionnaire. In order to evaluate sports performance, the referees were classified into four levels according to the championship that they act and the time of entry into the Federation. Frequency analysis revealed on homogenous use of the four coping strategies. Problem-focused strategies showed significant correlations with all the five personality dimensions. Emotion-focused strategies were only significantly correlated with N and C, as Social Support focused strategies presented a significant, but low, correlation with E. Avoidance strategies have not shown significant correlations with any dimension. Regarding the performance of the referees, age and time of arbitration were positively correlated with the first, which were also predicted by Neuroticism and Openness. This study points out the relationship between coping and personality for soccer referees. However, other studies are necessary, not only to elaborate more objective criteria for performance evaluation, but to include a larger sample of referees, and to use coping instruments that are more appropriated to the context of Sports as well as using personality measurements that can provide wider information, at the level of facets.

Keywords: coping strategies; personality traits; sports performance; refereeing.

4.1 Introdução

Brandão, Serpa, Krebs, Araújo, Machado (2011) afirmam que a atividade praticada pelos árbitros de futebol os expõe a todo momento a situações estressoras. Portanto, uma habilidade fundamental e determinante para o desempenho esportivo de árbitros de futebol, é a forma como lidam com estímulos estressores. Desde o início da década de 1990, pesquisadores do esporte se interessam pelo estudo do *coping* no contexto esportivo (Gould, Eklund, & Jackson, 1993; Hardy, Jones, & Gould, 1996; Nicholls & Polman, 2007). A capacidade de lidar, de forma adequada, com eventos estressantes durante a competição faz parte do desempenho esportivo bem-sucedido, pois se evita efeitos prejudiciais sobre processos psicológicos tais como concentração, foco de atenção (Lazarus, 2000).

Nesse sentido, as estratégias de *coping* podem ser um fator importante para explicar algumas das diferenças de níveis de desempenho esportivo (Coetzee, Grobbelaar, & Gird, 2006; Cox, Shannon, Mc Guire, & Mc Bride, 2010; Van den Heever, Grobbelaar, & Potgieter, 2007; Segato, Brandt, Liz, Vasconcellos & Andrade, 2010). No entanto, os estudos sobre o assunto ainda são pouco frequentes. O *coping* é uma forma de autorregulação emocional que garante aos atletas a habilidade para lidar com vários tipos de exigências sem que afete seu desempenho, constituindo-se em um fenômeno psicológico complexo, determinado e passível de ser planejado (Barreiros & Serpa, 2005; Dias, 2005).

Nicholls, Holt, N. Polman, R. Polman e Bloomfield (2006) analisaram 64 estudos, publicados de 1988 a 2004, sobre *coping* no esporte e como resultado verificaram que 46 destes estudos se basearam na perspectiva de processo defendida por Folkman e Lazarus. Ademais, apontaram que atletas homens e mulheres percebem o estresse de forma semelhante, porém homens utilizam mais estratégias focadas no problema (gerir o problema que se encontra na gênese da perturbação do sujeito, buscando controlar ou alterar a situação que originou o estresse) e mulheres buscam maior enfrentamento focado na emoção (regulação da perturbação emocional no nível somático ou de alívio de sentimentos, podendo estar relacionado a mudanças no significado da situação). Quanto à idade, os autores demonstraram ser um fator moderador do *coping*, pois quanto mais velhos os atletas se tornam, mais eficazes são suas estratégias e maior controle de suas emoções eles obtêm (Folkman & Lazarus, 1988; Oliveira, 2009). Nicholls et al. (2006) concluíram que estratégias focadas no problema foram mais eficazes no esporte, porém, quando os atletas percebem não haver mais solução ou perdem o controle da situação, ou seja, quando a avaliação do estressor

é de dano, eles utilizam estratégias focadas na emoção para que possam se reestruturar emocionalmente.

No que se refere às estratégias de distanciamento (decisão de um indivíduo de se retirar de uma tarefa estressante particular, ou se envolver em outra atividade), chamadas de Evitação ou Evitativas, Anshel (1997) e Krohne (1996) consideram que, no contexto esportivo, este tipo de estratégia não deva ser avaliado somente com cunho negativo e chamam a atenção para a necessidade dos atletas em reduzir a importância do estressor, ou se afastar do mesmo, física ou psicologicamente, na tentativa de manter o foco de atenção para a tarefa em mãos. Outros estudos têm encontrado um padrão de resultados semelhantes àqueles apontados na revisão de Nicholls et al. (2006), a saber: em situações de estresse durante a competição, atletas utilizam mais estratégias focadas no distanciamento (Evitativas /Evitação); as estratégias focadas no problema estão associadas a melhores níveis de desempenho (subjetivo ou objetivo); as mulheres utilizam mais de estratégias de busca de apoio social por razões emocionais e os homens apresentam níveis mais elevados de estratégias focadas no problema, embora estes resultados não sejam consensuais (Campen & Roberts, 2001; Crocker & Graham, 1995; Dollen, Grove, & Pepping, 2015; Gaudreau, Nicholls, & Levy, 2010; Nicholls et al., 2006; Nicholls, Holt, & James, 2005; Nicholls & Polman, 2007; Park, 2000).

São raríssimos os estudos com árbitros e *coping*, uma exceção é o estudo inglês de Wolfson e Neave (2007) com 42 árbitros (do sexo masculino) da Liga Inglesa, com qualificação de pelo menos três anos. Com idade média de 40,04 (DP=3,83), 95% da amostra tinha um emprego em tempo integral. A média de anos de experiência foi de 12,33 (DP = 5,50), variando de 4 a 25 anos. Os árbitros investigados consideram os jogos ruins como moderadamente estressantes, mas não desmotivam, sentem que os erros são benéficos para o desenvolvimento profissional. Não ignoram seus erros, mas reconhecem que são raros e que no momento fizeram o seu melhor. Os resultados demonstraram que os árbitros usam estratégias de *Coping* focadas no problema que reduzem ou eliminam a natureza de estressores, porém 71% dos entrevistados se sentiram fisicamente esgotados após os jogos.

Considerando que o *coping* parece ser influenciado pela avaliação da controlabilidade do estresse, e que traços de personalidade são moderadores da experiência e manejo do estresse (Folkman & Moskowitz, 2000; Ribeiro & Rodrigues, 2004), alguns estudos têm buscado verificar a associação entre estratégias de *coping* e traços de personalidade, almejando aumentar o poder preditivo de modelos de desempenho em situações variadas, e, também, no Esporte (Carver, & Connor-Smith, 2010). Por exemplo, Allen, Greenlees e Jones

(2011) exploraram a relação entre as dimensões da personalidade descritas no modelo dos cinco grandes fatores e o tipo de enfrentamento relacionado a grupos distintos de atletas. Avaliaram 253 atletas com idade média de 21,1 anos (DP=3,7), sendo 187 homens e 66 mulheres. Os atletas competiam em 34 modalidades esportivas e em diferentes níveis de competição (nacional, estadual ou internacional). Os autores apresentaram como resultado que atletas com alta Extroversão utilizam mais estratégia focada no problema, o que é consistente com pesquisas realizadas em populações não atléticas (Connor-Smith & Flachsbart, 2007).

Atletas com baixos níveis de abertura (Ab) ou níveis elevados de Neuroticismo (N) relataram maior uso de estratégias de distanciamento (Evitação) e de emoção, assim como atletas com alta Conscienciosidade (C) utilizam mais enfrentamento focado na emoção. Atletas que apresentam melhor desempenho esportivo têm menores escores em N, e aqueles que competem em esporte individual apresentam maior Conscienciosidade e Abertura, além de menor Extroversão (E) e Neuroticismo. Em comparação com os homens, as mulheres relataram níveis mais elevados de Neuroticismo, Amabilidade (Am) e Conscienciosidade. Analisando sob uma perspectiva de interação entre as dimensões da personalidade, Allen et al., (2011) também encontraram resultados em que os atletas com alta Extroversão, Abertura e baixo Neuroticismo (um efeito de interação de três vias), relataram maior uso de estratégias de enfrentamento focado no problema. Atletas que apresentam altos níveis de Extroversão, Abertura e Amabilidade, relataram maior uso de estratégias de enfrentamento focadas na emoção.

Vollrath e Torgersen (2000) também demonstraram que diferentes combinações de traços poderiam prever mais estratégias de enfrentamento focado na emoção. Alta Extroversão com alta Conscienciosidade, enfrentamento focalizado na emoção, enquanto as que combinam alto Neuroticismo com baixa Conscienciosidade foram associados a menor enfrentamento focado no problema. Outros autores sugeriram que os efeitos da interação entre Abertura e Amabilidade também podem ser um determinante importante para o estresse e o *coping* (Grant & LanganFox, 2006; Røvik, Tyssen, Gude, Moum, Ekeberg, & Vaglum, 2007). Grant e LanganFox (2006) encontraram uma interação importante entre alto N e baixa C na predição de enfrentamentos disfuncionais, e também uma importante interação entre alto Neuroticismo e baixa Amabilidade em predizer insatisfação na realização das atividades. Além disso, Kaiseler, Polman e Nicholls (2012) constataram que os cinco fatores influenciam na avaliação e controle do evento estressor, seleção da estratégia de *coping* e na eficácia da mesma. Seu estudo contou com 482 atletas (masculino $n = 305$; feminino $n = 177$) e como

resultado obteve que Neuroticismo previu uma percepção de maior intensidade de estresse, menor controle e eficácia das estratégias de *coping* adotadas. Amabilidade previu a percepção de menor intensidade do estressor, C previu maior controle do evento. Um Neuroticismo elevado utiliza mais estratégias de distanciamento (Evitação) e focadas na emoção e menos focadas no problema. Conscienciosidade previu maior uso de coping focado no problema e apoio social. Am apresentou maior uso de focada no Apoio Social tanto instrumental quanto emocional, E não previu estratégias focadas no problema e sim no apoio social, Abertura não mostrou correlação com as estratégias.

Ademais, conforme apontado anteriormente, alguns pesquisadores têm se dedicado a entender a relação entre traços de personalidade e desempenho esportivo, visando testar uma das três principais hipóteses consideradas para a relação entre características individuais e desempenho, a saber: a Hipótese de Seleção em que características pessoais definem a escolha pela modalidade e permanência no mesmo; Hipótese de Desenvolvimento em que o meio esportivo transforma as características individuais e, por fim, a Hipótese de Interação em que as duas primeiras interagem de forma recíproca (Cox, Shannon, McGuire, & McBride, 2010; Garcia-Naveira & Ruiz, 2013; Wann, 1997; Weinberg & Gould, 2007, 2010).

Embora a capacidade cognitiva seja o indicador mais confiável e válido do desempenho de trabalho em todas as ocupações ($r = 0,53$; Schmidt & Hunter, 1998), estudos e metanálise indicaram que os traços de personalidade humanos, particularmente aqueles incluídos no Modelo dos Cinco Grandes Fatores, também são altamente relacionados a desempenho profissional (Barrick, Mount, & Judge, 2001; Rothmann & Coetzer, 2003). A discussão atual é a visão de que o comportamento dos atletas é melhor compreendido tendo em conta a interação entre a pessoa e o contexto, porém alguns pesquisadores argumentam que a personalidade "afeta o desempenho acima das influencias do meio" (Aidman & Schofield, 2004, p. 28). Em resumo, estas pesquisas sugerem que, mesmo controlando o potencial físico entre os atletas, tempo de experiência e idade, em modalidades olímpicas ou paralímpicas e esportes individuais ou coletivos, a Conscienciosidade é o melhor preditor e está mais frequentemente associado ao desempenho (seja avaliado de forma subjetiva pelo técnico ou de forma objetiva); altos níveis de extroversão e também abertura a experiências também têm sido associados a melhores resultados esportivos, ao passo que altos níveis de Neuroticismo estariam associados a piores resultados e a amabilidade parece não se associar ao desempenho na maioria dos estudos (Aidman, 2007; Allen, Greenlees, & Jones, 2011; Jackson, Dimmock, Gucciardi, & Grove, 2010, 2011; Kaiseler, Polman, & Nicholls, 2012; Lopez & Santelices, 2011; Martin, Malone, & Hilyer, 2011; Merritt & Tharp, 2013; Mirzaei,

Nikbakhsh, & Sharififar, 2013; Piemonte, Hill, & Blanco, 1999; Sayfollahpour, Ganjooee, & Nikbakhsh, 2013; Teshome, Mengistu, & Beker, 2015).

Há pouco mais de uma década, o desempenho esportivo era analisado apenas por aspectos fisiológicos, sendo a busca pela avaliação de aspectos psicológicos, motores, cognitivos e outros integrados às Ciências do Esporte relativamente recente (Willians & Hodges, 2005). Atualmente existe uma busca por um modelo preditivo de desempenho, porém ainda existem aspectos que precisam ser melhor estudados para que se obtenha tal compreensão (Masala, Sunje, Rado, & Bonacin, 2009).

Especificamente sobre a arbitragem, o interesse científico pelas performances de árbitros de futebol tem crescido substancialmente nas últimas duas décadas. Weston (2015) coloca que antes de 1995, existiam dois artigos publicados em jornais internacionais revisados sobre o tema, de 1995 a 2007, foram publicados 22 artigos (Castagna, Abt, & D'Ottavio, 2007). Os árbitros de futebol dependem, assim como os atletas de alto rendimento, de seu desempenho esportivo para atuarem e progredirem na carreira, porém os critérios de desempenho da arbitragem ainda não são muito claros. É necessário homogeneizar os critérios e instrumentos de avaliação do desempenho para que se categorize de forma consistente. (Gonzalez-Oya, 2004; Helsen & Bultynck, 2004). Assim, pois, Weston (2015) destaca que se torna indispensável aliar o estudo de aspectos físicos, técnicos e psicológicos para a avaliação do desempenho dos árbitros.

Diante das evidências encontradas na literatura acerca das relações entre *coping* e personalidade e entre personalidade e desempenho esportivo, mas considerando a escassez de estudos que relacionem personalidade, *coping* e desempenho esportivo em árbitros de futebol, o presente estudo teve por objetivo avaliar quais as estratégias de *coping* são mais utilizadas pelos árbitros participantes, e a relação entre as mesmas, as características de personalidade e o desempenho esportivo em árbitros do futebol brasileiro.

4.2 Método

4.2.1 Participantes

Participaram desse estudo 225 árbitros de futebol (113 árbitros centrais e 110 árbitros assistentes) com idades variando de 18 a 45 anos (M= 31,1 anos; DP=6,0), sendo 203 do sexo

masculino (90,2% da amostra). A média de tempo de experiência na arbitragem é de 6,7 anos (DP=5,6). A Tabela 1 (completar como no Estudo 1)

Tabela 1

Estatísticas descritivas da amostra

	Classe Socioeconômica		Estados Filiados			Nível Escolar		
	N	%		N	%		N	%
Classe A	24	10,7	MG	104	46,2	Fundamental	04	1,8
Classe B	131	58,5	CE	48	21,3	Ensino Médio	74	32,9
Classe C	68	30,3	DF	21	9,3	Graduação	106	47,1
			MA	08	3,6	Pós-Graduação	41	18,3
			PE	28	12,4			
			PI	16	7,1			
Total	225	100%		225	100%		225	100%

4.2.2 Instrumentos

Inventário de Estratégias de Coping (Ways of Coping Checklist-WCC): instrumento desenvolvido por Folkman e Lazarus, em 1985, com o objetivo de avaliar estratégias de enfrentamento utilizadas pelas pessoas diante de um evento estressor. Em 1996, foi validado no Brasil por Savóia, Santana e Mejias. É um questionário que contém 66 itens que englobam pensamentos e ações que as pessoas utilizam para lidar com demandas internas ou externas de um evento estressante específico. Os estudos demonstraram ser um instrumento preciso e válido para o estudo de estratégias de *coping*, segundo os padrões comumente aceitos pela psicometria. Em relação à adaptação para o Brasil, Savoia, Santana e Mejias (1996) verificaram que os oito fatores explicaram 70,8% da variância, sendo que a maior parte dos itens apresentou cargas fatoriais superiores a 0,3 nos respectivos fatores teóricos. Em relação à precisão, foi empreendida análise teste-reteste, que apresentou correlações estatisticamente significativas ($p < 0,001$) entre os fatores variando de 0,4 a 0,7.

Inventário de Cinco Fatores NEO Revisado: NEO-FFI-R (Versão Curta) (Costa & McCrae, 1985), adaptado para o Brasil por Flores-Mendoza et al. (2010): O NEO-FFI-R é a versão curta da forma S do NEO PI-R, que é instrumento considerado padrão-ouro na avaliação da personalidade. Contém 60 itens com informações sobre os cinco traços de

personalidade (Neuroticismo, Extroversão, Amabilidade, Conscienciosidade e Abertura a Experiências), porém não contempla as facetas. Os itens são respondidos com base em uma escala do tipo *Likert* de cinco pontos, sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente. Seu uso deve se restringir a situações nas quais o tempo de aplicação é limitado e se pretende levantar apenas um panorama geral das dimensões. Flores-Mendoza et al. (2010) submeteram o instrumento a análise exploratória, com rotação *Varimax*, na qual os cinco fatores extraídos explicaram 34,49% da variância total. Quanto à consistência interna, as cinco dimensões apresentaram Alfas de *Cronbach* entre aceitáveis e bons ($0,7 < \alpha < 0,83$). A amostra utilizada na versão curta foi a mesma da versão completa, o NEO PIR, e evidências de validade de critério foram obtidas por meio da correlação do instrumento e informações obtidas em questionário sociodemográfico (idade, escolaridade, nível socioeconômico, religiosidade, entre outras).

Questionário Sociodemográfico: foi elaborado especificamente para o presente estudo e tem como objetivo caracterizar o participante no que se refere a aspectos sociais, econômicos e profissionais. Composto por 16 questões que se dividem em identificação, estado civil, escolaridade e profissão, classificação econômica baseada no Critério Brasil 2015 (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP) e aspectos relativos à arbitragem, como: anos de experiência, testes físicos realizados, aprovações/reprovações, frequência de treinamento físico semanal, local de treinamento físico, principais competições que participou e razões para ter ingressado na arbitragem (Apêndice A).

Avaliação do Desempenho Esportivo: considerando que no Brasil não há uma avaliação única e padronizada do desempenho esportivo a nível nacional e estadual, optou-se por elaborar para o presente estudo uma classificação dos árbitros baseada na abrangência do campeonato no qual atuam (estadual ou nacional), tempo de atuação, e avaliação geral do rendimento do árbitro (que a nível nacional se encontra na Relação Nacional dos Árbitros de Futebol RENAF- em forma de nota individual, e a nível estadual se encontra nos relatórios enviados pelos assessores que assistem os jogos, sendo o ano base estipulado o de 2015). Estes critérios de rendimento foram elaborados pela autora do presente estudo, juntamente com o Sr. Giulliano Bozzano (presidente da Comissão de Arbitragem da Federação Mineira de Futebol), ambos com extensa experiência com arbitragem.

Determinou-se, então, quatro categorias:

- Categoria Ouro: foram categorizados nesse nível os árbitros atuantes há mais de um ano em nível nacional;

- Categoria Prata: aqueles com até um ano de categoria nacional e aqueles que ocupam nível mais elevado em suas federações estaduais;
- Categoria Bronze: árbitros que atuam exclusivamente em campeonatos estaduais e que ocupam níveis médio e iniciante;
- Categoria Amador: árbitros não profissionalizados.

Os critérios elaborados foram então enviados às psicólogas responsáveis pela coleta dos dados nos outros Estados para que classificassem os seus árbitros nessas quatro categorias. Esta classificação dos árbitros dos outros Estados foi revisada pelos coordenadores da pesquisa. A concordância entre as classificações foi maior do que 80%.

4.2.3 Procedimentos

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais (CAAE 53351216.4.0000.5149). Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, Apêndice B). O contato com a Federação Mineira de Futebol foi estabelecido por meio da primeira autora desse artigo, que atua como psicóloga do esporte na instituição. O contato com as demais federações (dos estados do Ceará, Distrito Federal, Maranhão, Pernambuco e Piauí) foi feito também por meio das psicólogas do esporte atuantes em cada instituição, que possibilitaram o acesso e anuência da presidência da comissão de arbitragem local.

Em seguida, via Sedex 10, foram enviados às psicólogas os instrumentos, juntamente a um documento com informações sobre a pesquisa e instruções de aplicação. Reuniões entre a pesquisadora e as profissionais, via *Skype* (programa de chat com voz e vídeo), possibilitaram o esclarecimento das dúvidas e reforço das instruções. No estado de Minas Gerais, as aplicações foram conduzidas em Belo Horizonte, na sede da Federação Mineira de Futebol e no Centro de Treinamento Esportivo da UFMG, por equipe de graduandos em psicologia orientados pela pesquisadora responsável. Nos demais estados, as aplicações ocorreram nas sedes das federações locais, também supervisionadas pelas psicólogas.

As aplicações dos instrumentos foram realizadas coletivamente e duraram cerca de 1 hora e 30 minutos. Logo após as aplicações, todo o material foi devolvido, via Sedex 10, pelas psicólogas responsáveis pela coleta em cada estado. Ao final do estudo, os árbitros receberão uma devolutiva, por meio de carta, com os principais resultados obtidos.

4.2.4 Análises dos Dados

Os dados obtidos foram tabulados e inicialmente submetidos a análises descritivas para caracterização da amostra em relação a variáveis demográficas (sexo, idade, escolaridade, nível socioeconômico) e ocupacionais (função exercida e tempo de atuação na arbitragem). Em seguida, foram empreendidas diferentes análises a fim de verificar algumas propriedades psicométricas do Inventário de Estratégias de Coping (*Ways of Coping Checklist* – WCC; Lazarus & Folkman, 1985). Conduziu-se a Análise Fatorial Exploratória (AFE), com rotação *Varimax*, a fim obter informações sobre a estrutura fatorial da escala. Verificou-se também a confiabilidade do instrumento via análise de consistência interna (Alfa de *Cronbach*). A partir dos fatores encontrados foram determinados os escores fatoriais dos árbitros no instrumento, via método de regressão.

A Análise Fatorial Exploratória (método de extração *Maximum Likelihood*, com rotação *Varimax*) apontou para existência de 19 fatores com autovalores maiores do que 1,00. A análise do gráfico de sedimentação sugeriu a redução para quatro fatores, que explicaram juntos 26,85% da variância. Optou-se, assim, por tal solução, por ser mais adequada às formulações teóricas do inventário descritas na literatura. Os fatores foram nomeados: “Focado no Problema” (EFP), “Focado na Emoção” (EFE), “Focado no Distanciamento” (EFD) e “Focado no Apoio Social” (EFAS). Submetidos a análise da consistência interna os fatores apresentaram alfas de *Cronbach* aceitáveis ($\alpha > 0,7$) à exceção de “Focado no Apoio Social”, com um alfa questionável ($\alpha = 0,69$) (Zanon, & Filho, 2015). Informações detalhadas sobre os procedimentos da AFE encontram-se no Apêndice C.

Os escores fatoriais possibilitaram, posteriormente, análises descritivas indicando a frequência de cada tipo de estratégia na amostra. Também foram conduzidas análises de correlação (de *Pearson*) entre os escores na escala de *coping*, a idade e o tempo de arbitragem e comparação entre grupos (teste t), na qual os escores foram comparados em razão do sexo e da função (árbitro central ou árbitro assistente). Análises de correlação também foram empreendidas entre os escores de *coping* e os cinco fatores de personalidade (NEO-FFI-R), e análises de regressão (linear múltipla, pelo método *Stepwise*) indicaram o poder preditivo da personalidade em relação ao *coping*. Por fim, foram empreendidas análises de variância com o intuito de verificar diferenças significativas entre as categorias de desempenho em relação ao *coping* e à personalidade. Todas as análises foram realizadas utilizando o SPSS (versão 22).

4.3 Resultados

4.3.1 Análise de frequência e comparação entre grupos de árbitros quanto às estratégias mais utilizadas

A partir da comparação numérica dos escores fatoriais obtidos por cada árbitro nos quatro fatores do Inventário de Estratégias de *Coping*– *Ways of Coping Checklist*(WCC), os mesmos foram categorizados pela estratégia na qual apresentaram maior escore. Em seguida foram empreendidas análises de frequência, a fim de determinar o fator de *coping* mais recorrente para este grupo de árbitros (Tabela 2).

Tabela 2.

Frequência e percentual de uso de cada grupo de estratégia de *coping*

Estratégia de Coping	Frequência Absoluta	Percentual
Focado no Problema (EFP)	62	25,9
Focado na Emoção (EFE)	57	23,8
Focado no Distanciamento (EFD)	56	23,4
Focado no Apoio Social (EFAS)	64	26,8
Total	239	100

Não parece ter havido diferenças quanto à frequência de uso de cada conjunto de estratégias na amostra estudada. Todas as estratégias foram igualmente utilizadas pelos árbitros.

Com relação ao uso de cada conjunto de estratégias de acordo com o gênero, foram encontradas diferenças significativas no fator Estratégias Focadas no Distanciamento ($t = -3,5$; $df = 237$; $p = 0,001$), na qual a média das mulheres foi inferior à dos homens. Tal diferença apresentou um tamanho de efeito grande ($d = -1,2$). Quanto à função em campo, foram encontradas diferenças significativas para a Estratégia Focada no Apoio Social ($t = -2,4$; $df = 237$; $p = 0,017$), tendo os árbitros centrais um escore mais baixo comparado aos assistentes. Neste caso, o tamanho do efeito foi pequeno ($d = -0,3$). Não foram encontradas correlações estatisticamente significativas entre os quatro fatores de *coping* e as variáveis idade e tempo de arbitragem. Idade e tempo de arbitragem apresentaram correlação de 0,72 ($p < 0,01$; $N = 239$).

4.3.2 Análises de correlação de Pearson e regressão entre coping e personalidade

Todas as cinco dimensões de personalidade apresentaram correlações estatisticamente significativas ($p < 0,001$), mas de baixa magnitude, com o fator de *coping* Focado no Problema, sendo que E, C, Ab e Am apresentaram correlações positivas e N negativa. A Estratégia Focada na Emoção apresentou correlação positiva e estatisticamente significativa somente com N e negativa com Conscienciosidade. Nenhuma dimensão de personalidade se correlacionou com EFD e Extroversão se correlacionou positivamente com EFAS. A Tabela 3 apresenta as correlações entre as cinco dimensões de personalidade e as estratégias de *coping*.

Tabela 3.

Correlações entre as cinco dimensões de personalidade e as quatro estratégias de *coping*

	EFP	EFE	EFD	EFAS
Neuroticismo (N)	-0,2**	0,35**	0,50	0,87
Extroversão (E)	0,27**	-0,28	-0,55	0,15**
Abertura (Ab)	0,31**	0,14	-0,1	0,08
Amabilidade (Am)	0,15**	-0,06	0,01	0,03
Conscienciosidade (C)	0,34**	-0,21**	0,09	0,12

** $p < 0,001$

Diante dos resultados da matriz de correlação, optou-se pela condução de análises de regressão linear múltipla, a fim de verificar o poder preditivo das características de personalidade dos árbitros em relação às estratégias de *coping*. Antes de proceder-se à análise de regressão linear, verificou-se que o número de protocolos respondidos era suficiente para a análise. Dancey e Reidy (2011) indicam que o tamanho amostral (N) deve ser superior ao valor de $50 + 8m$, no qual m é o número de variáveis independentes (VIs). Nesse caso, considerando que cada regressão contará com 17 VIs, o tamanho amostral deveria ser superior a 186, o que é verdadeiro ($N = 225$).

Em seguida foram analisados os níveis de colinearidade entre as VIs, adotando-se o índice de tolerância superior a 0,3 (Dancey & Reidy, 2011). Para cada análise também foi avaliada a ausência de *outliers*, utilizando-se, para tanto, valores de distância de Cook inferiores a 1,00. Cabe destacar que foram identificados índices de tolerância superiores a 0,3 nas interações entre os fatores do NEO-FFI-R. Tais resultados foram compreendidos como esperados, já que as interações são produto dos cinco fatores. Assim, procedeu-se a análise de

regressão, utilizando-se o método *Stepwise*, em que se trabalha literalmente passo a passo, ou seja, em cada estágio incluem-se um conjunto de variáveis, sendo que os quatro fatores de *coping* foram definidos como variáveis dependentes. Inicialmente, foram controladas as variáveis, gênero, idade e tempo de arbitragem por já apresentarem correlação com os construtos. No primeiro passo foram incluídas como variáveis independentes somente as variáveis sociais, no segundo passo foram incluídas também as dimensões de personalidade e finalmente no terceiro passo incluiu-se também as interações entre as dimensões de personalidade. Inicialmente, verificou-se que, à exceção dos resultados encontrados na regressão das Estratégias Focadas no Distanciamento (EFD), as variáveis idade, sexo e tempo de arbitragem não foram preditoras de estratégias de *coping*.

Em relação à Estratégia Focada no Problema, o modelo que se apresentou como melhor ajustado aos dados (R^2 ajustado=0,192), incluía a Conscienciosidade ($\beta=0,279$; $p=0,000$), Abertura a Experiências ($\beta=0,222$; $p=,001$) e Extroversão ($\beta=0,149$; $p=0,020$) como únicas VIs preditoras. Para a Estratégia Focada na Emoção, a única variável independente preditora foi o Neuroticismo ($\beta=0,354$; $p=0,000$) (R^2 ajustado=0,122).

Para a estratégia de *coping* focada no Distanciamento, as dimensões preditoras foram a variável gênero ($\beta=0,202$; $p=,003$) e as interações entre as dimensões N x C ($\beta=0,293$; $p=,004$) e N x Ab ($\beta= -0,201$; $p=,050$), esta última apresentando valor negativo. Não obstante, mesmo este modelo incluindo estas três variáveis independentes explica uma pequena porcentagem da variância da VD (R^2 ajustado=0,059). Por fim, para o *coping* focado no Apoio Social (EFAS), o modelo mais ajustado incluiu apenas Extroversão ($\beta=0,172$; $p=0,010$) e a interação entre as dimensões N x C ($\beta=0,173$; $p=0,010$) como preditores significativos (R^2 ajustado=0,42).

Tabela 4.

Regressão linear entre as cinco dimensões de personalidade na predição das estratégias de *coping* em árbitros

	Coping Problema		Coping Emoção		Coping Distanciamento		Coping Apoio Social	
	β	p	β	p	β	p	β	p
Sexo					0,202	0,003		
Neuroticismo			0,354	0,000				
Extroversão	0,149	0,02					0,172	0,01
Abertura	0,222	0,001						
Conscienciosidade	0,279	0,000						
N x Ab					-0,201	0,05		
N x C					0,293	0,004	0,173	0,01

* $p < 0,01$

4.3.3 Diferenças entre categorias de desempenho nos traços de personalidade e estratégias de coping

Com o intuito de verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os diferentes níveis de desempenho (amador, bronze, prata e ouro) em relação a características de personalidade e estratégias de *coping* foram conduzidas análises multivariadas de variância (MANOVA). A fim de controlar o efeito da idade e do tempo de arbitragem nos resultados, tais variáveis também foram incluídas nas análises. Antes da condução do teste, verificou-se se os dados apresentavam as condições necessárias de normalidade.

A distribuição dos árbitros nas quatro categorias mostrou-se desigual (Tabela 5), mas a quantidade mínima de sujeitos por grupo ($n=12$) foi obedecida (Dancey & Reidy, 2011), assim como a normalidade das variáveis dependentes (fatores do NEOFFI, escores fatoriais na escala de coping, idade e tempo de arbitragem). Contudo, o valor do teste Box de M foi estatisticamente significativo ($p < 0,001$), o que indica que se deve rejeitar a hipótese nula de que as matrizes de covariância da variável dependente são iguais entre os grupos desta (no nosso caso, categorias de desempenho), o que torna impossível a realização da MANOVA.

Tabela 5.

Distribuição dos árbitros nas categorias de desempenho

Categoria	Frequência	Percentual (%)	Percentual Acumulado (%)
Amador	28	12,4	12,4
Bronze	87	38,7	51,1
Prata	62	27,6	78,7
Ouro	48	21,3	100
Total	197	100	100

A partir da determinação do desvio da normalidade (via teste de Box de M), empreendeu-se uma estatística não paramétrica de comparação entre grupos (*Kruskal-Wallis*). Como resultados, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas apenas para idade ($\chi^2=38,1$; $df=3$; $p<0,001$) e tempo de arbitragem estadual ($\chi^2=106,9$; $df=3$; $p<0,001$). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as categorias de desempenho, para nenhuma das cinco dimensões de personalidade, tampouco para as quatro estratégias de *coping* aqui incluídas.

4.4 Discussão

Este estudo objetivou levantar as estratégias de *coping* mais utilizadas pela amostra de árbitros centrais e árbitros assistentes dos seis estados brasileiros avaliados (CE, DF, MA, MG, PE, PI) e correlacioná-los com traços de personalidade e categorias de desempenho esportivo.

No que se refere às estratégias de *coping* mais utilizadas pelos árbitros, foi realizada uma comparação numérica dos escores fatoriais obtidos por cada árbitro nos quatro fatores do Inventário de Estratégias de *Coping – Ways of Coping – Checklist* (WCC), sendo categorizados pela estratégia na qual apresentaram maior escore. Em seguida foram empreendidas análises de frequência, a fim de determinar o fator de *coping* mais recorrente, como resultado foi apresentado que os árbitros desta amostra utilizam as quatro estratégias de forma bem uniforme, apresentando um leve aumento para estratégia focada no Apoio Social, porém essa diferença não se apresentou significativa. Segundo Nicholls et al. (2005), diferentes estratégias de enfrentamento podem ser utilizadas simultaneamente para lidar com

determinada situação estressora, bem como o uso de uma estratégia em maior escala, o que não demonstra necessariamente sinônimo de maior eficácia.

Louvet, Campo e André (2015) em seu estudo sobre *coping* em árbitros demonstram a utilização das estratégias Focada no Problema, Focada na Emoção e Focada no Apoio Social em níveis semelhantes (Brebner, 2001; Louvet, Gaudreau, Menaut, Genty, & Deneuve, 2009; Voight, 2009; Wolfson & Neaves, 2007). Justificam o fato pela complexidade do processo que alia fatores disposicionais e situacionais (Lazarus, 1999). Provavelmente pela quantidade de eventos estressores a que estão sujeitos, possam necessitar de um leque de opções mais adequado a resolução de problemas em um curto espaço de tempo.

Outra justificativa para a distribuição da frequência de uso das estratégias de *coping* de forma equivalente nesta amostra, talvez possa ir ao encontro do que preconizou Kowalski e Crocker (2001) quando defendeu que os instrumentos utilizados para avaliação do *coping* não são específicos para o esporte. Eles são criados para a população em geral e adaptados para o esporte, porém a mudança na redação se dá no sentido de atender as análises das estruturas fatoriais e não para se adequar as questões estressoras do esporte que são muitas, são peculiares a cada especificidade esportiva, além de permearem todo o processo de alto rendimento, tanto na busca da proficiência quanto na atuação em competições (Crocker, 1992; Grove, Eklund, & Heard, 1997). As demandas exclusivas de esportes podem exigir tipos distintos de enfrentamento. Ademais, Nicholls et al. (2006) argumentam que achados contrastantes podem ser resultado de diferentes classificações de enfrentamento, pois além de existirem diversos e variados tipos de enfrentamento, por vezes uma única estratégia pode ser classificada em mais de um fator (Nicholls, Polman, Morley, & Taylor, 2009).

Quanto à correlação entre as estratégias de *coping* e a variável função, árbitros centrais e árbitros assistentes, os segundos apresentaram níveis mais elevados de Estratégia focada no Apoio Social. Apesar de não existir literatura a este respeito, a própria atuação dos mesmos talvez possa explicar esta preferência, já que suas decisões estão sempre submetidas ao crivo do árbitro central que é absoluto e independente. Esta escolha pela função em que dependam da aprovação de terceiros, provavelmente os coloquem como pessoas mais abertas em relação a opinião e aprovação do outro, ou seja, possivelmente utilizem esta estratégia quando confrontados com eventos estressores, pois para eles além de ser uma situação recorrente, se sentem mais seguros quando apoiados socialmente. Lazarus e Folkman (1984) identificam que este enfrentamento reflete um comportamento de busca de apoio, seja instrumental ou emocional, para solicitar e obter a assistência ou conforto para lidar com situações

estressantes. Sendo assim esta estratégia se traduz na melhor opção de sucesso na atuação esportiva dos árbitros assistentes.

De maneira geral, estudos de *coping* em árbitros demonstram uma maior utilização de estratégia focada no Apoio Social (Louvet et al. 2007; Wolfson & Neave, 2007). Por exemplo, o estudo de Wolfson e Neave (2007), com árbitros ingleses, encontrou correlações significativas entre o uso dos vários sistemas de apoio como procurar aconselhamento, participar de reuniões e treinar com outros árbitros, o que facilitaria a troca de experiências e informações construtivas. Esse apoio é susceptível de gerar sentimentos de identidade de grupo, onde é possível serem reforçados pelo fato de compartilharem muitos pontos de vista e experiências, já que socialmente não encontram muito respaldo de apoio.

Quanto às diferenças encontradas para as estratégias de *coping* e a variável gênero, em que os árbitros do sexo masculino apresentaram maiores pontuações em foco no distanciamento do que as mulheres, a literatura científica não corrobora os resultados aqui encontrados. Em geral, a literatura aponta que atletas do sexo feminino estão mais propensas a utilizar estratégia Focada na Emoção e atletas do sexo masculino utilizam mais foco no problema (Anshel, Porter & Quek, 1998; Campen & Roberts, 2001; Goyen & Anshel, 1998; Hammermeister & Burton, 2004; Madden, Kirkby, & McDonald, 1989; Yoo, 2001). No entanto, Crocker e Graham (1995) e Kolt, Kirkby e Lindner (1995) relataram que não encontraram diferenças de gênero para foco no problema, porém as atletas utilizaram mais foco no Apoio Social. Esta preferência por estratégias focadas no Apoio Social foi apresentada também nos estudos de Campen e Roberts (2001), Crocker e Graham (1995) e Philippe, Seiler & Mengisen (2004). Já Bebetos e Antoniou (2003) e Pensgaard, Roberts e Ursin (1999) não encontraram diferenças entre gêneros para qualquer tipo de estratégia de enfrentamento. A utilização de estratégias focadas no Distanciamento está associada a altos escores de Neuroticismo, Connor-Smith e Flachsbart (2007) mostram que os atletas emocionalmente instáveis usam mais este tipo de estratégia, neste caso as mulheres estariam mais propensas a utilização desta estratégia, já que possuem maior escore de Neuroticismo que os homens. Estes resultados vão ao encontro da literatura que demonstrou uma relação similar com a população geral.

Anshel (1997) e Krohne (1996) defendem que no esporte pode-se pensar que foco no Distanciamento (Evitação) se traduz em uma estratégia muito eficaz, principalmente para árbitros centrais que não podem se apegar a um erro ou evento que tire o foco de sua atenção, pois fatalmente o restante do jogo estaria contaminado, portanto é salutar que ele evite pensar ou sentir algo que o desconcentre enquanto está em ação. Outra perspectiva sobre a utilização

de EFD é defendida por Nicholls & Polman (2007). Estes autores afirmam ser esta uma estratégia inadequada e menos desejável pelos atletas (que envolve o afastamento da situação problemática).

Possivelmente os árbitros centrais usem do *coping* distanciamento com maior frequência, já que possibilitam a continuação da atuação isenta, sem estarem impregnados de pensamentos e sentimentos inadequados provocados por um evento estressor anterior, ou seja, esta estratégia para um árbitro de futebol com a função de árbitro central parece ser altamente adaptativa, essencial, já que possibilita a continuidade das tarefas a serem executadas sem perder a concentração. Talvez possa explicar também esta relação de serem mais usadas em árbitros homens já que a amostra de mulheres não é significativa para árbitros centrais e sim assistentes.

A análise de correlação entre as dimensões de personalidade e os fatores de *coping* aponta para resultados diversos em relação à literatura internacional, alguns indo ao encontro de achados anteriores, outros não. A estratégia Focada no Problema se correlacionou de forma positiva e significativa com Conscienciosidade (C), Extroversão (E), Amabilidade (Am) e Abertura a experiências (Ab). De forma negativa com Neuroticismo (N). Connor-Smith e Flachsbart (2007) realizaram uma metanálise com 165 amostras e 33.094 participantes, para verificar a correlação entre o Big Five e *coping* e encontraram Conscienciosidade, Extroversão e Abertura correlacionados ao *coping* problema. Vollrath e Torgersen (2000) e Allen et al. (2011), em contrapartida, só encontraram correlação para Extroversão. Quanto à correlação negativa com N, Kaiseler et al. (2010), Allen et al. (2011), Connor-Smith e Flachsbart (2007) também a encontraram. A correlação significativa e positiva da Amabilidade com o *coping* Focado no Problema não se confirma em outros estudos com atletas.

A correlação entre estratégia Focada na Emoção e as dimensões de personalidade mostrou-se significativa e positiva para Neuroticismo assim como nos resultados descritos por Kaiseler et al. (2010), Allen et al. (2011), Connor-Smith e Flachsbart (2007), como também apresentou uma correlação inversa com Conscienciosidade, ou seja, quanto menor o envolvimento com o desempenho em níveis de excelência, as metas, a organização, mais o árbitro voltará para dentro quando confrontado com situações estressoras, Connor-Smith e Flachsbart (2007) associa a baixa Conscienciosidade a um *coping* emoção de cunho mais negativo.

Para a estratégia Focada no Apoio Social, houve correlação positiva e significativa com Extroversão, esta é uma correlação esperada (Connor-Smith & Flachsbart, 2007), ou

seja, atletas que se relacionam bem com o outro e estão abertos para o meio social, além possuírem energia positiva, provavelmente busquem resolver os conflitos procurando apoio em seu meio social. Entretanto, Carver e Connor-Smith (2009) apresentaram uma discussão a respeito do *coping* Focado no Apoio Social, que pode ser entendido sob duas perspectivas, a saber: quando a busca de apoio tem o objetivo de obtenção de apoio emocional e segurança, ou se o objetivo é obter aconselhamento ou ajuda instrumental. Neste caso, os autores discutem a relação da primeira situação com estratégias Focadas na Emoção, e se o objetivo que prevalece é o segundo, ele diz da relação com o *coping* problema.

Quanto à predição dos fatores de *coping* pelas dimensões de personalidade, no que se refere às estratégias focadas no problema, as dimensões Conscienciosidade, Abertura e Extroversão emergiram como melhores preditores. Estudos confirmam a predição do foco no problema por Conscienciosidade, Extroversão e Abertura (Kaiseler et al., 2012; Gould, Guinan, Greenleaf, & Chung, 2002; Pensgaard & Duda, 2000). O *coping* voltado para o problema consiste no enfrentamento em que a pessoa vai em busca de resolver o problema, ela parte para a ação e traz implícito a pressa em resolver a questão impeditiva, a energia que impulsiona para a ação. A questão central é resolver o problema em sua gênese logo, para voltar-se a atividade necessária. São características impressas nesta amostra de árbitros. Atletas que possuem características de alta Conscienciosidade almejam desempenhos exitosos e não medem esforços para consegui-los, são persistentes e cumprem metas, portanto se eventos impeditivos atrapalham, eles não titubeiam em removê-los, partem para a ação. Nesse sentido, alta Conscienciosidade prediz foco no problema. A descoberta de que os atletas extrovertidos (atletas com preferência por interações sociais e alta energia) usam um enfrentamento mais focado no problema é consistente com a pesquisa realizada em populações não atléticas (Connor-Smith & Flachsbar, 2007). Pessoas com alta Extroversão possuem energia positiva e gostam de agir, de atuar, de desempenhar, e estas características se confirmam como preditores de estratégias Focadas no Problema. Uma alta Abertura traz uma vontade de se arriscar, não ter medo do novo e partir em busca da ação, uma avaliação do estressor mais positiva também predizem EFP.

Conforme já era esperado, as estratégias Focadas na Emoção tiveram em Neuroticismo seu melhor preditor e pode-se pensar em um cunho negativo permeando a situação, pois no momento em que o atleta não consegue lidar com a avaliação de perda ou dano imposta pelo estresse, ele volta para dentro de si, mas provavelmente não conseguirá resolver bem a questão, pela própria característica que N confere, de insegurança e medo, que irão gerar sentimentos e pensamento paralisantes e negativos que são impeditivos no esporte de alto

rendimento. (Allen et al. 2011, Carver & Connor-Smith, 2010; Connor-Smith & Flachsbart, 2007). Outra dimensão se correlacionou significativamente com o foco na emoção, só que de forma negativa, a Conscienciosidade. Neste caso, a relação é inversa, pessoas que não almejam bom desempenho, não são persistentes e organizadas maior a tendência a não conseguir lidar de forma positiva com o evento estressor e conseqüentemente voltar-se para dentro, em busca talvez de uma resignificação do evento.

Para as estratégias Focadas no Distanciamento, encontrou-se como preditores a variável gênero, o que justifica a maior utilização desta estratégia, pelos homens da amostra, ou seja, o sexo neste caso já prediz o uso deste tipo de *coping*. Mais duas interações de dimensões de personalidade, predizem o uso de estratégia Focada no Distanciamento, a combinação de N e C positiva e a interação entre N e Ab, só que de forma negativa. No que se refere à interação entre Neuroticismo e Conscienciosidade na predição desta estratégia, tem-se que para altos níveis de Neuroticismo a relação entre Conscienciosidade e estratégias de distanciamento são mais forte, ao passo que para níveis baixos de Neuroticismo a relação entre Conscienciosidade e estratégia focada no distanciamento é menor. Isso seria o mesmo que dizer que a Conscienciosidade de um indivíduo com alto Neuroticismo, parece ser importante para se compreender melhor sua escolha por estratégias de enfrentamento Distanciamento. Embora não haja estudos suficientes que incluam a análise da interação entre as dimensões de personalidade para predição das estratégias de *coping*, pode-se hipotetizar que um árbitro que possui alto Neuroticismo sabe de sua incapacidade para lidar com situações estressoras, porém a alta ansiedade que este traço propicia aliada à necessidade de manter as metas e obter desempenhos em altos níveis (característicos de alta Conscienciosidade) faz com que ele prefira se esquivar dos eventos desadaptativos para persistir em seu objetivo.

A interação entre N e Ab se dá de forma negativa, os coeficientes de regressão indicam que níveis mais elevados de instabilidade emocional e níveis mais baixos de abertura predisõem a mais comportamento de distanciamento (Evitação) (Allen et al., 2011). Os árbitros que possuem baixo nível de Abertura, ou seja, são mais ortodoxos, procuram sempre a segurança do familiar, e também são mais instáveis emocionalmente, são mais propensos a utilizarem EFD.

Anshel (1997) e Krohne (1996) defendem a eficiência do Distanciamento no esporte, pois permite a não paralização de uma ação em virtude de pensamentos ou sentimentos desadaptativos provocados por eventos estressores. No caso de árbitros centrais, possivelmente deve ser utilizada com frequência, visto a necessidade de não se apegarem a

um erro ou evento que tire o foco de sua atenção, pois fatalmente o restante do jogo estaria contaminado, portanto é salutar que ele evite pensar ou sentir algo que o desconcentre enquanto está em ação. Outra perspectiva sobre a utilização de estratégia Focada no Distanciamento é defendida por Nicholls & Polman (2007). Estes autores afirmam ser esta uma estratégia inadequada e menos desejável pelos atletas (que envolve o afastamento da situação problemática).

Em seu estudo sobre árbitros de futebol ingleses, Wolfson e Neave (2007) identificaram a culpabilização do outro e a distorção da realidade, como, por exemplo, ignorar informações reais desagradáveis ou interpretar os seus motivos como justos e adequados, como EFD adotadas para manter a confiança em circunstâncias difíceis. Allen et al. (2011) colocam que atletas menos abertos a novas experiências são mais propensos a utilizarem EFD. Isso difere da pesquisa em populações não atléticas onde a Abertura tende a não estar relacionada ao comportamento de Distanciamento (Carver & Connor-Smith, 2010). No entanto, parece razoável que os atletas que possuem baixa Abertura enfrentariam o estresse tentando evitá-lo.

Por fim o quarto fator, estratégia Focada no Apoio Social, apresentou como preditora a dimensão Extroversão, o que parece ser coerente, pois pessoas com facilidade para se relacionarem e que gostam de estar acompanhadas, possivelmente irão preferir resolver seus problemas apoiando-se em terceiros. Uma interação significativa e positiva entre N e C também se apresentou como preditora de EFAS. Segundo Carver e Connor-Smith (2009), esta estratégia comporta dois tipos de apoio, um apoio mais emocional, no caso de alto N e um apoio mais operacional, em caso de alta Conscienciosidade. Esta interação predispõe o uso elevado de estratégias focadas no apoio, sendo qual for o objetivo devido a interação das dimensões. Esta perspectiva é pertinente no contexto da arbitragem. A grande exposição negativa da classe e o pouco apoio social que recebem, ocasionaria a busca de um apoio de parentes e amigos no sentido emocional, de busca de segurança. A segunda hipótese seria a busca do apoio social instrumental, em que ele procura se munir de informações que possam auxiliá-lo no enfrentamento das situações e mesmo evitar que ocorram erros similares no futuro.

Este estudo almejou ainda verificar a associação entre traços de personalidade e estratégias de *coping* no que concerne ao desempenho esportivo. Os resultados encontrados apontaram para diferenças significativas entre as categorias de desempenho apenas para a idade e o tempo de arbitragem. Ao contrário do que hipotetizava-se, nenhuma das dimensões de personalidade, tampouco as estratégias de *coping* mostraram diferir entre as categorias de

desempenho aqui consideradas. No que concerne à idade e à experiência, parece lógico pensar que quanto mais idade, maior o tempo de experiência na arbitragem e, por conseguinte, melhor o desempenho esportivo. As pesquisas não são unânimes quanto a correlação do tempo de experiência do árbitro e o desempenho esportivo, Gimeno et al. (1998), Guillén e Jiménez (2001), Marrero et al. (2003) e Tenenbaum et al. (1993) concordam que o tempo de arbitragem se correlaciona com o desempenho. Outros estudos encontram correlações opostas (Alonso-Arbiol et al., 2003; Guillén et al., 1999; Segura et al., 1999; Taberner & Márquez, 1999). É necessário homogeneizar os critérios e instrumentos de avaliação do desempenho para que se categorize de forma consistente (Gonzalez-Oya, 2004; Helsen & Bultynck, 2004).

As fracas medidas de desempenho ainda são em grande parte responsáveis por estudos apresentarem resultados tão inconsistentes, porém muitos estudos colocam o tempo de prática esportiva como índice de desempenho (Williams & Hodges, 2005). Tucker e Collins (2012) e Ward et al., (2004) preconizam que o treinamento assim como a experiência, o tempo de prática, o conhecimento do jogo e o desejo de excelência são medidas de desempenho.

O comportamento do indivíduo pode ser previsto através da análise de seus traços de personalidade, pois eles podem determinar um padrão de comportamento durante a vida, em situações similares. Garcia (2006) coloca que a Teoria do Cinco Grandes Fatores é explicativa, de forma a indicar que o comportamento se justifica na pessoa, em algum tipo de processo ou mecanismo interno que produza este comportamento, e não na situação externa. Ela também é preditiva da personalidade humana e de suas relações com a conduta, na medida em que os traços de personalidade prevêm a conduta de um indivíduo em determinadas situações.

Klang (2012) afirma que se pode compreender o desempenho profissional em duas perspectivas, uma sugere que o desempenho profissional é uma construção multifatorial em que aspectos diversos podem indicar o quão bem os indivíduos realizam suas tarefas de trabalho e conseguem resolver problemas em situações específicas. Outra visão conceitua o desempenho profissional como o manejo do indivíduo de seus recursos internos administrando o tempo, energia e direcionando as ações adequadas para a realização da tarefa de forma mais eficiente. Estudos e metanálises indicaram que os traços de personalidade humanos, particularmente aqueles incluídos no Modelo dos Cinco Grandes Fatores, também são altamente relacionadas ao desempenho profissional (Barrick, Mount & Juiz, 2001; Rothmann & Coetzer, 2003).

Helsen e Bultink, (2004) destacam que ao avaliar o desempenho esportivo em árbitros de futebol, não se encontram resultados consistentes o que pode estar relacionado às

diferenças substanciais na metodologia dos autores, aos diferentes padrões competitivos dos árbitros e jogadores e aos diferentes estilos de jogos. Adverte ainda que devem-se analisar as medidas antropométricas, a aptidão física, as demandas perceptivas e cognitivas, pois todos estes aspectos e suas diferenças também influenciam o desempenho dos árbitros. Conclui também que os árbitros centrais passam a maior parte de sua atuação com categorias máximas de esforço e de alta intensidade, enquanto árbitros assistentes executam principalmente de média a baixa intensidade.

4.5 Conclusão

O presente estudo procurou contribuir com a escassa literatura sobre aspectos psicológicos que permeiam o desempenho esportivo de árbitros de futebol brasileiros. No Brasil, assim como em vários países do mundo, o futebol apresenta-se como um evento de grande relevância social e financeira. Considerando a importância do desempenho do árbitro nas competições de futebol e, que um equívoco de sua parte pode ocasionar consequências irreversíveis para os participantes, além das consequências para a sua carreira, percebe-se a importância de entender bem a dinâmica psicológica deste atleta, possibilitando intervenções psicológicas mais específicas e eficazes.

Uma das contribuições deste estudo foi a constatação de que a estrutura de personalidade dos mesmos se assemelha a de profissionais de sucesso inseridos em qualquer contexto, um baixo N e um alto C, que inclusive, foram os resultados mais significativos encontrados. Os estudos de personalidade anteriores ao *Big Five* caracterizavam o atleta de alto rendimento por um baixo Neuroticismo e uma alta Extroversão, sendo este último responsável pela adesão a atividade física, fator importante a qualquer atleta. O traço Conscienciosidade foi agregado posteriormente, completando assim a dinâmica de interação dos traços para um atleta de alto rendimento, o que o diferencia de atletas amadores, bem como da população em geral.

Outra constatação deste estudo foi a de que as especificidades das modalidades esportivas podem agregar algum outro traço a este conjunto, ou mesmo interferir na significância de cada traço dentro da dinâmica de interação dos fatores no atleta. Uma questão que deve ser considerada neste estudo relaciona-se aos referenciais teóricos utilizados, todos de âmbito internacional, visto que praticamente não se tem estudos de personalidade com atletas brasileiros fundamentados pela teoria do *Big Five*.

Um dos resultados apresentados no artigo diz respeito a utilização das estratégias de *coping* pela amostra apresentada. Utilizar as quatro estratégias de forma semelhante é um

resultado que não é compartilhado por atletas de alto rendimento em geral, apesar de estudos que vinculam estratégias de coping e atletas de alto rendimento serem ainda iniciantes, mas estudos com árbitros europeus afirmam que os mesmos utilizam EFP, EFE e EFAS de forma equivalente. Autores atribuem os resultados inconsistentes às especificidades das modalidades, ao tipo de instrumento inadequado ou a falta de rigor na metodologia do estudo.

As correlações entre as dimensões de personalidade e os fatores de *coping*, além da predição dos construtos, apontam para a importância de se estudar mais esta relação, que se mostrou significativa. Uma má atuação da arbitragem pode acabar com a carreira de um jovem arbitro promissor, entender a dinâmica psicológica dos mesmos já é um primeiro passo na busca de um modelo de atuação para que a psicologia do esporte possa auxiliá-los de forma mais eficaz quanto ao enfrentamento do estresse.

Sabe-se que desempenho esportivo é multifatorial e sujeito a intervenções situacionais durante toda a atividade esportiva, talvez por isso a dificuldade para encontrar uma medida real do mesmo. O desempenho esportivo da categoria não apresentou critérios bem definidos para que se pudesse categorizar os árbitros em níveis diferentes de desempenho. A liberdade que cada Federação possui para avaliar seus árbitros de acordo com sua proposta, e o viés da avaliação nacional, onde os árbitros são avaliados por outras pessoas diretamente envolvidas com os mesmos, aumentando a subjetividade na avaliação do rendimento, mesmo possuindo diretrizes gerais, justificaria, em parte, a não concretização das hipóteses que sobre a predição do desempenho esportivo da amostra.

Sugere-se a condução de novos estudos para ampliar a busca da relação entre os construtos, ou mesmo a criação de um instrumento para avaliação do *coping* válido para o contexto esportivo. É necessária a criação de critérios mais definidos para se medir o desempenho esportivo.

4.6 Referências

- Aidman, E. V. (2007). Attribute-based selection for success: The role of personality attributes in long-term predictions of achievement in sport. *The Journal of the American Board of Sport Psychology*, *1*, 1-18. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/284098744_Attribute-based_selection_for_success_The_role_of_personality_attributes_in_long_term_predictions_of_achievement_in_sport
- Aidman, E. V. & Schofield, G. (2004). Personality and individual differences in sport. In T. Morris & J. Summers (Eds.), *Sport psychology: Theory, applications and issues* (2nd ed., pp. 22–47). Milton, QLD: Wiley.
- Allen, M. S., Greenlees, I., & Jones, M. (2011). An investigation of the five-factor model of personality and coping behaviour in sport. *Journal of Sports Sciences*, *29*(8), 841–850. doi: 10.1080/02640414.2011.565064.
- Alonso-Arbiol, I., Arratibel, N., & Gómez, E. (2008). La motivación del colectivo arbitral en fútbol: un estudio cualitativo. *Revista de Psicología del Deporte*, *17*(2), 187-203. Recuperado de <https://ddd.uab.cat/pub/revpsidep/19885636v17n2/19885636v17n2p187.pdf>
- Anshel, M. H. (1997) *Sport psychology: From theory to practice* (3rd Edition). San Francisco, CA: Pearson Education.
- Anshel, M. H., Porter, A., & Quek, J.-J. (1998). Coping with acute stress in sport as a function of gender: An exploratory study. *Journal of Sport Behavior*, *21*(4), 363 – 377. Recuperado de <http://psycnet.apa.org/record/1998-11577-001>
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP (2014). *Alterações na aplicação do Critério Brasil, válidas a partir de 01/01/2015 (versão preliminar)*. Recuperado de <http://www.abep.org/Servicos/Download.aspx?id=02>
- Barreiros, A., & Serpa, S. (2005). *Características psicológicas e desenvolvimento dos talentos em desporto* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa, Portugal.
- Barrick, M. R., Mount, M. K., & Judge, T. A. (2001). Personality and performance at the beginning of the new millennium: What do we know and where do we go next? *International Journal of Selection and Assessment*, *9*(1), 9-30. doi: 10.1111/1468-2389.00160
- Bebetsos, E., & Antoniou, P. (2003). Psychological skills of Greek badminton athletes. *Perceptual and Motor Skills*, *97*(3), 1289-1296. doi: 10.2466/pms.2003.97.3f.1289
- Brandão, R., Serpa, S., Krebs, R., Araújo, D., & Machado, A. A. (2011). El significado de arbitrar: percepción de jueces de fútbol profesional. *Revista de Psicología del Deporte*, *20*(2), 275-286. Recuperado de <http://www.rpd-online.com/article/view/682/768>
- Brebner, J. (2001). Personality and stress coping. *Personality and Individual Differences*, *31*(3), 317–327. doi: 10.1016/S0191-8869(00)00138-0

- Campan, C., & Roberts, D. C. (2001). Coping strategies of runners: Perceived effectiveness and match to pre-competitive anxiety. *Journal of Sport Behavior*, 24(2), 144-161. Recuperado de <https://www.cabdirect.org/cabdirect/abstract/20013074609>
- Carver, C. S., & Connor-Smith, J. (2010). Personality and coping. *Annual Review of Psychology*, 61, 679–704. doi: 10.1146/annurev.psych.093008.100352
- Castagna, C., Abt, G., & D'Ottavio, S. (2007). Physiological aspects of soccer refereeing performance and training. *Sports Medicine*, 37(7), 625-646. Recuperado de http://byomedicsystem.es/mastercede/files/6c9d60_Castagna%20-2007-
- Coetzee, B., Grobbelaar, H. W., & Gird, C. C. (2006). Sport psychological skills that distinguish successful from less successful soccer teams. *Journal of Human Movement Studies*, 51, 383-401. Recuperado de https://www.researchgate.net/profile/Heinrich_Grobbelaar/publication/280934576_Sport_psychological_skills_that_distinguish_successful_from_less_successful_soccer_teams/links/55cc951408aebc967dfe2c84/Sport-psychological-skills-that-distinguish-successful-from-less-successful-soccer-teams.pdf
- Connor-Smith, J. K., & Flachsbart, C. (2007). Relations between personality and coping: A meta-analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 93, 1080–1107. doi:10.1037/0022-3514.93.6.1080
- Cox, R. H., Shannon, J. K., McGuire, R. T., & McBride, A. (2010). Predicting subjective athletic performance from psychological skills after controlling for sex and Sport. *Journal of Sport Behavior*, 33(2), 129-. Recuperado de <http://www.biomedsearch.com/article/Predicting-subjective-athletic-performance-from/227279258.html>
- Crocker, J., & Wolfe, C.T. (2001). Contingencies of self-worth. *Psychological Review*, 108, 593–623. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11488379>
- Crocker, P. R. E., & Graham, T. R. (1995). Coping by competitive athletes with performance stress: Gender differences and relationships with affect. *The Sport Psychologist*, 9(3), 325-338. doi: 10.1123/tsp.9.3.325
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2011). *Statistics without maths for Psychology* (5th ed.). Harlow, England: Pearson Education.
- Dias, C. (2005). *Do stress e ansiedade às emoções no desporto: da importância da sua compreensão à necessidade da sua gestão* (Tese de doutorado). Universidade do Minho, Portugal. Recuperado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/4878>
- Döllén, M., Grove, R., & Pepping, G-J. (2015). A comparison of coping-styles of individual and team athletes of Australia and the Netherlands. *International Sports Studies*, 37(2), 36-48. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/301482090_A_comparison_of_coping-styles_of_individual_and_team_athletes_of_Australia_and_the_Netherlands

- Endler, N. S., & Parker, J. D. A. (1990). Multidimensional assessment of coping: A critical evaluation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(5), 844-854. doi: 10.1037//0022-3514.58.5.844
- Flores-Mendoza, C. E., (2010). *NEO-PI-R e NEO-FFI-R – Manual*. São Paulo: Vetor.
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1985). If it changes it must be a process: Study of emotion and coping during three stages of a college examination. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48(1), 150-170. doi: 10.1037/0022-3514.48.1.150
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1988). The relationship between coping and emotion: Implications for theory and research. *Social Science & Medicine*, 26(3), 309-317. doi: 10.1016/0277-9536(88)90395-4
- Folkman, S., & Moskowitz, J. T. (2000). Positive affect and the other side of coping. *The American Psychologist*, 55(6), 647-654. Recuperado de <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.596.8982&rep=rep1&type=pdf>
- García- Ferrando, M.(2006). *Posmodernidad y deporte:entre La individualización y la masificación*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas.
- García-Naveira, A., & Ruiz, R. (2013). The personality of the athlete: A theoretical review from the perspective of traits. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y del Deporte* 13(51), 627-645. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/279607118_The_personality_of_the_athlete_A_theoretical_review_from_the_perspective_of_traits
- Gaudreau, P., Nicholls, A.,& Levy, A. R. (2010). The ups and downs of coping and sport achievement: An episodic process analysis of within-person associations. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 32(3), 298-311. doi: 10.1123/jsep.32.3.298
- Gimeno, F., Buceta, J. M., Lahoz, D., & Sanz, G. (1998). Evaluación del proceso de toma de decisiones en el contexto del arbitraje deportivo: Propiedades psicométricas de la adaptación española del cuestionario DMQ II en árbitros de balonmano. *Revista de Psicología del Deporte*, 7(2), 249-258. Recuperado de <http://www.rpd-online.com/article/view/454/444>
- González-Oya, J. (2004). Características psicológicas em árbitros de fútbol. Tesis doctoral. Vigo: Universidad de Vigo.
- González-Oya, J.L., & Dosil, J. (2004). Características Psicológicas de los Árbitros de Fútbol de la Comunidad Autónoma Gallega. *Cuadernos de Psicología del Deporte Dirección General de Deportes*, 4. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10201/27475>
- Gould, D., Eklund, R. C., & Jackson, S. A. (1993). Coping strategies used by US Olympic wrestlers. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 64, 83–93. doi: 10.1080/02701367.1993.10608782

- Gould, D., Guinan, D., Greenleaf, C., & Chung, Y. (2002). A survey of U.S. Olympic coaches: variables perceived to have influenced athlete performances and coach effectiveness. *The Sport Psychologist*, *16*(3), 229-250. doi: 10.1123/tsp.16.3.229
- Goyen, M. J., & Anshel, M. H. (1998). Sources of acute competitive stress and use of coping strategies as a function of age and gender. *Journal of Applied Developmental Psychology*, *19*(3), 469-486. doi: 10.1016/S0193-3973(99)80051-3
- Grant, S. & Langan-Fox, J. (2006). Occupational stress, coping and strain: The combined/interactive effect of the Big Five traits. *Personality and Individual Differences*, *41*(4), 719-732. doi: 10.1016/j.paid.2006.03.008
- Grove, R. J., Eklund, R. C., & Heard, P. N. (1997). Coping with performance slumps: factor analysis of the ways of coping in sport scale. *The Australian Journal of Science and Medicine in Sport*, *29*, 199-205. Recuperado de <https://www.stir.ac.uk/research/hub/publication/16428>
- Guillén, F., & Jiménez, H. (2001). Características deseables en el arbitraje y el juicio deportivo. *Revista de Psicología del Deporte*, *10*(1), 23-24. Recuperado de <http://www.rpd-online.com/article/view/148/148>
- Guillén, F. (2003). Características de eficacia requeridas en los árbitros y jueces deportivos. En F. Guillén (Dir.). *Psicología del arbitraje y el juicio deportivo* (pp. 55-76). Barcelona: Inde Publicaciones. Recuperado de <http://www.personales.ulpgc.es/fguillen.dps/docs/capitulos/Caracteristicas-de-eficacia-requeridas-en-los-arbitros-y-jueces-deportivos.pdf>
- Hair, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, R. E. (2009). *Análise multivariada de dados* (6ª ed.). Porto Alegre: Bookman, 2009.
- Hammermeister, J., & Burton, D. (2004). Gender differences in coping with endurance sports: Are men from Mars and women from Venus? *Journal of Applied Sport Psychology*, *27*(2), 148-164. Recuperado de <http://web.a.ebscohost.com/abstract?direct=true&profile=ehost&scope=site&authtype=crawler&jrnl=01627341&AN=14880017&h=RoYAVWX2LNgV0uWiVnN%2bNzTlQr3SgBkog4wsc6wlWVLpFR9FFjV%2bFLqxI%2bQZkrW4Qf28eTCQWU4Y6lkgRLLq7g%3d%3d&crl=c&resultNs=AdminWebAuth&resultLocal=ErrCrlNotAuth&crllhashurl=login.aspx%3fdirect%3dtrue%26profile%3dehost%26scope%3dsite%26authtype%3dcrawler%26jrnl%3d01627341%26AN%3d14880017>
- Hardy, L. Jones, G., & Gould, D. (1996). *Understanding psychological preparation for sport: Theory and practice of elite performers*. Chichester, England: John Wiley.
- Helsen, W., & Bultynck, J. (2004). Physical and perceptual-cognitive demands of top-class refereeing in association football. *Journal of Sports Sciences*, *22*(2), 179-189. doi: 10.1080/02640410310001641502
- Holt, N. L., & Dunn, J. G. H. (2004). Toward a grounded theory of the psychosocial competencies and environmental conditions associated with soccer success. *Journal of Applied Sport Psychology*, *16*, 199-219. doi: 10.1080/10413200490437949

- Jackson, B., Dimmock, J. A., Gucciardi, D. F., & Grove, J. R. (2010). Relationship commitment in athletic dyads: Actor and partner effects for Big Five self- and other-ratings. *Journal of Research in Personality*, 44(5), 641–648. doi: 10.1016/j.jrp.2010.08.004
- Jackson, B., Dimmock, J. A., Gucciardi, D. F., & Grove, J. R. (2011). Personality traits and relationship perceptions in coach-athlete dyads: Do opposites really attract? *Psychology of Sport and Exercise*, 12(3), 222–230. doi: 10.1016/j.psychsport.2010.11.005
- Kaiseler, M., Polman, R. C. J., & Nicholls, A. R. (2012). Effects of the Big Five personality dimensions on appraisal coping, and coping effectiveness in sport. *European Journal of Sport Science*, 12(1), 62–72. doi: 10.1080/17461391.2010.551410
- Klang, A. (2012). *The Relationship between Personality and Job Performance in Sales: A Replication of Past Research and an Extension to a Swedish Context* (Masters Thesis). Stockholms Universitet, Sweden. Recuperado de <https://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:542263/FULLTEXT01.pdf>
- Kolt, G. S., Kirkby, R. J., & Lindner, H. (1995). Coping processes in competitive gymnasts: Gender differences. *Perceptual and Motor Skills*, 81, 1139–1145. doi: 10.2466/pms.1995.81.3f.1139
- Kowalski, K. C., & Crocker, P. R. E. (2001). Development and validation of the coping function questionnaire for adolescents in sport. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 23, 136–156. doi: 10.1123/jsep.23.2.136
- Krohne, H. W. (1996). Individual differences in coping. In C. D. Spielberger & I. G. Sarason (Eds.), *Stress and Emotion* (Vol. 17). Washington, DC: Taylor & Francis. Recuperado de http://userpage.fu-berlin.de/schuez/foalien/Krohne_Stress.pdf
- Lazarus, R. S. (1999). Hope: An emotion and a vital coping resource against despair. *Social Research*, 66(2), 653–678. Recuperado de <http://www.jstor.org/stable/40971343>
- Lazarus, R. S. (2000). How emotions influence performance in competitive sports. *The Sport Psychologist*, 14(3), 229–252. doi: 10.1123/tsp.14.3.229
- Lazarus, R. S., DeLongis, A., Folkman, S., & Gruen, R. (1985). Stress and adaptational outcomes: The problem of confounded measures. *The American Psychologist*, 40(7), 770–785. doi: 10.1037/0003-066X.40.7.770
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer Publishing Company.
- Lopez, A. V., & Santelices, O. Y. S. (2011). *Personality characteristics of elite table tennis athletes of the Philippines: Basis for a proposed recruitment program*. Anals of The 12th ITTF Sports Science Congress, Rotterdam, The Netherlands. Recuperado de http://www.old.ittf.com/ittf_science/SSCenter/docs/01-05%20Lopez.pdf
- Louvet, B., Campo, M., & André, A. (2015). Déterminants psychologiques des stratégies de coping des arbitres de football. *Movement & Sport Sciences/Science & Motricité*, 87, 63–77. doi: 10.1051/sm/2014015

- Louvet, B. (2006). *Arbitrage et gestion du stress en football: Analyses comparatives et longitudinales du coping en situation de match* (Thèse de Doctorat). Université de Bordeaux II, France.
- Louvet, B., Gaudreau, P., Menaut, A., Genty, J., & Deneuve, P. (2009). Revisiting the changing and stable properties of coping utilization using a latent class growth analysis: A longitudinal investigation with soccer referees. *Psychology of Sport and Exercise, 10*, 124–135. doi: 10.1016/j.psychsport.2008.02.002
- Madden, C. C., Kirkby, R. J., & McDonald, D. (1989). Coping styles of competitive middle distance runners. *International Journal of Sport Psychology, 20*(4), 287-296. Recuperado de <http://psycnet.apa.org/record/1991-07025-001>
- Martin, J. J., Malone, L. A., & Hilyer, J. C. (2011). Personality and mood in women's paralympic basketball champions. *Journal of Clinical Sport Psychology, 5*, 197–210. Recuperado de http://fitnessforlife.org/AcuCustom/Sitename/Documents/DocumentItem/01_J3644%20JCSP%205_3_Martin_2011.pdf
- Masala, A., Sunje, A., Rado, I., & Bonacin, D. (2009). Analysis of innovative model of functional roles and levels of sports management organization. *Sport Science, 2*, 55-61. Recuperado de <http://www.dbonacin.com/DANIJELA/PDFS/C31%20SpoSci0202-2.pdf>
- Merritt, C. J., & Tharp, I. J. (2013). Personality, self-efficacy and risk-taking in parkour (free-running). *Psychology of Sport and Exercise, 14*(5), 608-611. doi: 10.1016/j.psychsport.2013.03.001
- Mirzaei, A., Nikbakhsh, R., & Sharififar, F. (2013). The relationship between personality traits and sport performance. *European Journal of Experimental Biology, 3*(3), 439-442. Recuperado de <http://www.imedpub.com/articles/the-relationship-between-personality-traits-and-sport-performance.pdf>
- Nicholls, A. R., Holt, N. L., & James, W. G. (2005). Stress and coping among international adolescent golfers. *Journal of Applied Sport Psychology, 17*(4), 333–340. doi: 10.1080/10413200500313644
- Nicholls, A. R., Holt, N. L., Polman, R. C., Polman, R. C. J., & Bloomfield, J. (2006). Stressors, coping, and coping effectiveness among professional rugby union players. *The Sport Psychologist, 20*(3), 314-329. Recuperado de <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.465.2464&rep=rep1&type=pdf>
- Nicholls, A. R., & Polman, R. C. (2007). Coping in sport: A systematic review. *Journal of Sports Sciences, 25*(1), 11-31. doi: 10.1080/02640410600630654
- Nicholls, A. R., Polman, R. C., Morley, D., & Taylor, N. J. (2009). Coping and coping effectiveness in relation to a competitive sport event: pubertal status, chronological age, and gender among adolescent athletes. *Journal of Sport and Exercise Psychology, 31*(3), 299-317. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19798995>

- Oliveira, L. P. (2009). *Motivação, estratégias de coping e perfeccionismo em atletas profissionalizados e não-profissionalizados de futebol de campo* (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Maringá, PR, Brasil. Recuperado de <http://nou-rau.uem.br/nou-rau/document/?code=vtls000172567>
- Park, J. K. (2000). Coping strategies used by Korean national athletes. *The Sport Psychologist*, 14, 63-80. Recuperado de <http://www.americankinesiology.org/AcuCustom/Sitename/Documents/DocumentItem/1934.pdf>
- Pensgaard, A. M., Roberts, G. C., & Ursin, H. (1999). Motivational factors and coping strategies of Norwegian Paralympic and Olympic winter sport athletes. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 16(3), 238-250. doi: 10.1123/apaq.16.3.238
- Philippe, R. A., Seiler, R., & Mengisen, W. (2004). Relationships of coping styles with type of sport. *Perceptual and Motor Skills*, 98(2), 479-486. doi: 10.2466/pms.98.2.479-486
- Piedmont, R. L., Hill, D. C., & Blanco, S. (1999). Predicting athletic performance using the five-factor model of personality. *Personality and Individual Differences*, 27(4), 769-777. Recuperado de <http://ereserve.library.utah.edu/Annual/ESS/3340/Podlog/predicting.pdf>
- Ribeiro, J. L. P., & Rodrigues, A. P. (2004). Questões acerca do coping: A propósito do estudo de adaptação do *Brief Cope*. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 5(1), 3-15. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=36250101>
- Rothmann, S., & Coetzer, E. P. (2003). The big five personality dimension and job performances. *Journal of Industrial Psychology*, 29(1), 68-74. Recuperado de https://www.ianrothmann.com/pub/psyc_v29_n1_a9.pdf
- Rodríguez, G. M., & Ascanio, C. G. (2002). Las motivaciones de los árbitros de fútbol. *Revista de Psicología del Deporte*, 11(1), 69-82. Recuperado de <https://ddd.uab.cat/pub/revpsidep/19885636v11n1/19885636v11n1p69.pdf>
- Røvik, J. O., Tyssen, R., Gude, T., Moum, T., Ekeberg, Ø., & Vaglum, P. (2007). Exploring the interplay between personality dimensions: A comparison of the typological and the dimensional approach in stress research. *Personality and Individual Differences*, 42, 1255-1266. doi: 10.1016/j.paid.2006.10.004
- Savóia, M. G., Santana, P. R., & Mejias, N. P. (1996). Adaptação do inventário de estratégias de coping de Folkman e Lazarus para o português. *Psicologia USP*, 7, 183-201. doi: 10.1590/S1678-51771996000100009
- Sayfollahpour, P., Ganjooee, F. A., & Nikbakhsh, R. (2013). The relationship between personality and performance of football referees. *International Journal of Academic Research in Business and Social Sciences*, 3(9), 1-6. Recuperado de http://hrmars.com/hrmars_papers/The_relationship_between_personality_and_performance_of_football_referees1.pdf

- Schmidt, F. L., & Hunter, J. E. (1998). The validity and utility of selection methods in personnel psychology: Practical and theoretical implications of 85 years of research findings. *Psychological Bulletin*, 124(2), 262-274. doi: 10.1037/0033-2909.124.2.262
- Segato, L., Brandt, R., Liz, C. M., Vasconcellos, D. I. C., & Andrade, A. (2010). Estresse psicológico de velejadores de alto nível esportivo em competição. *Motricidade*, 6(3), 53-62. Recuperado de http://www.revistamotricidade.com/arquivo/2010_vol6_n3/v6n3a07.pdf
- Segura, J., Virgili, C., Mora, N., Barrera, S., Coll, M., Montagut, G. y Albert, M. (1999). Toma de decisiones y experiencia en árbitros de baloncesto. En G. Nieto y E. Garcés (Coord.). Actas del VII Congreso Nacional de Psicología de la Actividad Física y el Deporte (pp. 642-655). Murcia, España.
- Taberero, B. y Márquez, S. (1999). Estilos cognitivos en árbitros de baloncesto. En G. Nieto y E. Garcés (Coord.). Actas del VII Congreso Nacional de Psicología de la Actividad Física y el Deporte (pp. 265-269). Murcia, España.
- Teshome, B., Mengistu, S., & Beker, G. (2015). The Relationship between Personality Trait and Sport Performance: The Case of National League Football Clubs in Jimma Town, Ethiopia. *Journal of Tourism, Hospitality and Sports*, 11. Recuperado de <http://www.iiste.org/Journals/index.php/JTHS/article/view/24691/25293>
- Tucker R., & Collins, M. (2012). What makes champions? A review of the relative contribution of genes and training to sporting success. *British Journal of Sports Medicine*, 46(8), 555-561. doi: 10.1136/bjsports-2011-090548
- Van den Heever, Z., Grobbelaar, H., & Potgieter, J. C. (2007). A survey of sport psychological skills training in South African netball. *African Journal for Physical Health Education, Recreation and Dance*, 13(3), 254 -266. doi: 10.4314/ajphered.v13i3.24769
- Voight, M. (2009). Sources of stress and coping strategies of US soccer officials. *Stress and Health*, 25(1), 91-101. Recuperado de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/smi.1231/abstract>
- Vollrath, M., & Torgersen, S. (2000). Personality types and coping. *Personality and Individual Differences*, 29(2), 367-378. doi: 10.1016/S0191-8869(99)00199-3
- Wann, D. L. (1997) *Sport psychology*. Upper Saddle River, NJ : Prentice Hall.
- Ward, P., Hodges, N. J., Williams, A. M., & Starkes, J. L. (2004). Deliberate practice and expert performance: Defining the path to excellence. In A. M. Williams and N. J. Hodges (Eds.). *Skill acquisition in sport: Research, theory and practice* (pp. 231-258). London: Routledge
- Weinberg, R. S., & Gould, D. (2001). *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício*. Porto Alegre: Artmed.
- Weston, M. (2015). Match performances of soccer referees: The role of sports science. *Movement & Sport Sciences/Science & Motricité*, 87, 113-117. doi: 10.1051/sm/2014011

- Williams, A. M., & Hodges, N. J. (2005). Practice, instruction and skill acquisition in soccer: Challenging tradition. *Journal of sports Sciences*, 23(6), 637-650. doi:10.1080/02640410400021328
- Wolfson, S., & Neave, N. (2007). Coping under pressure: Cognitive strategies for maintaining confidence among soccer referees. *Journal of Sport Behavior*, 30(2), 232-247. Recuperado de <https://core.ac.uk/download/pdf/4149059.pdf>
- Yoo, J. (2001). Coping profile of Korean competitive athletes. *International Journal of Sport Psychology*, 32(3), 290-303. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/289977939_Coping_profile_of_Korean_competitive_athletes
- Zanon, C. & Filho, N. H. (2015). Fidedignidade. In Hutz, C. S., Bandeira, D. R., & Trentini, C. R. (Eds.). *Psicometria*. Porto Alegre: Artmed.

5. Conclusão Geral

Este estudo apresentou resultados importantes para a área da psicologia do esporte e especialmente para a psicologia do esporte aplicada à arbitragem. Um achado importante diz respeito à semelhança das características de personalidade dos árbitros com características de atletas de alto rendimento, trazendo evidências do pertencimento do mesmo a classe de esportistas. Espera-se com isto contribuir para uma maior valorização da classe no contexto esportivo.

Outra contribuição da pesquisa diz respeito a “Hipótese de Seleção” que permeia o meio esportivo quando se diz de habilidades psicológicas. Os resultados apresentados contribuem para a verificação da estabilidade dos traços em relação ao tempo de experiência, ou seja, o tempo de prática não trouxe mudanças nas características da amostra. Isto justifica a convicção de que as diferenças individuais são importantes norteadoras na seleção da modalidade e permanência no processo de formação de um atleta, certamente considerando-se que os fatores ambientais são essenciais para modulação da expressão de cada uma das características individuais.

Outra contribuição importante foi a constatação da relação preditiva das dimensões de personalidade e suas interações em relação às estratégias de *coping*. Conforme hipotetizado, o uso, em maior ou menor grau, de estratégias de *coping* que possam se mostrar mais adaptativas parece estar associado também às características de personalidade. No entanto, não foi possível se chegar a um modelo preditivo do desempenho esportivo que incluísse tanto as características de personalidade quanto as estratégias de *coping*, um dos objetivos centrais do presente. Embora não tendo sido possível avaliar o desempenho esportivo de maneira mais objetiva e pautada em critérios mais claros e padronizados, devido a limitações do sistema nacional e estadual de arbitragem e também metodológicas deste estudo, acredita-se que o presente trabalho possibilitará a emergência de futuras pesquisas com os construtos considerados que possam superar as limitações aqui apresentadas e contribuir ainda mais para a compreensão dos processos psicológicos relacionados ao alto desempenho, quer para atletas de forma geral, quer para a arbitragem brasileira.

APÊNDICE C - Análise psicométrica do Inventário de Estratégias de *Coping* (*Ways of Coping Checklist - WCC*)

A Análise fatorial exploratória (AFE) foi aplicada aos 66 itens da WCC que foram respondidos adequadamente por 286 participantes. O teste de esfericidade Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e Bartlett apontou índice bastante aceitável de 0,799 ($p=0,000$), indicando a possibilidade de fatoração dos dados a (Hair, Anderson, Tatham, & Black, 2005). Para tanto utilizou-se o método de extração *Maximum Likelihood*, com intuito de buscar maior verossimilhança entre os dados aqui estudados e a distribuição normal (Hair, et al., 2005). O método mostrou a existência de 19 fatores com *eigenvalues* (autovalores) maiores ou iguais a 1,00, com um total de variância explicada de 49,4%. Observa-se, contudo, através do gráfico de sedimentação (*Scree Plot*), que existem três fatores fortes em linha vertical e, a partir do quarto fator, o início de uma linha em sentido horizontal, a partir do qual a porcentagem de variância explicada por um traço latente individual diminui consideravelmente (ver Figura 1).

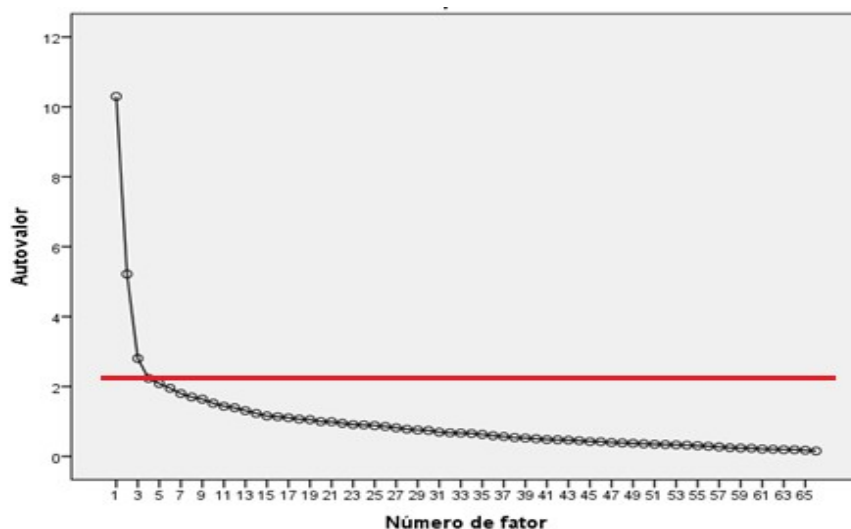


Figura 1. Gráfico de sedimentação do Inventário de Estratégias de *Coping*

Assim sendo, decidiu-se fazer a rotação *Varimax*, uma vez que o método permite a identificação de traços claramente separados (Hair et al., 2005). Nessa nova análise solicitou-se a extração de quatro fatores, segundo resultado apontado pelo gráfico de sedimentação. A Tabela 5 apresenta a saída fatorial rodada com quatro componentes dos quais são mostrados somente as cargas fatoriais acima de 0,30. O valor utilizado como ponto de corte garante um mínimo de associação entre item do instrumento e o fator encontrado (Dancey & Reidy, 2011).

O fator 1 possui autovalor 7,04 e explica 10,67% da variância, o fator 2 possui autovalor de 5,0 e explica 7,58% da variância, o terceiro fator possui autovalor de 3,32 e explica 5,0% da variância dos dados e o quatro e último fator possui autovalor de 2,38 e explica 3,60% da variância. Assim, os quatro fatores explicam juntos 26,85% da variância dos dados.

Tabela 5.

Cargas fatoriais dos itens do Inventário de Estratégias de *Coping*

Itens	Fatores			
	1	2	3	4
1 - Concentrei-me no que deveria ser feito em seguida, no próximo passo	0,425			
2 - Tentei analisar o problema para entendê-lo melhor	0,423			
5 - Procurei tirar alguma vantagem da situação	0,33			
15 - Procurei encontrar o lado bom da situação	0,521			
19 - Disse coisas a mim mesmo (a) que me ajudassem a me sentir melhor	0,335			
20 - O problema me inspirou a fazer algo criativo	0,61			
23 - Mudei ou cresci como pessoa de uma maneira positiva	0,597			
26 - Fiz um plano de ação e o segui	0,702			
27 - Tirei o melhor da situação, o que não era esperado	0,646			
30 - Saí da experiência melhor do que quando entrei	0,638			
31 - Falei com alguém que poderia fazer alguma coisa concreta sobre o problema	0,442			
34 - Enfrentei como um grande desafio, fiz algo muito arriscado	0,401			
35 - Procurei não fazer nada apressadamente, ou seguir o meu primeiro impulso	0,416			
39 - Modifiquei aspectos da situação para que tudo desse certo no final	0,576			
46 - Recusei recuar e batalhei pelo que eu queria	0,565			

48 - Busquei nas experiências passadas uma situação similar	0,452	
49 - Eu sabia o que deveria ser feito, portanto dobrei meus esforços para fazer o que fosse necessário	0,65	
52 - Encontrei algumas soluções diferentes para o problema	0,468	
62 - Analisei mentalmente o que fazer o que dizer	0,525	
63 - Pensei em uma pessoa que admiro e a tomei como modelo	0,469	
64 - Procurei ver as coisas sob o ponto de vista da outra pessoa	0,40	0,367
66 - Corri, ou fiz exercícios	0,388	
9 - Critiquei-me, repreendi-me		0,471
14 - Procurei guardar para mim mesmo(a) os meus sentimentos		0,322
25 - Desculpei ou fiz alguma para repor os danos		0,369
29 - Compreendi que o problema foi provocado por mim		0,466
33 - Procurei me sentir melhor, comendo, fumando, utilizando drogas ou medicação		0,333
40 - Procurei fugir das pessoas em geral		0,401
47 - Descontei minha raiva em outra(s) pessoa(s)		0,349
50 - Recusei acreditar que aquilo estava acontecendo		0,439 0,344
51 - Prometi a mim mesmo que as coisas serão diferentes da próxima vez		0,61
55 - Gostaria de poder mudar o que tinha acontecido ou como me senti		0,449 0,345
56 - Mudei alguma coisa em mim, modifiquei-me de alguma forma	0,35	0,485
57 - Sonhava acordado (a) ou imaginava um lugar ou tempo melhores do que aqueles em que eu estava		0,518 0,319
58 - Desejei que a situação acabasse ou que de alguma forma desaparecesse		0,536 0,317
59 - Tinha fantasias de como as coisas iriam acontecer, como se encaminhariam		0,544

61 - Preparei-me para o pior		0,481
65 - Eu disse a mim mesmo (a) que as coisas poderiam ter sido piores		0,524
4 - Deixei o tempo passar, a melhor coisa que poderia fazer era esperar, o tempo é o melhor remédio		0,602
6 - Fiz alguma coisa que acreditava não daria resultados, mas ao menos estava fazendo alguma coisa		0,365
12 - Concordei com meu destino, talvez eu tenha dado azar	0,341	0,351
13 - Fiz como se nada tivesse acontecido		0,405
21 - Tentei esquecer todo o problema		0,629
24 - Esperei para ver o que acontecia antes de fazer alguma coisa		0,505
41 - Não deixei me impressionar, recusava-me a pensar muito sobre essa situação	0,302	0,410
44 - Minimizei a situação recusando-me a me preocupar seriamente com ela		0,481
53 - Aceitei. Nada poderia ser feito		0,412
8 - Conversei com outra(s) pessoa(s) sobre o problema, procurando mais dados sobre a situação		0,357
18 - Aceitei a solidariedade e compreensão das pessoas	0,36	0,383
42 - Procurei um amigo ou parente para pedir conselhos		0,597
45 - Falei com alguém sobre como estava me sentindo		0,609
3 - Procurei trabalhar ou fazer alguma atividade para me distrair		
10 - Tentei não fazer nada que fosse irreversível, procurando deixar outras opções*		
11 - Esperei que um milagre acontecesse*		
16 - Dormi mais que o normal*		
17 - Mostrei a raiva para as pessoas que causaram o problema*		
22 - Procurei ajuda profissional*		
28 - De alguma forma extravasei os meus		

sentimentos

32 - Tentei descansar, tirar férias a fim de esquecer o problema*

36 - Encontrei novas crenças*

37 - Mantive meu orgulho não demonstrando os meus sentimentos*

38 - Redescobri o que é importante na vida*

43 - Não deixei que os outros soubessem da verdadeira situação*

7 - Tentei encontrar a pessoa responsável para mudar suas ideias.*

54 - Procurei não deixar que meus sentimentos interferissem muito nas outras coisas que eu estava fazendo*

60 – Rezei*

*Itens que não apresentaram cargas fatoriais $\geq 0,3$

O primeiro fator tem 22 itens com cargas acima de 0,30 e de uma maneira mais geral reflete um tipo de enfrentamento mais ativo que vai em busca da resolução do problema que aflige, inclui comportamentos de autocontrole, reavaliação positiva, direcionados a metas e a busca por outros meios de resolver o problema ou entendê-lo. Optou-se, portanto, por chamar este fator de *coping* “Focado no Problema” (EFP). Quando comparado ao estudo de adaptação para o Brasil (Savóia, Santana, & Mejias, 1996), verifica-se que EFP agrega itens dos fatores de “Reavaliação Positiva” (Itens 23, 30, 39 e 63), “Aceitação de Responsabilidade” (15, 48 e 62), “Resolução de Problemas” (1 e 26), “Autocontrole” (15 e 35), “Suporte Social” (31), e “Confronto” (34), além de dez itens que não foram encontrados nos resultados de Savóia et al. (1996).

O segundo fator agrupa 16 itens e foi denominado de “Focado na Emoção” (EFE), agrupando estratégias que envolvem esforços internos para lidar com a situação estressora, seja mudando o significado da situação ou fantasiando como se ela não tivesse ocorrido, seja reconhecendo sua contribuição para o evento. Dentre os itens, alguns originalmente carregaram nos fatores “Aceitação de Responsabilidade” (9, 25, 29 e 51), “Fuga-esquiva” (58 e 59), “Confronto” (40 e 47) e “Reavaliação Positiva” (56). Seis itens desse fator não foram encontrados no estudo de adaptação (Savóia et al., 1996).

Nove itens compuseram o terceiro fator, denominado aqui de “Evitação” (EFEv), compreendendo os esforços do indivíduo para evitar/ se distanciar momentaneamente o

contato com a situação, seja no âmbito externo ou interno. Cinco dos nove itens desse fator estão relacionados ao fator original “Afastamento”, sendo que os quatro restantes não carregaram em nenhum fator na análise de Savóia et al. (1996).

O quarto e último fator, “Apoio Social” (EFAS), apresenta quatro estratégias (Itens 8, 18, 42, 45) nas quais a solução do problema encontra-se em outra pessoa, que pode fornecer apoio emocional ou informações sobre o problema. Tanto no estudo original (Lazarus & Folkman, 1985) quanto na adaptação brasileira (Savóia, Santana, & Mejias, 1996), os itens acima compuseram o fator “Suporte Social”, agregados aos itens 31 (“Falei com alguém que poderia fazer alguma coisa concreta sobre o problema”) e 22 (“Procurei ajuda profissional”).

O primeiro item carregou no fator FP e o segundo não apresentou carga fatorial superior a 0,3 em nenhum fator. Por fim, é importante destacar que, do total de 66 itens, 15 não apresentaram cargas fatoriais iguais ou superiores a 0,3, indicando que podem não ser bons representantes de estratégias de *coping* na amostra investigada.

Consistência interna

Procedeu-se a análise de consistência interna por meio do Alfa de *Cronbach*. A análise de todos os 66 itens mostrou um índice altamente fidedigno ($\alpha=0,909$). Contudo, como visto no estudo de validade, nem todos os itens do instrumento se mostraram adequados e a escala possui quatro traços latentes. Assim sendo, aplicou-se a análise de confiabilidade das quatro subescalas geradas pela análise fatorial, eliminando da análise os itens que não carregaram adequadamente em seu fator ou tiveram cargas inferiores a 0,30. Na Tabela 6 encontram-se os índices de consistência internados quatro fatores da escala.

Tabela 7.

Consistência interna (Alfas de *Cronbach*) das quatro subescalas do Inventário de Estratégias de *Coping*

Subescalas	Alfas de <i>Cronbach</i> (α)
Focado no Problema (EFP)	0,878
Focado na Emoção (EFE)	0,828
Evitação (EFEv)	0,732
Apoio Social (EFAS)	0,689

De acordo com Zanon e Filho (2015), apenas uma subescala (EFAS) apresenta coeficiente alfa questionável ($0,69 < \alpha < 0,6$). Tal valor reduzido pode se dever ao fato de que a subescala é composta por um menor número de itens (quatro). A subescala EFP e a subescala EFEv têm bons níveis de consistência e a subescala EFEv tem um nível considerado aceitável, acima de 0,70. Por fim, pode-se afirmar que a escala de *coping* apresenta evidências de validade e precisão para a amostra de árbitros. Assim sendo, permite-se realizar as posteriores análises desta pesquisa.